

Universidade de Lisboa

Faculdade de Letras

Departamento de História



***A Terra Sigillata* e a Cerâmica de Cozinha Africana do Edifício Sede  
do Banco de Portugal (Lisboa)**

**Ana Beatriz Pereira Amaral dos Santos**

Dissertação orientada pela Professora Doutora Catarina Viegas  
Mestrado em Arqueologia

2015

“Poderia me dizer, por favor, que caminho devo tomar para ir embora daqui?”

“Depende bastante de para onde quer ir”, respondeu o Gato.

“Não me importa muito para onde”, disse Alice.

“Então não importa que caminho tome”, disse o Gato.

“Contanto que eu chegue a algum lugar”, Alice acrescentou à guisa de explicação.

“Oh, isso você certamente vai conseguir”, armou o Gato, “desde que ande o bastante.”

Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*

## **Agradecimentos**

Este trabalho apenas foi possível com a ajuda de um conjunto de pessoas a quem não poderia deixar de expressar a minha gratidão.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à Prof.<sup>a</sup> Doutora Catarina Viegas, pela sua disponibilidade na orientação deste mestrado, pelas sugestões e cedências bibliográficas e pela paciência na leitura e discussão dos textos aqui apresentados.

Ao Dr. Artur Rocha pela permissão que me concedeu para estudar este conjunto por si escavado, assim como a sua prontidão no esclarecimento de dúvidas, cedência de bibliografia, disponibilidade para fotografar todas as peças decoradas e partilha de conhecimentos de Photoshop.

À Doutora Macarena Bustamante Álvarez pela paciência em ver a totalidade das *sigillatas* sudgálicas e hispânicas, ajudando-me a reconhecer melhor os fabricos quando as peças se encontram muito desgastadas e roladas, assim como a reconhecer uma das marcas de oleiro sudgálicas.

Aos professores do mestrado em Arqueologia, que nos forneceram ferramentas para podermos crescer enquanto pessoas e enquanto investigadores.

Ao Nuno Mota, ao Pedro Miranda e à Marina Carvalhinhos por tudo o que me ensinaram durante aqueles dois anos. E à Jessica Reprezas, pois sem ela não saberia da existência deste conjunto cerâmico.

À Cátia Saque Delicado pela ajuda na marcação dos fragmentos estudados, pela amizade e companhia nos longos dias frios sozinhas nas bibliotecas.

Ao Álvaro Pereira, ao Nuno Monteiro e à Ana Olaio pela companhia nas longas horas que se tornaram em meses “fechados” na UNIARQ a inventariar e a desenhar fragmentos. Em especial ao Álvaro, pelos debates, ideias e dicas trocadas.

Aos meus restantes colegas de mestrado que comigo partilharam, naquela pequenina sala, as longas sextas-feiras durante o primeiro ano do mestrado.

Aos meus amigos, em especial à Poki, à Mari, à Sónia e à Liliana, que, mesmo estando por vezes longe, estão sempre presentes, pela paciência, companhia, risadas, motivação e pelas revisões dos textos.

E por último, à minha família: aos meus pais, às minhas avós, irmão, tios e Lucília, pela motivação, compreensão das ausências e por acreditarem. Em especial à minha mãe pelo constante apoio, colo e revisão de todos os textos (da tese e de todos os trabalhos que alguma vez fiz); Aos meus tios, a possibilidade que me deram de tirar o mestrado; E ao meu tio João e ao Alex, por existirem e pela companhia, sempre.

## **Resumo**

O estudo que realizámos incidiu sobre uma grande quantidade de fragmentos de *terra sigillata* e de cerâmica de cozinha africana que foi recolhida no decorrer da intervenção arqueológica realizada no Edifício Sede do Banco de Portugal, dirigida pelo arqueólogo Artur Rocha, na sequência da remodelação do quarteirão pombalino. Os estratos romanos consistiam em níveis de aluvião, pelo que a maioria das peças se encontrava muito rolada, tendo sido contudo possível identificar diversas categorias cerâmicas.

Assim, neste trabalho estudámos a *sigillata* de tipo itálico, a *sigillata* sudgálica, a *sigillata* hispânica do tipo Peñaflor, a *sigillata* hispânica, a clara A, C e D, a *sigillata* hispânica tardia e a cerâmica de cozinha africana, abarcando estes materiais um longo período cronológico, desde o século I a.C. até finais do V/meados do século VI d.C.

Tendo por base as formas, os fabricos e o seu enquadramento cronológico, este estudo permitiu a identificação dos padrões de consumo e de importação destas cerâmicas para a área de Lisboa, tendo sido igualmente possível comparar os dados obtidos com as informações existentes para outros sítios da área de Lisboa e do actual território português.

Sendo *Olisipo* uma cidade com uma actividade mercantil intensa, a existência destas peças nesta zona que poderá ter sido uma área portuária da cidade, não é de estranhar, e forneceu relevante contributo para o conhecimento dos ritmos de ocupação da cidade antiga. Por outro lado, a inexistência de estruturas de época romana não terá sido um inibidor de este sítio se poder tratar de uma pequena área portuária, pois a visibilidade dos portos no registo arqueológico é muitas vezes condicionada pelas condições de conservação das suas estruturas, construídas, na maioria das vezes, em madeira.

**Palavras-Chave:** Lisboa, Banco de Portugal, *Terra Sigillata*, Cerâmica de Cozinha Africana, Império Romano

Este trabalho *não* foi escrito ao abrigo do novo acordo ortográfico.

## **Abstract**

This study focused on a significant amount of *terra sigillata* and African cooking ware fragments, recovered during the archaeological excavation that took place in the Edifício Sede of Banco de Portugal, conducted by Artur Rocha, following the remodeling of a block from the time of Pombal (19<sup>th</sup> century).

The Roman levels consisted of alluvial levels and most of the fragments was heavily eroded. However, it was possible to identify different ceramics categories.

Therefore, in this work we studied the Italian type *sigillata*, South Gaulish *sigillata*, Peñaflor type of Hispanic *sigillata*, Hispanic *sigillata*, African Red Slip A, C and D, Late Hispanic *sigillata* and African cooking ware, covering a long chronological period, from the first century BC to the late 5<sup>th</sup>/mid 6<sup>th</sup> century A.D.

Based on the forms, fabrics and their chronological context, the present study allowed the identification of patterns of consumption and import of these ceramics to the area of Lisbon, and the comparison of the data with existing information for other sites in the Lisbon area and the Portuguese territory.

Being *Olisipo* a city with an intense commercial activity, the existence of these ceramics in this area that may have been a port area of the city is not surprising, and provided an important contribution to the knowledge of the occupational dynamic of the ancient city. On the other hand, the absence of Roman structures might not have been an inhibitor for place to have had a small port area because the visibility of the ports in the archaeological context is often conditioned by the conservation conditions of its structures, constructed mostly in wood.

**Key- Words:** Lisbon, Banco de Portugal, *Terra Sigillata*, African Cooking Ware, Roman Empire



## Índice

<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>1. Enquadramento geográfico e a descrição geológica do sítio do Edifício Sede do Banco de Portugal .....</b>	<b>4</b>
<b>2. Breve síntese sobre a intervenção arqueológica .....</b>	<b>5</b>
<b>3. De <i>Olisipo</i> a Lisboa: o enquadramento do sítio na Lisboa romana .....</b>	<b>8</b>
<b>3.1. A estrutura urbana da Lisboa romana .....</b>	<b>10</b>
<b>4. A <i>terra sigillata</i> e a cerâmica de cozinha africana: definições, características e centros produtores .....</b>	<b>15</b>
<b>5. Metodologia de abordagem do conjunto .....</b>	<b>28</b>
<b>6. Análise da <i>terra sigillata</i> (de tipo itálico, sudgálica, hispânica, clara A, C e D e hispânica tardia):</b>	
<b>6.1. <i>Sigillata</i> de tipo itálico .....</b>	<b>31</b>
<b>6.1.1. Caracterização tipológica e do fabrico .....</b>	<b>31</b>
<b>6.1.2. Síntese dos resultados no quadro das importações para a Lusitânia .....</b>	<b>33</b>
<b>6.2. <i>Sigillata</i> Sudgálica .....</b>	<b>37</b>
<b>6.2.1. Caracterização tipológica e do fabrico .....</b>	<b>37</b>
<b>6.2.2. Síntese dos resultados no quadro das importações para a Lusitânia .....</b>	<b>42</b>
<b>6.3. <i>Sigillata</i> Hispânica .....</b>	<b>47</b>
<b>6.3.1. Caracterização tipológica e do fabrico .....</b>	<b>47</b>
<b>6.3.2. Síntese dos resultados no quadro das importações para a Lusitânia .....</b>	<b>54</b>

<b>6.4. <i>Sigillata</i> Clara A .....</b>	<b>58</b>
<b>6.4.1. Caracterização tipológica e do fabrico .....</b>	<b>58</b>
<b>6.4.2. Síntese dos resultados no quadro das importações para         a Lusitânia .....</b>	<b>62</b>
<b>6.5. <i>Sigillata</i> Clara C .....</b>	<b>65</b>
<b>6.5.1. Caracterização tipológica e do fabrico .....</b>	<b>65</b>
<b>6.5.2. Síntese dos resultados no quadro das importações para         a Lusitânia .....</b>	<b>68</b>
<b>6.6. <i>Sigillata</i> Clara D .....</b>	<b>70</b>
<b>6.6.1. Caracterização tipológica e do fabrico .....</b>	<b>70</b>
<b>6.6.2. Síntese dos resultados no quadro das importações para         a Lusitânia .....</b>	<b>74</b>
<b>6.7. <i>Sigillata</i> Hispânica Tardia .....</b>	<b>77</b>
<b>6.7.1. Caracterização tipológica e do fabrico .....</b>	<b>77</b>
<b>6.7.2. Síntese dos resultados no quadro das importações para         a Lusitânia .....</b>	<b>78</b>
<b>7. Análise da Cerâmica de Cozinha Africana .....</b>	<b>78</b>
<b>7.1. Caracterização tipológica e do fabrico .....</b>	<b>78</b>
<b>7.2. Síntese dos resultados no quadro das importações para a Lusitânia .....</b>	<b>83</b>
<b>8. A <i>terra sigillata</i> e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa e no quadro do comércio do ocidente peninsular .....</b>	<b>86</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>94</b>
<b>Anexo 1 – Estampas</b>	
<b>Anexo 2 – Inventário Geral</b>	





## **Introdução**

Através das intervenções realizadas no Edifício Sede do Banco de Portugal foi possível recuperar uma imensa quantidade de espólio que caracteriza a evolução da Baixa lisboeta desde o período Romano Imperial até à actualidade. Esta intervenção, que teve origem nas obras de remodelação do quarteirão onde se insere o Banco de Portugal, foi dirigida pelo arqueólogo Artur Rocha, a quem se agradece a autorização e cedência das cerâmicas que foram estudadas nesta dissertação, assim como o restante material gráfico e descritivo que permitiu enquadrá-las no contexto do local da sua descoberta.

O material por nós estudado cingiu-se à *terra sigillata* e à cerâmica de cozinha africana recolhido no decorrer da intervenção. Estas cerâmicas foram encontradas na sua maioria em níveis de aluvião, apresentando por vezes um grau de rolamento acentuado. A ausência de estudos geomorfológicos da zona ribeirinha não nos permite ter certezas quanto à real localização da linha de costa em época romana, nem mesmo se estes materiais se encontrariam já em níveis de aluvião nessa época ou se isso é uma consequência das mudanças que ocorreram ao longo dos anos. No entanto, neste local, a existência de um pequeno porto não é de descartar. A ausência de estruturas de época romana no sítio do Banco de Portugal não significa que não poderá ter existido um porto nesta área. Tal como refere Bernal Casasola (2010, p. 70), estes poderiam ser construídos com recurso a madeira, que é um material muito perecível, localizando-se o sítio do Banco de Portugal bastante próximo das zonas industriais pesqueiras até agora conhecidas. Esta proximidade justificaria a existência desse pequeno porto para embarque e desembarque de mercadorias essenciais às indústrias. Existem várias possibilidades explicativas para a presença destes materiais nesta área, estes podem ser originários tanto da zona industrial situada mais a norte, tendo sido arrastados para a zona do Banco de Portugal, como podem também ser provenientes de naufrágios ou de restos de carga deitada ao rio.

A cronologia do conjunto abarca um período longo, iniciando-se no século I a.C., com os fragmentos de *sigillata* de tipo itálico, chegando aos finais do século V/meados do VI d.C., com os exemplares de *sigillata* clara D. Contudo, a maioria dos exemplares que compõem a amostra situa-se entre meados do século II d.C. e o século III/inícios do IV d.C. A *sigillata* de tipo itálico é relativamente escassa, sendo as produções norte africanas as mais abundantes, existindo exemplares de *sigillatas* sudgálicas e hispânicas também em grande número, assim como de *sigillata* hispânica do tipo Peñaflores e de

*sigillata* hispânica tardia, em menor número, o que demonstra o carácter relativamente mais tardio do conjunto.

Os objectivos principais deste estudo foram a identificação e caracterização do consumo e da importação destas categorias cerâmicas, através da identificação das tipologias presentes no conjunto, da análise dos fabricos e do seu enquadramento cronológico, comparando os dados obtidos com os existentes para outros sítios da área de Lisboa e do actual território português.

A documentação com que comparámos o espólio do Banco de Portugal é proveniente de sítios com ocupações e funcionalidades distintas. Em alguns casos trata-se, por exemplo, de materiais originários de sítios com diferentes tipos de intervenções (acompanhamento; investigação; prevenção; salvamento), gerando por isso conjuntos muito desiguais do ponto de vista quantitativo, o que deve ser tido em conta no momento de se realizar a comparação.

Iniciámos o trabalho com o “Enquadramento geográfico e a descrição geológica do sítio”, no qual apresentámos a localização do Edifício Sede do Banco de Portugal e a caracterização geológica da área onde se encontra o mesmo. No ponto relativo a uma “Breve síntese da intervenção arqueológica”, apresentámos as metodologias e condicionalismos que a mesma encontrou, mas também os diferentes períodos cronológicos identificados, detalhando mais pormenorizadamente a informação referente ao período romano. No enquadramento acerca da cidade de Lisboa procurámos apresentar um quadro histórico-arqueológico sobre a primeira fase de instalação em época romana. Por outro lado, tendo por base o conjunto dos dados actualmente disponíveis acerca da ocupação romana da cidade de Lisboa procurou-se identificar distintas áreas da cidade e as suas diferentes funcionalidades, durante o alto império e a antiguidade tardia.

Daqui partimos para o estudo da *terra sigillata* e da cerâmica de cozinha africana, tendo procurado sintetizar as suas principais características (definição das suas formas, dos seus fabricos e dos seus centros produtores), assim como os estudos existentes sobre estas cerâmicas até agora. Na metodologia privilegiámos a descrição dos critérios que foram utilizados na abordagem ao espólio: os critérios de classificação e as opções que tomámos no tratamento das cerâmicas, assim como as limitações que estas apresentavam.

O estudo desenvolveu-se com a caracterização da amostra, que é composta por 324 exemplares de *terra sigillata* e 162 de cerâmica de cozinha africana (NMI), seguindo tanto quanto possível uma ordem cronológica, começando assim pela *terra sigillata* de

tipo itálico, a mais antiga do conjunto, seguindo-se a *sigillata* sudgálica, a *sigillata* hispânica (a que se juntou a *sigillata* hispânica do tipo Peñaflor), a *sigillata* clara A, C e D e terminando na *sigillata* hispânica tardia. Dentro de cada categoria cerâmica seguiram-se as tipologias de referência, analisando-se em primeiro lugar as formas lisas e depois as decoradas, as marcas de oleiro e os grafitos, sendo que no final de cada categoria cerâmica se apresenta uma síntese comparativa do conjunto do Banco de Portugal em relação aos demais conjuntos da área de Lisboa e do território português. Para as cerâmicas de cozinha africana seguiu-se a mesma linha de análise.

No final procurou-se realçar os resultados obtidos, integrando-os no quadro do comércio romano e mostrando as diferenças entre o espólio do Banco de Portugal e os de outros sítios com os quais comparámos o nosso conjunto. Assim, através da abundância de fragmentos de *sigillata* clara A conseguimos identificar o período da época romana em que esta área ribeirinha, de interface de rio, foi mais intensamente ocupada, situando-se esse período entre os finais do século I d.C. e a primeira metade do século III. A supremacia de *sigillata* clara A não é uma realidade observável nos demais sítios da área de Lisboa, nem nos outros sítios que abordámos da Lusitânia.

A comercialização da *terra sigillata* e da cerâmica de cozinha africana seria feita quer por via marítima, pois certamente Lisboa teria diversos pequenos portos abastecedores da cidade tal como sucedeu nas demais cidades do império, quer por via terrestre, através de estradas que ligavam a cidade de *Olisipo* a outras partes do Império Romano, como por exemplo a via *Olisipo-Augusta Emerita* (Mérida).

## **1. Enquadramento geográfico e a descrição geológica do sítio do Edifício Sede do Banco de Portugal**

O Edifício Sede do Banco de Portugal (CNS: 31018) localiza-se na cidade de Lisboa, estando integrado na extinta freguesia de São Nicolau, actual freguesia de Santa Maria Maior, ocupando todo o quarteirão entre a Rua do Comércio (nº 142-200), a Rua de São Julião (nº 155-207), a Rua do Ouro (nº 17-37) e a Praça de São Julião (nº 24-28) (Rocha, 2013, p. 135). Encontra-se na folha nº 431 da Carta Militar de Portugal, com as coordenadas geográficas médias de latitude 38°42'31.40"N e de longitude 9°8'18.45"W (Fig. 1).

Em termos geológicos, este sítio insere-se no Holocénio, do período Quaternário da era Cenozóica. Tal como vem representado na Carta Geológica de Portugal, na folha nº 34-D (Fig. 2), os níveis holocénicos são caracterizados por depósitos arenosos, de cascalho e lama, que estão associados à transgressão marinha e às condições do nível do mar, característicos da área ribeirinha de Lisboa (Pais *et al.*, 2006). Esta Carta Geológica, abrange a Bacia do Baixo Tejo “(...) testemunhada por afloramentos de sedimentos cenozóicos (...)” (Pais *et al.*, 2006, p. 28). A bacia tectónica só se começou a desenvolver após o Paleogénico. Assim, durante o Miocénico há evidências da “(...) presença de sedimentos marinhos na área vestibular do Tejo (S e SW da Bacia), que passam a sedimentos fluviais para o interior (a N e NE), (...) A Bacia do Baixo Tejo corresponde a uma depressão tectónica alongada grosso modo na direcção NE-SW, que sofreu subsidência principalmente no decurso do Miocénico. No seu interior, o conjunto sedimentar Cenozóico encontra-se geralmente sub-horizontal a ligeiramente inclinado (...)” (Pais *et al.*, 2006, p. 30). A estrutura geológica da área abrangida pelo Edifício Sede do Banco de Portugal corresponde a “(...) uma vasta área da qual afloram sedimentos pliocénicos e quaternários que ocultam as rochas mais antigas, miocénicas, paleogénicas e do substrato mesozóico.” (Pais *et al.*, 2006, p. 31).

O substrato geológico desta região é composto por calcários, basaltos, areias e argilas, existindo inclusive registos históricos da exploração destes recursos geológicos, contudo, com o passar dos anos, muitas destas explorações foram abandonadas, dando lugar à construção de edifícios, consequência da pressão urbanística, pouco planeada (Pais *et al.*, 2006, p. 41).

O Edifício Sede do Banco de Portugal situa-se numa área que, do ponto de vista topográfico, “(...) era um vale ao longo do qual corria um braço de rio, que se presume

navegável até à Idade Média.” (Bugalhão, 2001, p. 15) (Fig. 3), encontrando-se portanto possivelmente o porto de *Olisipo* perto desta zona, como o comprovam as intervenções realizadas na Praça D. Luís I (Parreira e Macedo, 2013), sendo o porto de *Olisipo* “(...) um dos mais importantes portos de toda a fachada atlântica, ponto de contacto entre dois mundos, o Mediterrânico e o Atlântico, estatuto esse que irá, ao longo da História, condicionar a sua evolução e o seu incontornável apelo enquanto cidade portuária.” (Pimenta, 2004, p. 20). Este porto era um importante interface de comunicação e de comércio, facilitando a troca de matérias-primas e demais mercadorias.

Em suma, tal como quase toda a zona ribeirinha, o Edifício Sede do Banco de Portugal situa-se numa zona de aluviões sedimentares, em áreas outrora roubadas ao rio.

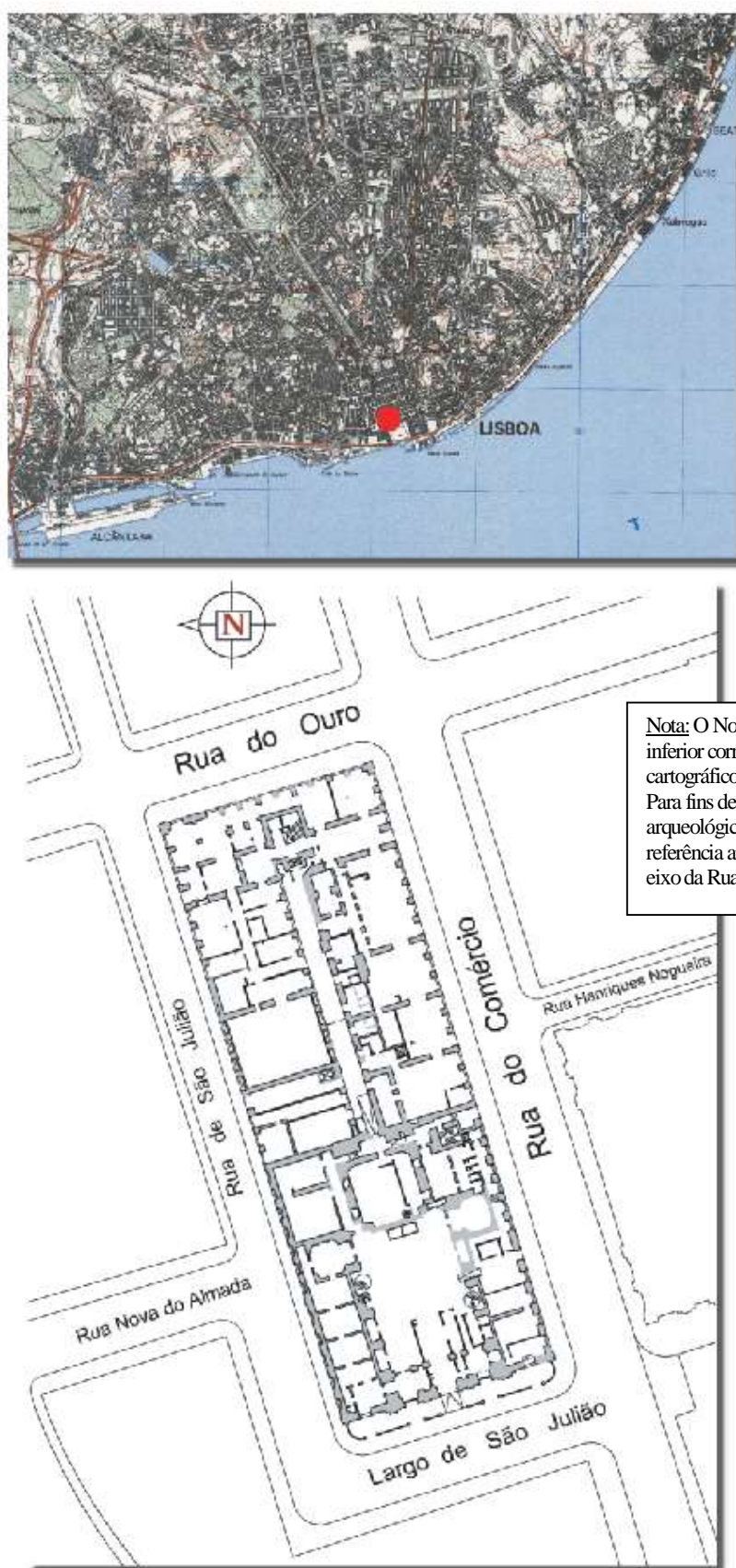
## **2. Breve síntese sobre a intervenção arqueológica**

O Edifício Sede do Banco de Portugal ocupa o quarteirão circunscrito pelas Ruas do Comércio, do Ouro e de São Julião e pela Praça de São Julião. As intervenções neste sítio inseriram-se num plano de remodelação do edificado do quarteirão pombalino. Assim, em 2008 foi realizada uma sondagem arqueológica, na qual foi possível detectar dois conjuntos distintos: um primeiro relacionado com a Igreja de São Julião, hoje reconvertida em Museu do Dinheiro, a oeste, e um outro conjunto, a leste, nos edifícios correntes<sup>1</sup>, agora usados pelos serviços do Banco de Portugal. Com base nesta sondagem, foi contratada uma equipa da empresa de arqueologia Arqueohoje, dirigida pelo arqueólogo Artur Rocha. Assim, entre 2010 e 2012 foi realizada uma escavação arqueológica no local (Rocha *et al.*, 2013, p. 1011).

Através dos dados obtidos no decorrer desta intervenção, foi possível traçar uma parte significativa do percurso histórico da cidade. A ocupação humana neste local encontra-se documentada desde a época Romana Imperial até à actualidade, tendo sido recolhido um vastíssimo acervo com “(...) cerca de 130 000 fragmentos cerâmicos e de 310 esqueletos *in situ* e 30 ossários, para lá de um conjunto de várias dezenas de milhar de fragmentos de fauna (...)” (Rocha *et al.*, 2013, p. 1011). Foram colocados a descoberto níveis de praia de época romana e islâmica, a muralha de D. Dinis, hoje musealizada, além de partes do Paço Real da Ribeira, a Igreja Patriarcal de São Tomé e a necrópole

---

<sup>1</sup> “ (...) antigos prédios de rendimento entretanto aglomerados;” (Rocha *et al.*, 2013, p. 1011).

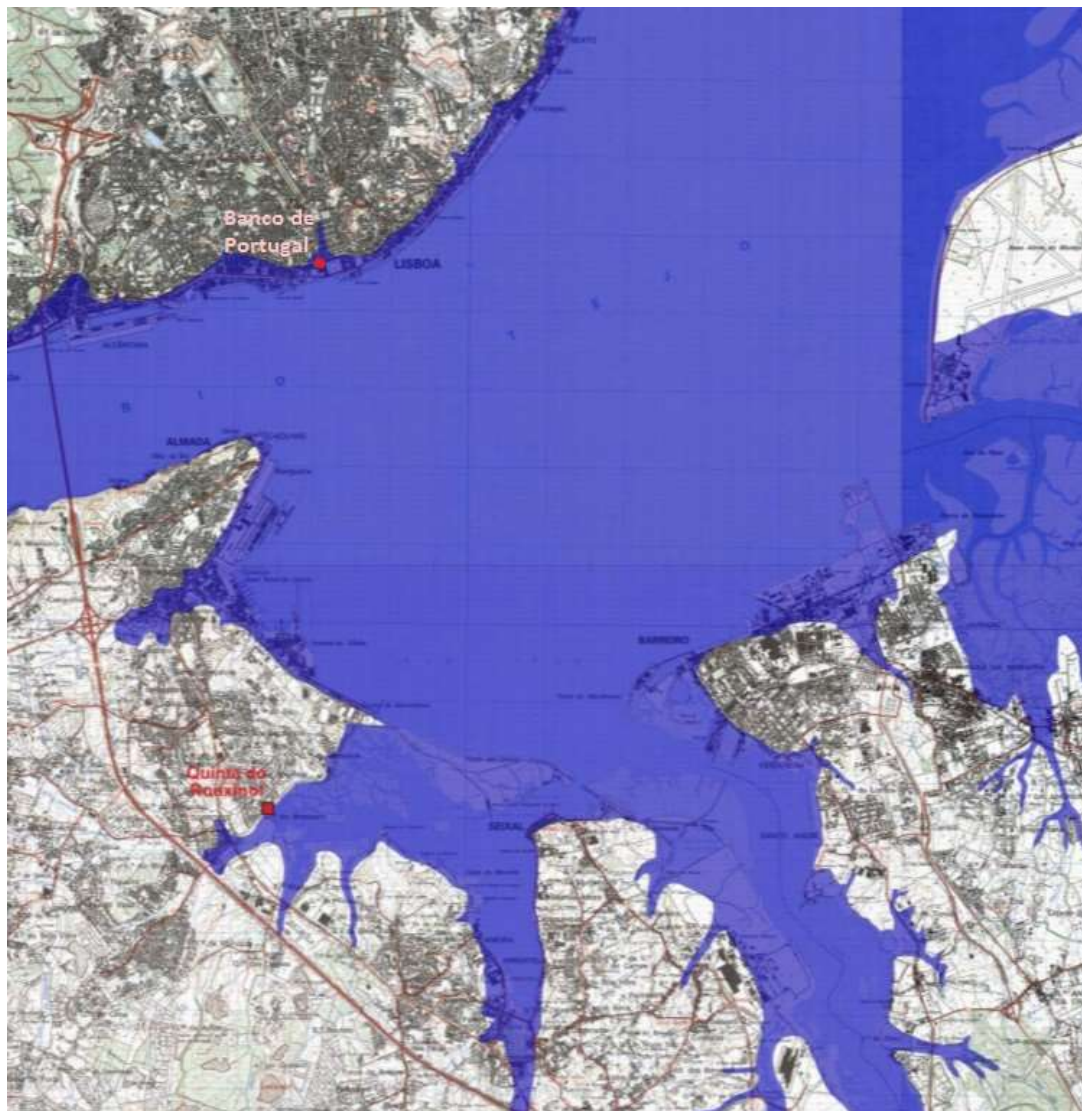


**Figura 1** – Localização do Edifício Sede do Banco de Portugal, na folha nº 431 da Carta Militar de Portugal (escala 1: 25 000) e mais pormenorizadamente o quarteirão que ocupa (cedido pelo Dr. Artur Rocha).





**Figura 2** – Carta Geológica de Portugal, escala 1: 50 000, folha 34-D – Lisboa, com a localização do Edifício Sede do Banco de Portugal (adaptado)



**Figura 3** – Mapa com proposta de linha de costa em época romana (Santos, C., 2011; adaptado)



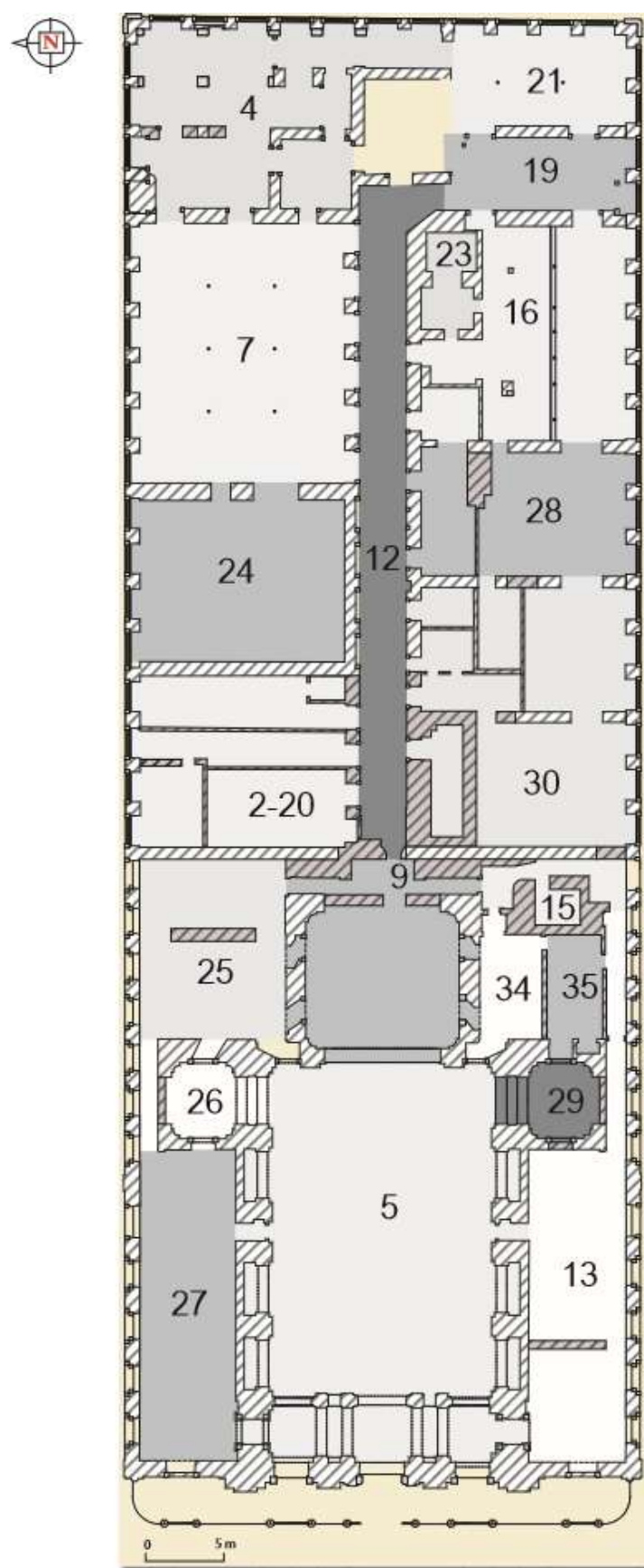
da igreja de São Julião. (Rocha, 2013, p. 135).

No decorrer desta intervenção foram abertas várias sondagens (Fig. 4), embora aqui tenhamos optado por descrever apenas os contextos romanos que apresentavam *terra sigillata* ou cerâmica de cozinha africana, por serem o objecto de estudo deste trabalho. Assim, a sondagem 2-20, situada no canto NE dos edifícios correntes, dividia-se em quatro blocos estratigráficos com cronologias diferentes, dos quais apenas descreveremos o primeiro. Neste caso, foram identificados níveis de aluvião, distribuídos por cinco horizontes sedimentares (Fig. 5 e 6), com cores e granulometria distintas, com cerca de um metro de espessura, sendo que os que melhor se conseguiram caracterizar foram os do período Romano Imperial e da época Islâmica. Após ter sido tentada a escavação manual, concluiu-se que esta não era adequada aos depósitos em causa, uma vez que estes eram, na sua maioria, depósitos que se encontravam abaixo do nível freático (Fig. 7 e 8), tendo-se prosseguido, na maior parte das situações com a escavação mecânica (Rocha *et al.*, 2013, p. 1012; Rocha, 2011, p.15).

Assim, as unidades estratigráficas de época romana foram agrupadas em dois horizontes, diferenciados através da sua cor, o Cinzento [20126], [20158] e [20168], mais antigo, que assentava directamente no substrato geológico, e o Vermelho [20121], [20125], [20146], [20157], [20134], [20139], [20150], [20162], [20167], [20151] e [20152], mais recente. Ambos eram compostos por muitos seixos rolados e espólio cerâmico com grande rolamento e com uma coloração clara de tom amarelado (Rocha, 2011, p.46).

Foi identificada uma quantidade significativa de espólio romano neste bloco da sondagem 2, composto maioritariamente por fragmentos de ânforas, tendo sido possível determinar diversas proveniências, sendo predominantes as produções Lusitanas das zonas Tejo/Sado. Recolheram-se abundantes fragmentos de *terra sigillata* e de cerâmica de cozinha africana, de cerâmica comum e de material cerâmico de construção (Rocha *et al.*, 2013, p. 1012).

A abundância de fragmentos anfóricos denota uma intensa actividade mercantil, que se pode associar a um cais ou fundeadouro nas proximidades do sítio. A hipótese de alguns destes fragmentos cerâmicos serem provenientes de naufrágios não se exclui (Rocha *et al.*, 2013, p. 1012), contudo, para uma situação de naufrágio seria de esperar uma maior quantidade de peças de perfil completo, o que não sucedeu. As distintas hipóteses acerca da funcionalidade desta área serão discutidas *infra*.



**Figura 4** – Distribuição das sondagens (cedido pelo Dr. Artur Rocha).



**Figura 5** – Perfil estratigráfico onde se observam os Horizontes Amarelo, Verde e Vermelho  
(Fotografia cedida pelo Dr. Artur Rocha).



**Figura 6** – Perfil estratigráfico onde se observam os Horizontes Amarelo, Verde e Vermelho (o horizonte romano)  
(Fotografia cedida pelo Dr. Artur Rocha).





**Figura 7** – Estado dos horizontes antes da limpeza do perfil (Fotografia cedida pelo Dr. Artur Rocha).



**Figura 8** – Aspectos dos Trabalhos: Sondagem 2-20 (Fotografias cedidas pelo Dr. Artur Rocha).

Na sondagem 7, localizada num edifício da Rua de São Julião, foi possível identificar diversas realidades cronológicas, tendo algumas perturbações provocadas pela constante presença de água, assim como pela existência de um estrato de transição entre os depósitos medievais e romanos, de definição algo incerta. Apesar disso, a identificação dos horizontes Cinzento [7139] e do Vermelho [7137] foi possível, pois as camadas apresentavam as mesmas características que as existentes na Sondagem 2, tal como sucedeu com a sondagem 12 [12131], [12201], [12205], [12206] e [12230], localizada no saguão, onde foi realizada uma escavação manual no seu limite ocidental, para se poder comprovar essa semelhança entre ambas. Por último, a sondagem 30 localizou-se no que outrora foram dois edifícios distintos (um virado para a Rua do Comércio e outro a oeste). Esta apresentava uma reduzida potência estratigráfica pois já havia sido construída uma cave no mesmo local, o que impossibilitou leituras arqueológicas mais extensas. Ainda assim, uma grande quantidade de espólio cerâmico foi recolhido nesta sondagem, na qual foi possível também distinguir um sedimento de aluvião de época romana imperial, com os mesmos horizontes cronológicos existentes nas outras sondagens [3050], [3052], [30128], [30136] e [30133] (Rocha, 2011, p. 45-115).

Apesar da grande quantidade de materiais, na maioria de uso doméstico, não se registou a presença de estruturas que comprovassem a urbanização da área. A deposição sucessiva de sedimentos aluvionares criou uma praia com cotas elevadas, sendo que todo o local era influenciado pelas flutuações do rio Tejo, o que tornava arriscado qualquer tipo de construção.

No que concerne ao período islâmico, os materiais recolhidos são maioritariamente domésticos e de produção local, não tendo sido encontradas estruturas desta fase, tal como acontece no período romano (Rocha, 2013, p. 136).

Os primeiros edifícios construídos no local, que remontam à Idade Média, assentavam sobre uma “(...) plataforma deixada pelo assoreamento progressivo do leito do rio, do qual resultará a substituição da zona anteriormente submersa por um extenso areal, datável entre os séculos I e XIII d.C.” (Rocha *et al.*, 2013, p. 1012). A muralha de D. Dinis é construída nesta fase. Nos séculos XIV e XV foi igualmente construído a norte da muralha a Judiaria Nova e a sul as Tercenas. Os contextos medievais encontravam-se perturbados pela construção de uma caixa forte, no século XX (Rocha, 2013, p. 137).

Já em época Moderna, a área circundante da muralha sofreu uma alteração com a construção do Paço Real. Associada ao Paço Real, foi identificada a Igreja Patriarcal de

São Tomé, situada cronologicamente entre os séculos XVII e XVIII (Rocha, 2013, p. 138). O espólio recolhido desta fase de ocupação é maioritariamente composto por cerâmica comum, faianças e porcelanas (Rocha *et al.*, 2013, p. 1013).

O grande terramoto de 1755 e a consequente destruição que este originou provocou mudanças significativas na organização cidade, pois a movimentação das terras, a queda de prédios, os incêndios e o tsunami, obrigaram ao “(...) entulhamento e aterro das ruínas, e consequente subida das cotas soleiras (...)” seguido da “(...) reorganização da planimetria dos edifícios.” (Rocha *et al.*, 2013, p. 1014).

Deste período pós-terramoto, destaca-se a construção, sobre a anterior Igreja Patriarcal destruída em 1755, da Igreja de São Julião. Esta igreja funcionou também como necrópole na primeira metade do século XIX, da qual, no decorrer da intervenção arqueológica, se fez o levantamento de vários esqueletos e ossários. Identificaram-se também cinco poços com estruturas idênticas entre si e um conjunto de estacarias, que corresponde a uma das soluções arquitectónicas usadas na época, que permitia erguer edifícios em locais cujos sedimentos eram instáveis (Rocha *et al.*, 2013, p. 1015 e 1016).

Em suma, com esta intervenção foi possível não só caracterizar demograficamente a paróquia de S. Julião no século XIX, através das análises antropológicas efectuadas aos esqueletos, como também traçar toda a evolução deste quarteirão de Lisboa desde o período Romano Imperial até aos dias de hoje, tendo-se colocado a descoberto não só um troço inédito da muralha de D. Dinis e outras estruturas associadas, assim como um vastíssimo espólio que se estende por todas as épocas de ocupação do sítio, algum dele actualmente em estudo.

### **3. De *Olisipo* a Lisboa: o enquadramento do sítio na Lisboa romana**

O núcleo urbano de Lisboa fixou-se e progrediu na colina do Castelo de São Jorge, à entrada do rio Tejo, junto ao estuário do rio, num local que possui elevado controlo visual sobre a paisagem e boas condições para a implantação de um porto junto às margens do estuário.

Ao contrário do que acontece com as ocupações mais antigas da colina do Castelo de Lisboa, para as quais é difícil traçar um padrão evolutivo de ocupação, para a Idade do Ferro isso é possível, nomeadamente entre o século VII e o III a.C., apesar de não ser uma cronologia muito precisa (Sousa, 2011, p. 23). A ocupação sidérica de *Olisipo* encontra-se bem estudada, tendo sido intervencionados vários locais como o Claustro da Sé, com

vestígios de ocupação desde a segunda metade do século VI a.C. (Arruda, Freitas e Vallejo Sánchez, 2000); a Rua de São João da Praça, com ocupação desde meados do século III a.C. (Pimenta, Calado e Leitão, 2005); a Casa dos Bicos (Amaro, 2002, p. 13) e a Rua de São Mamede ao Caldas (Calado, 2008, p. 12), ambas com ocupação desde o século VIII a.C., ou o Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, com ocupação desde o século V a.C. (Bugalhão, 2001; Sousa, 2011), nos quais se encontrou uma grande concentração de materiais de cariz orientalizante. Através destas e de outras intervenções realizadas na colina podemos concluir que se trata de uma ocupação com uma dimensão considerável (Arruda, 2002, p. 223 e 224; Sousa, 2011, p. 28) com uma implantação privilegiada, com boas condições naturais, tais como controlo visual e proximidade a recursos hídricos (Sousa, 2011, p. 28).

Foi este cenário que os romanos encontraram aquando da sua chegada à Península Ibérica. A ocupação romana da Península Ibérica, nos finais do século III a.C., teve um carácter essencialmente militar, promovendo o restabelecimento da paz, após terem vencido os últimos rebeldes (Fabião, 1992, p. 212).

Em 197 a.C. assinala-se a primeira divisão administrativa da Península Ibérica, sendo esta dividida em duas províncias: a Hispânia Ulterior, a ocidente, e a Hispânia Citerior, a oriente (Fabião, 1992, p. 212).

Em 155 a.C. teve início a «Guerra Lusitana», que decorreu até 138 a.C. Foi nesse ano que se realizou a primeira grande campanha militar romana no território português. Esta foi liderada pelo governador da Ulterior, Décimo Júnio Bruto, que estabeleceu acampamento na cidade de Móron e usou a localização privilegiada de *Olisipo*, junto ao estuário do rio, para ter domínio sobre a entrada no mesmo (Pimenta, 2014, p. 46). Apesar das dificuldades em relacionar as fontes escritas e os vestígios deixados no registo arqueológico existem alguns dados hoje disponíveis resultantes das escavações realizadas na antiga Alcáçova do Castelo de S. Jorge. Referimo-nos concretamente a um conjunto de unidades estratigráficas aí escavadas, com uma cronologia entre 140 e 130 a.C. (Pimenta, 2004, p. 129), assim como os contextos escavados no Beco do Forno (Pimenta *et al.*, 2014, p. 144) com a mesma cronologia e ainda os de Rua São João da Praça (Pimenta, Calado e Leitão, 2005).

Após esta campanha militar, as fontes literárias são escassas até ao final do século II a.C. Todavia, existem relatos de uma expedição para norte, nos inícios do século I a.C., com o objectivo de reconhecimento de território (Pimenta, 2004, p. 25).

Em 61-60 a.C. Júlio César, governador da Ulterior, comandou uma série de campanhas militares contra os lusitanos habitualmente localizados no monte Hermínio (Serra da Estrela). As fontes não são precisas, não havendo grandes relatos do modo como foram operadas as campanhas. Ainda assim, sabemos que o general se estabeleceu em *Scallabis* (Santarém). A guerra civil continuou por longos anos, muitas vezes não afectando directamente o solo português, pois os conflitos tiveram como palco a Hispânia ou outras áreas já dominadas pelo poder de Roma (Fabião, 1992, p. 223-228).

### **3.1. A estrutura urbana da Lisboa romana**

Sendo a cidade de Lisboa densamente povoada, o reconhecimento da forma como se encontrava organizada a *Olisipo* romana não é ainda claro, mas os estudos e intervenções realizados ao longo dos anos têm trazido para a luz do dia dados importantes de como seria a antiga cidade romana.

Através das inúmeras intervenções realizadas na área do Castelo de São Jorge, nas diversas áreas com cetárias e nas necrópoles, começou a compreender-se a verdadeira dimensão da área urbana de *Olisipo*, que recentemente se tem vindo a defender possuir uma área que compreenderia 15ha e não 30ha como inicialmente se propôs (Silva, 2005, p. 21). Efectivamente, anteriormente supunha-se que a cidade romana abrangeria toda a “(...) encosta Sul do morro do Castelo, onde se instalaram diversos edifícios públicos (“Templo de Cibele”, *Thermae Cassiorum*, Teatro e *forum* municipal, este com várias propostas de localização), mas também toda a ampla área artesanal e portuária localizada entre as faixas litorais do Esteiro da Baixa e do próprio Tejo (englobando o criptopórtico da Rua da Prata e as diversas unidades de transformação de pescado detectadas na “Baixa Pombalina” e Casa dos Bicos).” (Silva, 2005, p. 21). Contudo, através das intervenções mencionadas, tem sido defendido que a dinâmica ocupacional deverá ter sido outra, em que a área dos preparados piscícolas, portuária e das necrópoles, ficariam situadas no lado exterior do perímetro urbano (Silva, 2005, p. 21).

Assim, a área urbana da cidade seria delimitada por uma muralha, edificada no principado de Augusto. Vários troços desta muralha foram já colocados a descoberto (tendo sido identificados vestígios na Casa dos Bicos, na Rua São João da Praça e na Casa Sommer) (Silva, 2005, p. 21), o que ajuda os investigadores a compreender o antigo traçado muralhado romano (Fig. 9).



Quanto a alguns dos equipamentos da cidade antiga, verifica-se que o teatro romano, que foi colocado a descoberto na sequência do terramoto de 1755, possui edificação datada da época do principado de Augusto. Após diversas intervenções foram identificadas distintas áreas do teatro como o *proscenium*, o *hyposcaenium*, a *orchestra*, o início das bancadas e uma parte do *aditus maximus*. Segundo uma inscrição encontrada no *proscenium*, o teatro foi alvo de remodelações em 57 d.C. Neste local foram igualmente recolhidos diversos materiais, como fragmentos de ânforas e *sigillatas* (Fernandes, 2007, p. 32; Filipe, 2008).

Nos Claustros da Sé recuperaram-se também várias estruturas que “(...) se articula[m] com um dos *cardines* secundários da cidade (...)”, assim como espólio cerâmico (Silva, 2005, p. 23).

Quanto à localização do fórum, este possui uma implantação ainda incerta, contudo, alguns investigadores situam-no a Oeste do eixo “Catedral-Teatro Romano”, sendo possível observar pela carta topográfica feita antes do terramoto de 1755, que existe uma “(...) superfície considerada, de perfil rectangular e orientada aos quatro pontos cardeais, [que] poderia muito bem corresponder ao local de implantação do *forum* municipal de *Olisipo*.” (Ribeiro, 1994, p. 84). Já C. Fabião, de acordo com a proposta de T. Hauschild avançou com a possibilidade de este se localizar na zona do antigo Convento dos Lóios, logo acima do edifício do teatro. Este edifício, para além de ocupar “(...) uma ampla plataforma na parte superior da colina a caminho da alcáçova medieval, perfeitamente adequada a receber um grande complexo forense, que assim se acharia implantado em cota substancialmente mais elevada, quase em plano dominante de toda a cidade (...) assenta sobre um conjunto de galerias subterrâneas, de tipo criptopórtico, entulhadas (...)” (Fabião, 2009, p. 353).

Ainda pouco se conhece acerca das áreas termais de *Olisipo*. No decorrer das obras de reconstrução pós-terramoto, identificou-se uma zona termal na Rua das Pedras Negras, as Termas dos Cássios. Estas termas, de carácter público, foram edificadas ainda no principado de Augusto e permaneceram em funcionamento até ao século IV d.C. (Fernandes, 2009, p. 199). O espólio recolhido no decorrer das intervenções realizadas

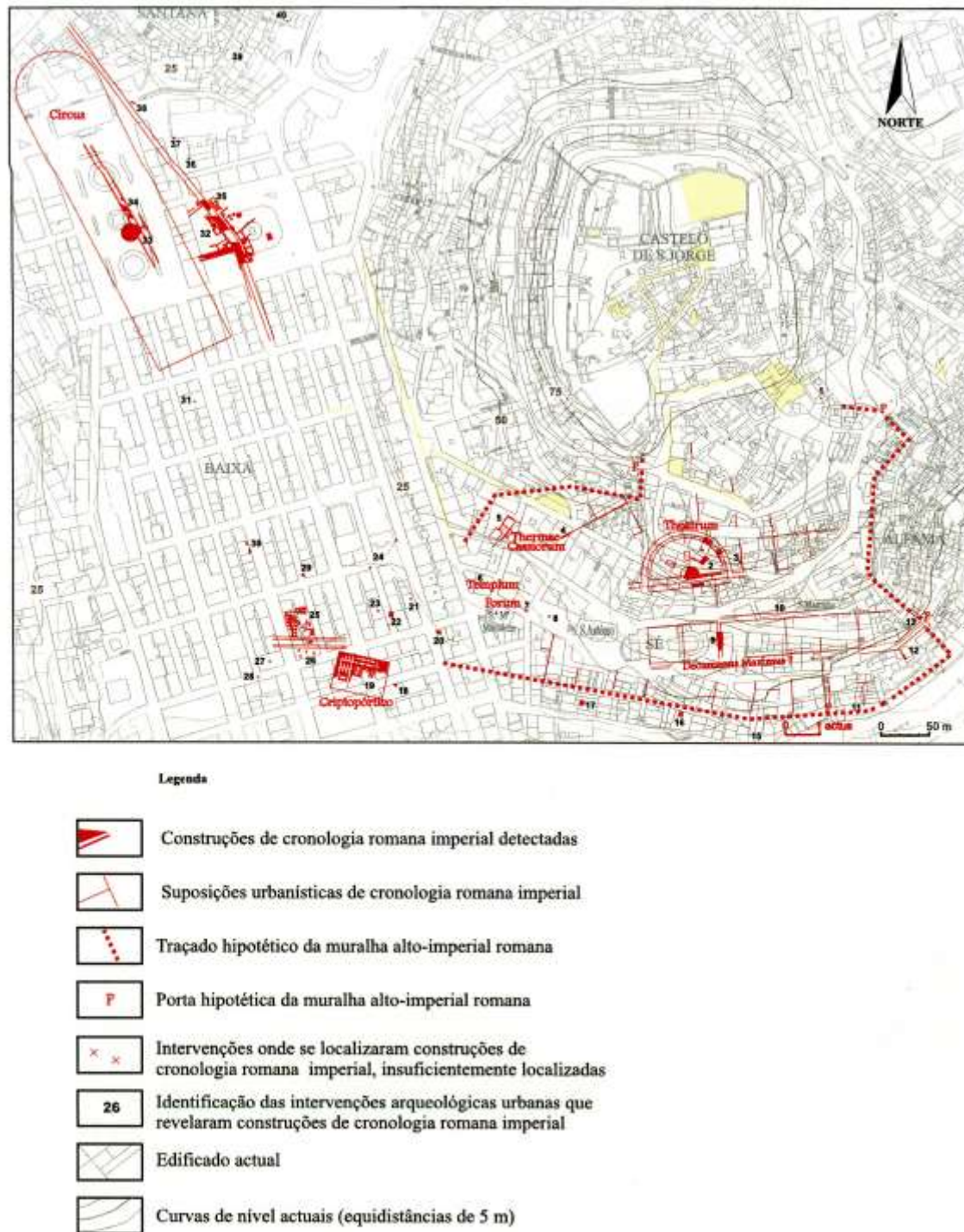


Figura 9 – Planta da Lisboa Romana (Silva, 2005)

nas termas, inclui ânforas, *sigillatas* e lucernas, assim como inscrições que permitem datar algumas das fases de construção e remodelação (Silva, 2012, p. 208-215). Também na Rua dos Correeiros se identificou um complexo termal, este possivelmente de carácter privado, devido à sua localização junto ao complexo de preparados piscícolas. Estas termas possuem uma cronologia mais tardia que as anteriores, em torno do século III, no momento em que ocorreu uma remodelação do espaço industrial, tendo sido construídas, juntamente com estruturas habitacionais, num local onde outrora tinham funcionado armazéns, o que, aliado à sua modesta dimensão, favoreceu a sua interpretação como termas privadas (Bugalhão, 2001, p. 175). Em 2005, no Beco do Marquês de Angeja, foram identificadas outras estruturas termais, edificadas nos finais do século I d.C. ou inícios do século II e abandonadas nos finais do século II ou inícios do III, não existindo ainda certezas quanto ao seu carácter público ou privado, sendo avançado pelos investigadores que, devido às suas reduzidas dimensões, possivelmente se tratariam de termas de cariz privado (Filipe e Calado, 2007, p. 5 e 6).

Por outro lado, alguns investigadores propõem que as estruturas abobadadas que constituem o Criptopórtico da Rua da Prata serviriam para suportar o fórum corporativo, cujos elementos arquitetónicos datam do I século d.C. Este ficaria perpendicular ao fórum municipal (Ribeiro, 1994, p. 84).

Na zona exterior à muralha, situavam-se as estruturas artesanais e ribeirinhas, o circo e as necrópoles.

As diversas cetárias que têm vindo a ser localizadas na Casa dos Bicos, na Rua dos Fanqueiros, na Rua Augusta, na Rua da Prata, na Rua dos Douradores e na Rua dos Correeiros permitem “(...) supor uma extensão mínima de 500m ocupados por unidades de transformação de pescado distribuídas ao longo da área suburbana ocidental de *Olisipo* e junto das margens fluviais do Tejo e do Esteiro da Baixa.” (Silva, 2005, p. 27). A localização privilegiada de *Olisipo*, na margem direita do rio Tejo, justifica a existência de uma área de preparados piscícolas neste local, onde a actividade pesqueira seria expressiva, sendo a zona ribeirinha o local mais indicado para a implantação das suas indústrias.

O circo de *Olisipo* situava-se onde hoje fica a Praça D. Pedro IV. As intervenções realizadas no local colocaram a descoberto a “(...) barreira de um circo romano e a respectiva arena.” (Sepúlveda *et al.*, 2002, p.246). A barreira era constituída por *euripus*. Foi descoberto também um troço da *spina*. A cronologia da edificação do circo gera

algum debate. Face à cronologia fornecida pelas *sigillatas* recolhidas no local (escassos fragmentos de *sigillata* de tipo itálico e de *sigillata* clara A, e o predomínio dos fabricos sudgálicos e hispânicos, num total de 138 exemplares) e pela barreira do circo assentar no substrato geológico, os investigadores que escavaram o local entre 1994 e 1997 (Sepúlveda *et al.*, 2002, p. 259) avançam que o circo terá sido erguido a partir da segunda metade do século III d.C., ou mesmo nos inícios do IV, numa época em que construções desta magnitude já não eram muito frequentes, justificando a escassez de *sigillatas* norte africanas com a grande oferta que existia no mercado de outros tipos cerâmicos, a menor preço (Sepúlveda *et al.*, 2002, p. 250). Por outro lado, outros investigadores defendem que este terá sido construído em torno do século I d.C. (Silva, 2005, p. 29).

Na parte oriental da cidade romana foram localizadas áreas funerárias ao longo da via *Olisipo-Scallabis*. As primeiras referências destas áreas ocorrem no século XVII, na Calçada do Cardeal. Também na actual estação de Santa Apolónia foram identificadas sepulturas romanas (Silva, 2005, p. 28). No Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros foi localizada outra necrópole, esta com sepulturas de inumação e incineração, datada entre as últimas três décadas do século I a.C. e a primeira metade do século I d.C., constituindo a necrópole mais antiga de Lisboa. Foi nesta época, após o abandono deste espaço funerário, que as estruturas de preparados piscícolas foram erguidas (Bugalhão *et al.*, 2013, p. 243-272).

Ainda não se conhece a verdadeira dimensão do espaço funerário da Praça da Figueira. Sabemos apenas que se situava na extremidade norte da Baixa Pombalina, estendendo-se pelo Largo de São Domingos, pela Calçada do Garcia, pela Encosta de Santana e pelo Martim Moniz. Este espaço terá funcionado como necrópole desde o século II a.C./segundo terço do I século a.C. até ao século IV d.C. (Silva, 2005, p. 38-58).

Identificou-se recentemente na Praça de D. Luís I uma mancha concentrada de fragmentos de diversas categorias de cerâmica de época romana (Parreira e Macedo, 2013, p. 747 e 745). Na mesma área recuperaram-se “(...) três grandes toros de madeira dispersos, sem entalhes, mas também um grande barrote (com cerca de 9m) de orientação NE/SO, que apresentava entalhes e mechas, elementos técnicos que sugerem esquemas de fixação característicos da construção naval romana.” (Parreira e Macedo, 2013, p. 748) que levam a supor que poderá ter existido um fundeadouro romano naquele local. Através dos exemplares cerâmicos recolhidos, entre os quais se encontravam fragmentos de ânforas, *sigillata* hispânica e *sigillata* clara A e C, cerâmica comum, cerâmica de cozinha africana

e paredes finas, assim como imitações de *sigillata* norte africana e de cerâmica de cozinha africana, foi possível estabelecer uma cronologia para o conjunto no período compreendido entre os inícios do século II d.C. e os meados do século V (Parreira e Macedo, 2013, p. 749).

A existência no Banco de Portugal, de uma quantidade tão significativa de espólio que se enquadra, em termos cronológicos, num momento próximo do que se assinala para a Praça D. Luís I, sem contudo se ter encontrado nenhuma estrutura a ele associada, leva a crer que este espólio, na sua maioria de uso doméstico e industrial, tenha sido arrastado pelas águas do Tejo, das habitações e complexos industriais encontrados mais a norte. A possibilidade de estarmos perante uma realidade idêntica à encontrada na Praça de D. Luís I pode ser igualmente equacionada. Contudo, a visibilidade das estruturas no registo arqueológico nem sempre acontece, pois estas por vezes são construídas com materiais perecíveis e deterioram-se com o passar do tempo, como veremos *infra*. O nosso caso de estudo, poderia tratar-se também de cargas de naufrágios, porém a diminuta percentagem de materiais inteiros, não apenas no conjunto das *sigillatas* e da cerâmica de cozinha africana, mas também no restante espólio recolhido, leva-nos a crer não ser esse o caso.

Embora localizado num espaço já bastante afastado das realidades industriais que mencionámos *supra*, numa área até agora ainda sem grande visibilidade arqueológica, deve ainda referir-se o complexo de produção de preparados piscícolas que foi encontrado na Casa do Governador da Torre de Belém, localizado no quarteirão definido pela Travessa da Saúde, pela Rua Bartolomeu Dias, pela Avenida da Torre de Belém e pela Avenida das Índias. Este complexo foi edificado em torno do segundo quartel do século I d.C., tendo sido abandonado entre o século V/VI. Aqui foram colocados a descoberto 34 tanques de variadas dimensões, sendo que 28 se encontravam distribuídos em torno de um pátio central (Filipe e Fabião, 2007, p. 103-118; Filipe, 2011, p. 37-93).

Apesar das intervenções no solo de Lisboa serem muitas vezes condicionadas devido à sua acentuada urbanização, a informação até agora recolhida sobre a antiga cidade romana, mostra uma dinâmica urbana comum a outras cidades do império.

#### **4. A *terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana: definições, características e centros produtores**

O conjunto de materiais que se estudou neste trabalho corresponde à *terra sigillata* (de tipo itálico, sudgálica, *sigillata* hispânica do tipo Peñaflor, *sigillata* hispânica, clara A, C e D e a hispânica tardia) e à cerâmica de cozinha africana recolhida na intervenção realizada no Edifício Sede do Banco de Portugal.

A *terra sigillata* de tipo itálico teve origem na Península Itálica, na Etrúria, na segunda metade do século I a.C.

A primeira fase desta produção decorreu de 50/45 a 30/25 a.C. As peças possuíam pastas claras, entre o laranja e o vermelho, com uma textura fina, com alguns elementos não plásticos e verniz em tons alaranjados. As peças eram lisas e inspiravam-se em formas de cerâmica campaniense (Pucci, 1985, p. 268-274; Ettlinger *et al.*, 1990, p. 4).

O último quartel do século I a.C., corresponde ao período em que a *terra sigillata* de tipo itálico se encontra na sua época áurea, uma fase que se prolonga por todo o período augustano. As peças desta fase de apogeu eram produtos de alta qualidade, de pastas bem depuradas, verniz avermelhado, brilhante e aderente. Ao serviço liso são, mais tarde, acrescentadas peças decoradas em relevo, feitas a molde. Estas peças, tanto as lisas como as decoradas, possuíam muitas vezes marcas de oleiro, que se foram tornando mais complexas com a evolução dos fabricos, passando a ser feitas dentro de uma cartela rectangular, aplicadas no fundo dos recipientes de modo central e não em posição radial. Em 15/10 a.C., às cartelas rectangulares sucedem as marcas *in planta pedis* (Roca Roumens, 2005, p. 85).

A partir de 15 d.C., o centro de Arezzo entrou em declínio, cessando as actividades em 60/70 d.C. (Roca Roumens, 2005, p. 85). No entanto, a *sigillata* de tipo itálico não foi somente produzida em Arezzo, tendo sido encontrados centros produtores também no norte da Itália, Pisa, Pozzuoli, no vale do Pó, na Baía de Nápoles e em La Murette, em Lyon (Ettlinger *et al.*, 1990, p. 4-13). Além destes centros principais também existem outros de menores dimensões que merecem referência como Faenza, Torrita di Siena, Vasanello, Cales, Venosa e Scoppieto (OCK, p. 25; Bergamini, 2014).

A produção de La Murette, em Lyon, é entendida como uma “sucursal” dos centros produtores itálicos, com características muito idênticas às produções de Arezzo, tendo produzido ainda no período de apogeu da *sigillata* de tipo itálico, de 15 a.C. a 20 d.C.

(Roca Roumens, 2005, p. 87; Viegas, 2003, p. 101). A produção de La Muette tinha como principal objectivo abastecer os acampamentos militares do *limes germanicus*.

O primeiro autor a produzir uma tipologia da *terra sigillata* de tipo itálico foi Hans Dragendorff, em 1895. Hoje já desactualizada, a designação que Dragendorff atribuiu a muitas das formas continua a ser utilizada, principalmente nas produções de *sigillatas* sudgálicas e hispânicas.

Em 1909, Loeschcke publicou os resultados do seu estudo sobre o espólio do acampamento militar romano de Haltern, no *limes germanicus*, com uma cronologia entre 12 a.C. e 9 d.C., estabelecendo uma tipologia, dividida em dois serviços: o serviço I e II de Haltern (Roca Roumens, 2005, p. 92). Nesta altura, Arezzo era tido como o único grande centro produtor de *sigillata* de tipo itálico, sendo considerado que era este o centro que abastecia os acampamentos militares do *limes germanicus*. Contudo, análises químicas dos materiais de Haltern, realizadas anos mais tarde, vieram a confirmar que apenas 10% das *sigillatas* de tipo itálico aí recolhidas eram de facto provenientes de Arezzo, tendo as demais origem em Pisa e em La Muette, em Lyon (Lesfargues e Vertet, 1976, *apud* Viegas 2003, p. 41). Estas análises vieram a comprovar que, sem se recorrer a análises laboratoriais não é possível diferenciar os vários centros produtores. Ainda assim, é consensual entre os investigadores que, recorrendo às marcas de oleiro se pode conseguir uma aproximação ao centro oleiro.

Em 1968, Goudineau publicou os dados recolhidos da intervenção realizada em três sectores de Bolsena, ordenando as formas de modo cronológico, das mais antigas para as mais recentes. Anos mais tarde, em 1985, Pucci publicou um catálogo tipológico no Atlante II, vindo a actualizar o estado da arte sobre as *sigillatas* de tipo itálico, criando inúmeras variantes (Viegas, 2003, p. 32). Em 1990, foi publicado o *Conspectus Formarum Terrae sigillatae italico modo Confectae* (Ettlinger *et al.*, 1990), tipologia que reúne todas as formas conhecidas de *sigillata* de tipo itálico, sendo a tipologia mais utilizada até aos dias de hoje. Em 1993, foi editado o volume nº 6 da revista Lattara, com o Dicocer (Py *et al.*, 1993), sendo composto por um conjunto de artigos que constituem um dicionário de cerâmicas romanas, sendo igualmente de grande utilidade para a abordagem a este tipo de cerâmicas. Em 2000, foi publicada a obra de referência usada na identificação das marcas de oleiro o *Corpus Vasorum Arretinorum* (= OCK – Oxé, Comfort e Kenrick, 2000).

Em síntese, a *sigillata* de tipo itálico apresenta formas tanto decoradas como lisas, sendo as primeiras em maior número. Algumas formas lisas ostentam *guilhoché*, um tipo decoração que era aplicado tanto no exterior como no fundo dos pratos, mas cuja presença ou ausência não serve de indicador cronológico das formas que o possuem (Bourgeois e Mayet, 1991, *apud*, Viegas, 2003, p. 42).

As peças decoradas eram fabricadas a molde. Por vezes, este apresentava a marca do oleiro que o produziu. As marcas de oleiro podem constituir um elemento datante, pois através delas é possível chegar ao nome do oleiro que produziu determinada peça, podendo igualmente avançar-se qual o centro produtor de onde eram originárias. Apesar de não ser possível distinguir os centros produtores sem recorrer às análises químicas, como já referimos, é possível através das marcas chegar a um sítio de produção mais aproximado.

Após o declínio das produções itálicas, a produção de ***sigillata sudgálica*** ganhou maior relevo, principalmente a partir dos finais de Tibério e inícios do reinado de Cláudio.

Conhecem-se vários centros produtores de *sigillata* sudgálica, sendo o principal La Graufesenque. Este é o maior centro produtor e o maior difusor deste tipo de *sigillata*. Descoberto na segunda metade do século XIX, a sua actividade teve início por volta de 20 a.C., chegando ainda a produzir, já de forma muito esporádica, até meados do século III d.C. (Polak, 2000, p. 22-25). A localização deste centro produtor, junto ao rio Aude e a importantes vias de comunicação, o que originava uma abundância de matéria-prima e de combustível (Vernhet, 1986, p. 96), facilitaram a sua longevidade enquanto centro produtor, sendo a instalação de diversas oficinas no local um meio de aumentar a produção e o escoamento dos produtos.

A produção sudgálica de La Graufesenque caracteriza-se por uma pasta fina, bege rosado, com pequenas partículas brancas. O verniz é avermelhado, muito brilhante e aderente. Estas peças possuíam por vezes marcas de oleiro no fundo interno, predominando as marcas em cartela rectangular (Beltrán Lloris, 1990, p. 89; Roca Roumens, 2005, p. 118). Esta produção integrou peças marmoreadas, caracterizadas por possuírem uma cor amarelada com pequenos veios avermelhados, que inicialmente se julgava terem sido produzidas entre 40 a 70 d.C., sendo esta cronologia hoje ampliada, reconhecendo-se que a produção começou por volta de 30 d.C., atestada pela existência das formas antigas,



sendo ainda produzida nos finais do século I/inícios do II, como comprova a existência de peças do período Flávio (Genin, 2007, p. 161).

As primeiras formas produzidas em La Graufesenque foram inspiradas nas *sigillatas* de tipo itálico, sendo muito difícil fazer a distinção entre ambas (Polak, 2000, p. 23). A estas, a partir dos 60 ou 70 d.C., vêm acrescentar-se os serviços Flávios, com formas já de origem exclusivamente sudgálicas. As formas decoradas mais comuns desta produção são as taças Drag. 29, Drag. 30 e a Drag. 37. Estas formas decoradas constituem um bom elemento datante, quando se conserva parte da decoração, pois é possível distinguir seis grandes fases de decoração: uma primeira fase “experimental”, com uma cronologia entre 10-20 d.C., com a sobreposição de pequenos motivos florais e geométricos; um período “primitivo”, datado entre 20-40 d.C., sendo produzida sobretudo a Drag. 29, com grinaldas contínuas onduladas; seguida de uma fase de “esplendor”, entre 40-60 d.C., com decoração simples, com festões e motivos vegetais e mitológicos, cenas de caça e composições de métopas. Regista-se uma pequena mudança no perfil da Drag. 29, sendo que a sua carena tem tendência a ser mais pronunciada e o bordo mais esvazado; o período de “transição”, com cronologia entre 60-80 d.C., em que os motivos passam a ser divididos por linhas horizontais; a fase de “decadência”, entre 80-120 d.C., havendo uma diminuição da qualidade do fabrico e onde a Drag. 37 ganha maior notoriedade, desaparecendo a Drag. 29; e por último, a fase “tardia”, entre 120-150 d.C., quando predominam os motivos geométricos (Vernhet, 1986, p. 100; Beltrán Lloris, 1990, p. 89; Roca Roumens, 2005, p. 120).

As peças produzidas em La Graufesenque tiveram uma grande difusão em todo o império romano, incluindo a Península Ibérica, durante o século I d.C. (Polak, 2000, p. 25; Roca Roumens, 2005, p. 120).

Outro centro produtor, com menor magnitude que La Graufesenque, mas também importante, foi Montans, que iniciou produção nos finais do século I a.C. até 10 d.C. Até esta data apenas produziam, o que os investigadores apelidaram de *pré-sigillata*. A partir dessa data, 10 d.C., teve início a produção de *sigillata*, durando essa produção até meados do século II d.C., havendo ainda alguma actividade no centro produtor até ao século III d.C. (Roca Roumens, 2005, p. 121). A *sigillata* fabricada neste centro caracteriza-se por pastas suaves, mais claras do que as de La Graufesenque, bege-rosada, adquirindo um tom alaranjado a partir do século II d.C., com fractura irregular e pouco sonora. O verniz é de cor vermelha-alaranjada escuro, por vezes acastanhado, mate

e pouco brilhante. A evolução do repertório formal de Montans é idêntica à de La Graufesenque, começando por produzir primeiro formas inspiradas nas itálicas. Estas formas desapareceram em torno de 60 d.C., quando surgem as formas dos serviços Flávios (Martin, 1986, p. 59).

As produções de Montans tiveram uma difusão sobretudo para a parte ocidental da França, principalmente na zona da Aquitânia, e para a Grã-Bretanha, para abastecer os acampamentos lá sedeados. Na Península Ibérica, a sua distribuição foi mais reduzida, concentrando-se principalmente no norte e no noroeste (Martin, 2005, p. 21-62; Polak, 2000, p. 25).

Para além dos centros produtores de La Graufesenque e de Montans, também Banassac produziu *sigillata* sudgálica, mas já numa fase mais tardia. Este centro formou-se com a instalação de oleiros vindos de La Graufesenque. A produção iniciou-se em 50/60 d.C. indo até aos anos 160-180 d.C. Não é fácil distinguir as peças produzidas em Banassac das peças produzidas em La Graufesenque. As pastas do centro produtor de Banassac são finas, com verniz mate, podendo conter por vezes partículas brancas. As *sigillatas* deste centro produtor distribuem-se pelo Sudoeste de França, chegando por vezes ao Noroeste da Península Ibérica (Roca Roumens, 2005, p. 122-123).

Uma das primeiras tipologias sobre a *sigillata* sudgálica foi concebida pelas mãos de Dragendorff, em 1895, sendo usada ainda nos dias de hoje na designação das formas, como base tipológica. Outros estudos foram surgindo, como o de Knorr em 1912 e 1952, obras em que o autor fez um apanhado das diferentes composições e motivos decorativos presentes em peças com marcas de oleiro; o de Hermet em 1934, no qual o autor analisa diversas decorações, marcas e grafitos, ajudando no estudo das mesmas; o estudo de Vernhet, publicado em 1979, onde este sintetiza o faseamento da produção da *sigillata* sudgálica, propondo seis fases cronológicas (experimental: 10-20 d.C.; primitiva: 20-40; esplendor: 40-60; decadência: 80-120; e tardia: 120-150 d.C.); o volume nº 6 da revista Lattara, Dicocer (Py *et al.*, 1993) é publicado em 1993, onde se reúnem vários autores para formar um dicionário com os diferentes grupos de cerâmicas; e o de Polak, em 2000, onde o autor publica a *terra sigillata* sudgálica recolhida em Vechten, base militar situada no curso do Reno, onde foram recolhidos cerca de 5000 peças com marca de oleiro, fornecendo dados sobre proveniências, fabricos, evolução das formas e cronologias.

O estudo sobre a origem e sobre o papel da *sigillata* hispânica tipo do Peñaflores no quadro das produções hispânicas tem suscitado uma contínua discussão no meio científico. Esta categoria cerâmica tem conhecido diferentes designações, tais como “cerâmica de verniz vermelho tardio” (Domergue, 1967, *apud* Bustamante Álvarez e Huguet Enguita, 2008, p. 297), cerâmica de “tipo Peñaflores” (Martínez, 1987 e 1989 *apud* Bustamante Álvarez e Huguet Enguita, 2008, p. 297), “*sigillata* de imitação tipo Peñaflores” (Amores e Keay, 1999, p. 235) ou “produções hispânicas precoces” (Serrano Ramos, 1999, p. 231), entre outras. Em síntese, estamos perante produções que tiveram como inspiração as formas de *sigillata* de tipo itálica, sudgálicas, de paredes finas e de engobe vermelho pompeiano, durante os inícios do I a.C. e o século V (Bustamante Álvarez, 2013, p. 63; Vázquez Paz e García Vargas, 2014, p. 301).

Esta *sigillata* caracteriza-se por possuir um revestimento argiloso, pouco homogêneo, de tonalidade laranja-avermelhada. A pasta é, por norma, de cor bege alaranjada ou rosada, bem depurada, com pequenas micas e calcites (Amores e Keay, 1999, p. 236; Bustamante Álvarez, 2013, p. 63).

Segundo a tipologia de Martínez Rodríguez (1989), as peças dividem-se genericamente em quatro formas e suas variantes: o tipo I é composto por taças inspiradas nas formas de *sigillatas* de tipo itálico e sudgálico e tem cinco variantes (de A a E); o tipo II são as taças e páteras que imitam as formas sudgálicas e subdivide-se também em cinco variantes como o anterior; já o tipo III é inspirado nas formas de engobe vermelho pompeiano e é composto por quatro variantes (de A a D); e por último, o tipo IV consiste em imitações de formas de paredes finas, não possuindo nenhuma variante (Amores e Keay, 1999, p. 236 e 237).

Escavado entre 1979 e 1980, o sítio de Peñaflores, antiga *Celti*, é tido como um dos centros produtores desta *sigillata*, tendo sido identificada uma estratigrafia desde o século VIII a.C. até à época romana tardia. Em Peñaflores foi recuperada uma imensa quantidade de materiais de diversas formas, muitas das quais apresentam grande semelhança relativamente às formas de *sigillata* itálica, tendo obtido aí inspiração. Recuperaram-se igualmente neste sítio desperdícios cerâmicos, achado muito frequente em centros produtores e forte indicador dos mesmos (Amores e Keay, 1999, p. 237 e 239; Vázquez Paz e García Vargas, 2014, p. 302).

Contudo, F. Mayet sugeriu *Isturji* (Andújar), como outro possível centro produtor, pois em Los Villares foram recolhidas peças deste tipo cerâmico juntamente com as primeiras

imitações de paredes finas e das primeiras *sigillatas* (Serrano Ramos, 1999, p. 232; Vázquez Paz e García Vargas, 2014, p. 302).

Um terceiro centro produtor foi sugerido após os achados na necrópole de La Constância, em *Colonia Patricia* (Córdoba), onde se identificaram abundantes fragmentos dos tipos I e II de Martínez nos níveis Júlio-Cláudio (Vargas y Moreno, 2004 *apud* Bustamante Álvarez e Huguet Enguita, 2008, p. 298).

Outro centro produtor de *sigillata* hispânica do tipo Peñaflor situa-se em Cádiz, nas oficinas do Jardín do Cano, no Porto de Santa Maria, onde se identificaram fragmentos da forma I B de Martínez (López Rosendo, 2010, p. 416 e 417).

O início desta produção parece ter ocorrido em torno da época tardo-republicana e pré-augustana, encontrando-se esta cerâmica ainda presente em níveis do século V, com a imitação de formas pertencentes a *sigillatas* norte africanas (Amores e Keay, 1999, p. 240 e 241), podendo classificar-se este grupo cerâmico como “(...) la antesala de las producciones en *terra sigillata* hispánicas de la zona bética, a partir de un gusto donde la tradición hispana y las nuevas formas del repertorio *italico modo* se unen com un mismo fine en el cambio de era” (Bustamante Álvarez e Huguet Enguita, 2008, p. 297).

No conjunto formado pela ***sigillata hispânica*** distingue-se a cerâmica produzida durante os séculos I e II d.C., e a *sigillata* hispânica intermédia e tardia, produzida dos séculos III a VI d.C.

Assim, durante o século I d.C. começou a produção de *sigillata* hispânica, que vem imitar as formas da *sigillata* de tipo itálico e sudgálica, sendo os dois principais centros produtores da *sigillata* hispânica *Tritium Magallum*, em La Rioja, e Andújar, em Jáen.

De entre estes dois centros produtores, o que maior produção teve foi o de *Tritium Magallum*, tendo diversas oficinas oleiras entre as quais Tricio, Bezares, Arenzana e Nájera (Mezquíriz, 1985, p. 139). A importância deste centro ficou a dever-se principalmente à sua localização geográfica, pois situava-se junto de uma extensa rede de comunicações, tanto terrestre como fluvial, estando próximo do curso do rio Ebro, aliada à facilidade na obtenção de matérias-primas como a argila, água e combustível para a manufatura das peças (Romero Carnicero e Ruiz Montes, 1999, p. 185).

A cerâmica originária do centro produtor de *Tritium Magallum* caracteriza-se por possuir uma pasta cuidada avermelhada, com vácuos e várias inclusões, com um verniz rosa claro, compacto e brilhante (Mezquíriz, 1985, p. 109).

A actividade do centro de *Tritium* iniciou-se no reinado de Vespasiano, chegando até ao século VI já com as produções tardias (Romero Carnicero e Ruiz Montes, 1999, p. 186; Paz Peralta, 2008, p. 507; Bustamante Álvarez, 2013-2014, p. 568).

As *sigillatas* produzidas em *Tritium* difundiram-se principalmente pela Península Ibérica, chegando também à Grã-Bretanha, à região do sudeste francês, a Ostia e ao norte de África (Viegas, 2003, p. 140).

O centro produtor de Andújar, em Jaén, iniciou actividade também no reinado de Vespasiano (Bustamante Álvarez, 2013). Contudo não é fácil precisar o *terminus* da produção, mas a ausência de *sigillatas* originárias deste centro produtor em níveis de meados do século II d.C., leva a supor que a sua manufactura tenha terminado um pouco antes. O seu apogeu terá ocorrido na época dos Flávios (Sotomayor Muro, Roca Roumens e Fernández García, 1999, p. 33).

As *sigillatas* produzidas em Andújar caracterizam-se por possuírem, em linhas gerais, uma pasta castanha-avermelhada, com abundantes vácuos de pequenas dimensões e com muitas partículas amareladas argilo-calcárias, tendo um verniz brilhante, homogéneo e aderente (Fernández García e Ruiz Montes, 1999, p. 141).

As *sigillatas* hispânicas de Andújar difundiram-se pelas províncias de Granada e Málaga, onde inclusive terão sido estabelecidas várias oficinas oleiras para satisfazer as necessidades do mercado, com uma grande procura pelos produtos hispânicos (Fernández García e Ruiz Montes, 1999, p. 141). Também no norte de África e na Mauritânia se encontram *sigillatas* desta produção (Sotomayor Muro, Roca Roumens e Fernández García, 1999, p. 33).

A primeira referência sobre a *sigillata* hispânica surge em 1912 com Auguste Oxé, que menciona uma produção cerâmica localizada em *Tritium Magallum*.

Mezquíriz publicou em 1961 a primeira tipologia para as *sigillatas* hispânicas, partindo das tipologias já existentes de Dragendorff, de Ritterling e de Hermet, mas também criando novas formas, as “hispânicas”, e definindo cronologias a partir dos dados estratigráficos obtidos nas escavações de Pamplona. Mayet publicou, em 1984, uma importante monografia sobre a *sigillata* hispânica, enunciando todas as oficinas e produções até então identificadas. Em 1985, Mezquíriz, editou no “*Atlante delle forme ceramiche*”, uma revisão da síntese feita em 1961. Em 1999 teve lugar uma mesa redonda, em homenagem a Mezquíriz, cujo objectivo foi actualizar o estado dos conhecimentos sobre as categorias cerâmicas (hispânica e de tipo Peñaflor) e os diferentes

centros produtores, tendo assim o contributo de diversos investigadores, formando a obra “*Terra sigillata hispánica, Centros de fabricación y producciones altoimperiais*” (Roca Roumens e Fernández García, coords.). Em 2008, foi publicado o estado da questão sobre as cerâmicas hispano romanas fazendo-se uma revisão e compilação dos dados existentes, sendo apresentados artigos sobre a *sigillata* hispânica do tipo Peñaflor (Bustamante Álvarez e Huguet Enguita, 2008, p. 297-306), *sigillata* hispânica (Fernández García e Roca Roumens, 2008, p. 307-332) e *sigillata* hispânica intermédia e tardia (Paz Peralta, 2008, p. 495-539). E, em 2013, foi publicada a tese doutoramento de Macarena Bustamante Álvarez sobre a *terra sigillata* hispânica de *Augusta Emérita*, propondo, com base em contextos arqueológicos bem datados, uma evolução morfológica das formas já conhecidas.

A partir dos finais do século I/inícios do século II d.C. começou a surgir uma nova produção de *sigillata*, as ***sigillatas* norte africanas**, dividindo-se em *sigillata* clara A, C e D, de fabricos muito diferentes quer a nível de pastas quer do engobe.

Os primeiros investigadores a caracterizar a *sigillata* norte africana foram Waagé, em 1933 e 1948, com os dados obtidos nas escavações da Ágora de Atenas, apresentando três fabricos diferentes (Late Roman A, B e C) e Lamboglia, em 1958 e 1963, propondo uma denominação diferente - *terra sigillata chiara* e uma tipologia dividida com quatro fases (de A a D) datadas dos finais do século I aos finais do IV. Posteriormente, foi a construção tipológica realizada por Hayes, em 1972, que se constituiu como a base para o estudo destas cerâmicas. Em 1981 foi publicado no Atlante I uma sistematização da informação produzida por Hayes, pelas mãos de Carandini e Tortorella, assim como uma nova proposta tipológica. Em 2004, Bonifay publicou o seu estudo, no qual apresenta uma síntese dos estudos realizados até à data, assim como várias áreas de produção e difusão para estas *sigillatas*.

A *sigillata* **clara A** corresponde à primeira fase das produções norte africanas, caracterizando-se por ter uma pasta de cor laranja-avermelhada, com uma textura granulosa, com pequenas partículas de quartzo e calcário visíveis a olho nu. Tem por norma um engobe brilhante, lustroso e de boa qualidade, da mesma cor da pasta, que cobre a superfície externa e interna das peças (Hayes, 1972, p. 289).

Em 1981, Carandini veio completar a distinção dos fabricos baseando-se na tipologia criada por Hayes, em 1972, isto é, dentro do fabrico A. Neste contexto, distinguiu três

fabricos diferentes (A1, A1/2 e A2) aos quais atribuiu diferentes cronologias, do mais antigo para o mais recente. A distinção criada por Carandini baseou-se sobretudo nas diferenças que ocorrem no engobe que cobre as peças, sendo no A1 um engobe de melhor qualidade e mais brilhante, enquanto que o A2, já se apresenta de menor qualidade, mais fino e menos brilhante (Carandini, 1981, p. 19).

O início da produção de *sigillata* clara A terá ocorrido entre os finais do século I e os inícios do II d.C., sendo nesta fase que o fabrico conheceu uma melhor qualidade (A1). Contudo foi em meados do século II e durante o III d.C. que alcançou o auge da sua difusão, com pastas e engobes ainda com um fabrico de boa qualidade (A1/2) (Viegas, 2003, p. 165).

Apesar de ainda não se ter encontrado nenhum centro produtor para este tipo cerâmico, a origem da sua produção não foi colocada em causa, pois “(...) *les études pétrographiques, l’aspect du vernis ou encore la filiation punique de certaines formes la rattachent à l’Afrique.*” (Bonifay, 2004, p. 45).

Hayes colocara a origem da produção da *sigillata* clara A no norte da Tunísia, mais concretamente em Cartago, hipótese que é aceite e reforçada por Carandini (Bonifay, 2004, p. 45). No entanto, Bonifay questiona-se quanto à possibilidade de a *sigillata* clara A ter sido produzida em Oudhna, pois o aspecto granulado e o engobe que cobre este tipo cerâmico é semelhante ao das cerâmicas produzidas nessa oficina (Bonifay, 2004, p. 47). Já a produção **A/D** foi definida por Hayes como sendo um fabrico comum numa série de recipientes do início do século III d.C., principalmente em pratos de grandes dimensões, com uma pasta mais grosseira, um engobe mais espesso e brilhante, com tendência para escamar, sendo comum aparecerem finas marcas de polimento (Hayes, 1972, p. 289; Carandini, 1981, p. 52 e 53).

A produção de *sigillata* clara **C** iniciou-se no século III e prolongou-se até ao século V, tendo sido produzida na área da Bizacena central (centro da Tunísia) (Bonifay, 2004, p. 50). Nesta distinguem-se cinco fabricos: o C1, que surge entre os finais do século III ou os inícios do IV d.C., apresenta uma pasta e engobe de boa qualidade, podendo o engobe ter um aspecto marmoreado; o C2, que surge na segunda metade do século III e possui uma pasta com superfícies polidas, rosada, engobe fino, cobrindo apenas a parte interna e a parte superior externa dos mesmos; o C3, comum durante o século IV e a primeira metade do V, apresenta uma pasta mais grosseira e granular, com engobe mais fino e mate, cobrindo o interior e a parte superior externa da peça; o C4, que surge nos

finais do IV e inícios do V, possui uma pasta rugosa, com algumas partículas de calcite, e engobe mais espesso e levemente lustroso; e por último, o C5, comum durante a segunda metade do século V, com um engobe mais fino e polido (Hayes, 1972, p. 289-292; Carandini, 1981, p. 58 e 59).

A *sigillata* clara C possui ainda algumas peças com decoração em relevo, produzidas umas a molde e outras em relevo aplicado. Trata-se de peças pouco comuns, tendo uma cronologia de finais do século IV/inícios do V. As decorações de relevo aplicado são mais comuns, com cronologia do século III/IV e inícios do V (Hayes, 1972, p. 217 e 220).

A *sigillata* clara D foi diferenciada por Carandini e Tortorella (1981), mais uma vez tendo por base a obra de Hayes (1972), em diversas fases de produção às quais correspondem diferentes características de pastas e engobes. Assim, a primeira fase do fabrico D1 situa-se entre o século IV e V, e apresenta uma pasta que varia entre fina e grosseira, com engobe de diferentes espessuras, com tendência a ser pouco lustroso, não cobrindo a totalidade da superfície externa das peças. A segunda fase do fabrico D1 surge entre os finais do século V e meados do VII, possuindo um engobe mais fino, com tendência a uma superfície “borbulhosa”. Já o fabrico D2, cuja primeira fase surge entre os finais do século IV e inícios VI, apresenta uma pasta mal cozida e um engobe espesso, brilhante e polido. A segunda fase do D2, datada entre os finais do século V e meados do VII, caracteriza-se por ter um engobe mais espesso, semi-lustroso e polido (Hayes, 1972, p. 291 e 292; Carandini e Tortorella, 1981, p. 78).

Tendo por base a investigação realizada no território tunisino, Bonifay procedeu a uma reorganização da produção da *sigillata* clara D, tendo distinguido quatro centros produtores ou oficinas: uma no baixo vale do Mejerda; outro em Oudhna; um terceiro em Sidi Khalifa; e o “*atelier X*”, ainda sem localização confirmada, sendo este definido com base em parâmetros estilísticos (Bonifay, 2004, p. 48 e 49).

No decorrer do século IV até ao VI, a decoração estampada é muito característica na produção de *sigillata* africana. Esta decoração surge em largos fundos internos de pratos e tigelas. Hayes distinguiu três fases na evolução desta decoração. A primeira fase comporta o estilo A (i; ii; iii), com início no século IV até ao último quartel do V; o estilo B, de meados do século IV ao primeiro quartel do V; e o estilo C, datado dos finais do século IV até meados do século V. Estes estilos são representados com diferentes motivos geométricos e florais, combinados com composições radiais ou bandas em torno do fundo (Hayes, 1972, p. 217 e 220). A segunda fase, datada de meados do século V ao início do



VI, à qual corresponde o estilo D, caracteriza-se por representar animais, principalmente pássaros de várias espécies, e símbolos cristãos (como os “*cross-monogram*”) (Hayes, 1972, p. 220). A terceira fase, à qual corresponde o estilo E (i; ii), caracteriza-se pela utilização de figuras humanas e animais de outras espécies, com uma cronologia do primeiro quartel do século VI ao início do século VII (Hayes, 1972, p. 221).

A difusão desta cerâmica foi feita principalmente por via marítima, tendo uma ampla distribuição por toda a bacia do Mediterrâneo. A produção e exportação da *sigillata* norte africana permite-nos observar o desenvolvimento económico que a África Proconsular, Bizacena e Tripolitana atingiram a partir do século II. Este desenvolvimento está documentado não só através da *sigillata*, mas também através da exportação de outras cerâmicas, como as de cozinha africana, às quais nos iremos referir mais adiante, e de produtos alimentares (Bonifay, 2004, p. 48-49).

Como já mencionámos *supra*, a ***sigillata hispânica tardia*** começou a ser produzida em torno de 330, quando surgiu a forma Drag. 37t e desapareceram as formas hispânicas intermédias, prolongando-se a produção de hispânica tardia até inícios do século VI (Paz Peralta, 2008, p. 507).

Este fabrico caracteriza-se por possuir pastas de menor qualidade, produzidas com argilas mais pobres, cozidas a temperaturas mais baixas, de cor rosa-alaranjadas, com vernizes laranjas, porosos, pouco aderentes e opacos, apresentando grandes influências das produções norte africanas, quer nas formas quer no fabrico (Mezquíriz, 1985, p. 109; Paz Peralta, 2008).

Esta *sigillata* foi produzida nas oficinas de *Tritium*, do vale do médio Ebro e da Meseta, sendo depois distribuída pelos mercados dos rios Douro e Ebro, de Léon, Palencia e Zamora, assim como pela área do rio Tejo (Paz Peralta, 2008, p. 498-501; Beltrán Lloris, 1990, p. 118).

A obra de referência para a análise da *sigillata* hispânica tardia é, como já mencionámos *supra*, a publicada em 2008 sobre o estado da questão das cerâmicas hispano romanas, onde Paz Peralta (p. 495-539) apresenta dados sobre esta categoria cerâmica. Também Mezquíriz (1985) faz referência a estas cerâmicas mais tardias.

No mesmo período de produção e distribuição da *sigillata* norte africana, outro tipo cerâmico ganhava peso nos mercados, a **cerâmica de cozinha africana**.

Este tipo cerâmico foi definido por Tortorella como “(...) vasellame di comune uso domestico, distinto dalla cerâmica comune di produzione locale (...)” (1981, p. 208). Bonifay (2004, p. 67) dividiu a cerâmica de cozinha africana em três grandes grupos de fabrico: o fabrico A, de cerâmicas com afinidades à *terra sigillata* norte africana A, representado pelas formas Hayes 23A, Hayes 23B e Hayes 181 (principalmente as variantes já tardias), tendo este grupo origem provável no norte da Tunísia, na região de Cartago; o fabrico B, composto por cerâmicas com polimento em bandas (“*polita a strisce*”), encontra-se representado pelas formas Hayes 181, 182, 184 e 185, com produção na Bizacena; e por último, o fabrico C, composto por cerâmicas de pátina cinzenta ou bordo enegrecido, representado pelas formas Hayes 191 à 198, com uma produção situada principalmente no norte da Tunísia, mas tendo também algumas oficinas na Bizacena e na área Tripolitana, as quais produziam também Hayes 183. O fabrico C pode ainda ser subdividido em fabrico C/A, com origem no norte da Tunísia, sendo as formas Hayes 196 e 197 as mais características; e o fabrico C/B, com produção na Tunísia Central, do qual a forma Hayes 183 e a variante sem engobe da Hayes 184 são as melhores representantes (Bonifay, 2004, p. 67).

A cerâmica de cozinha africana caracteriza-se por possuir, em linhas gerais, uma pasta de cor vermelha-alaranjada, muito porosa e com pequenos elementos de quartzo (Tortorella, 1981, p. 208). As formas deste tipo cerâmico são para uso doméstico e culinário, constituindo-se essencialmente por tachos, caçoilas e pratos/tampas. Alguns destes recipientes apresentam fundos estriados, com pequenas caneluras, como as formas Hayes 23 e Hayes 197, que serviriam para uma melhor difusão do calor por todo o recipiente fazendo os alimentos cozerem de forma mais rápida (Sánchez, 1995, p. 267).

Esta cerâmica começou a ser produzida a partir do século I d.C., sendo a sua fase de apogeu em meados do século II d.C., quando surgem novas formas que serviriam para conter líquidos, como jarras, púcaros e potes, assim como novas variantes das formas já existentes (Aquilué, 1995, p. 71).

Actualmente conhecem-se três grandes áreas produtoras (zona de Cartago e zona do centro e sul da Tunísia) a partir das quais, no século I d.C., foram difundidas para toda a área do Mediterrâneo Ocidental. Na segunda metade do século II d.C. a sua distribuição atingiu igualmente a costa Tripolitana e Marrocos (Tortorella, 1981, p. 210).

Uma das obras de referência para o estudo da cerâmica de cozinha africana é a “Late Roman Pottery” de Hayes, publicada em 1972. Os dados tipológicos foram,

posteriormente revistos e complementados por Tortorella, em 1981. Em 1995, Xavier Aquilué publicou uma divisão por categorias, inserindo as formas de Hayes e de Tortorella em diversas categorias funcionais. Posteriormente, Bonifay introduziu novos dados sobre os centros produtores, que obteve através de prospecções realizadas no litoral da Tunísia (2004).

## **5. Metodologia de abordagem ao conjunto**

A classificação dos fragmentos de *terra sigillata* e de cerâmica de cozinha africana foi realizada com base nas principais tipologias de referência que existem para cada tipo cerâmico, tendo sido analisado o conjunto quer do ponto de vista tipológico quer dos fabricos. Esta classificação teve algumas limitações, pois o conjunto apresenta os vernizes e engobes muito degradados e uma grande percentagem dos fragmentos encontra-se com rolamento muito acentuado, tendo sido inclusive colocado o grau de rolamento dos fragmentos (do muito acentuado; acentuado; ao ligeiro) como um dos descritores no inventário dos mesmos. Apesar destas limitações, sempre que foi possível atribuiu-se um fabrico ao fragmento, assim como se tentou sempre relacionar os fabricos com as formas, a fim de se ter uma melhor aproximação à realidade dos materiais utilizados e descartados nesta área ribeirinha da cidade de Lisboa.

A análise da *sigillata* foi feita tendo por base a tabela de inventário geral que nos foi cedida, já com o número de inventário, acrónimo do sítio (BPLX), Unidade Estratigráfica, categoria cerâmica, tipo de fragmento e de grau de rolamento. A esta acrescentámos o número da peça quando representada graficamente, assim como o número da estampa onde se encontra, o tipo de fabrico e as dimensões dos fragmentos. Mais concretamente, registou-se a medida do diâmetro (bordo ou fundo), a altura máxima conservada do fragmento (A.M.C.) e a espessura da parede (Esp. Par.), sempre em centímetros. Para a cerâmica de cozinha africana procedeu-se da mesma forma, sendo que adicionámos no campo das dimensões a altura do bordo (Alt. Bor.) e a espessura do bordo (Esp. bor.).

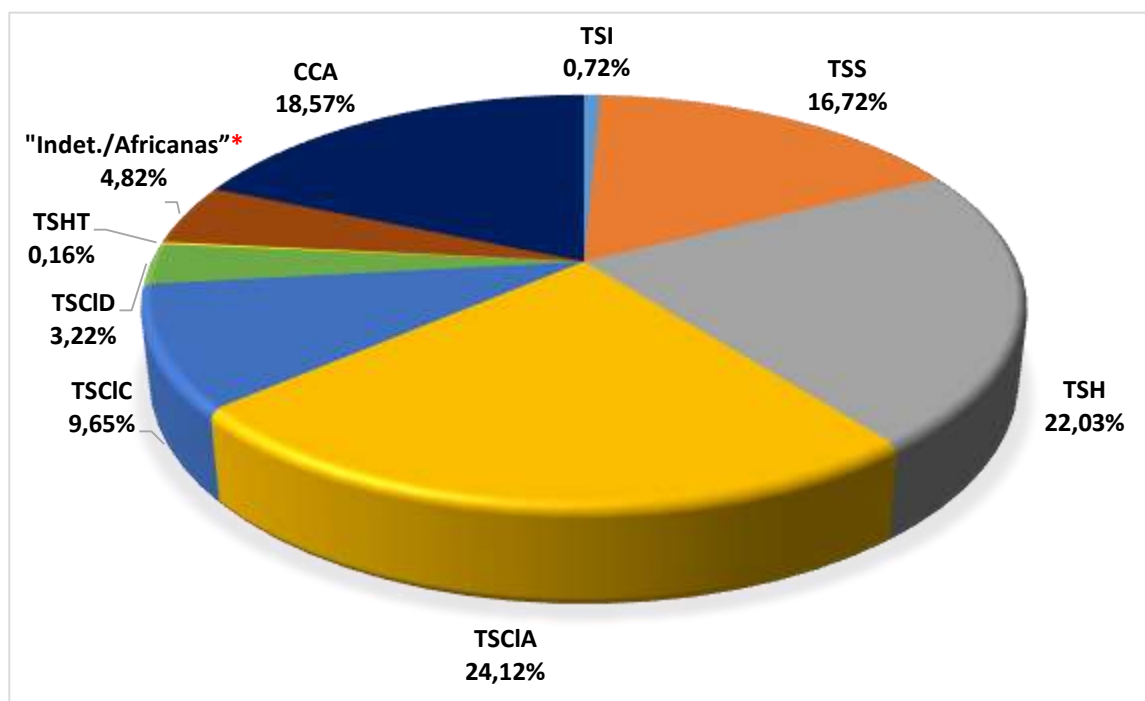
No Edifício Sede do Banco de Portugal registou-se um total 1244 fragmentos: 953 fragmentos (324 NMI) de *terra sigillata*, 231 fragmentos (162 NMI) de cerâmica de cozinha africana e 60 fragmentos de difícil distinção aos quais atribuímos a designação de “Indet./Africanas” (Tabela 1 e Gráfico 1). De facto, devido ao acentuado rolamento e desgaste de muitos dos fragmentos que compõem o conjunto em estudo, por vezes foi-nos difícil enquadrá-los nas categorias cerâmicas. Assim, 60 indivíduos foram colocados

na categoria “Indet./Africanas” (Tabela 2), pois não conseguimos fazer a distinção entre *sigillata* norte africana e cerâmica de cozinha africana. Apenas conseguimos observar as pastas, que possuem características das cerâmicas norte africanas. Estes fragmentos encontram-se muito rolados, sem engobe e são de reduzidas dimensões. Um destes fragmentos (nº 149) pode ter sido trabalhado para servir de peça de jogo, contudo, o seu acentuado desgaste não nos permite afirmá-lo com certeza.

Como método de quantificação seguiu-se o critério do Número Mínimo de Indivíduos (NMI), como é proposto no Protocole de Beauvray (1998), por Arcelin e Tuffreau-Libre. Assim, identificámos os fragmentos que caracterizavam uma determinada forma, na maioria dos casos o bordo, mas por vezes a carena, a moldura, a meia-cana ou mesmo o fundo. Optámos por contabilizar todos os fragmentos decorados de *terra sigillata* sudgálica e hispânica, independentemente de se tratar de formas iguais, pois as decorações constituem bons indicadores cronológicos e de proveniências.

Para a comparação do nosso conjunto com os demais sítios lisboetas deparámo-nos com informação proveniente de diferentes tipos de intervenções (preventiva/salvamento; investigação; acompanhamento; etc.), de diferentes formas de edição (trabalhos académicos; relatórios de escavação; artigos em congressos; etc.), assim como de distintas áreas funcionais da cidade antiga (teatro; necrópoles; cetárias; circo; termas; etc.). Por outro lado, os conjuntos possuem grandes desigualdades, do ponto de vista quantitativo, devendo estas comparações ser tomadas de forma cautelosa.

Representou-se em estampa os fragmentos mais representativos de cada forma, à escala 1:3, excepto as formas decoradas, que foram representadas à escala 1:2 e as marcas de oleiro, reproduzidas à escala de 1:1. Juntamente com os desenhos dos fragmentos de *sigillata* decorada e das marcas de oleiro, apresentam-se as fotografias dos mesmos, tiradas e cedidas pelo Dr. Artur Rocha, sendo depois por nós adicionadas às estampas.



**Gráfico 1** – Distribuição do total dos fragmentos das diferentes categorias cerâmicas estudadas, em percentagem.

Categorias Cerâmicas	Fragmentos	Percentagem Frag.	NMI	Percentagem NMI
TSI	9	0,72%	5	1,03%
TSS	208	16,72%	65	13,37%
TSH	274	22,03%	87	17,90%
TSCIA	300	24,12%	125	25,72%
TSCIC	120	9,65%	26	5,35%
TSCID	40	3,22%	15	3,09%
TSHT	2	0,16%	1	0,21%
"Indet./Africanas"*	60	4,82%	–	–
CCA	231	18,57%	162	33,33%
<b>Totais</b>	<b>1244</b>	<b>100,00%</b>	<b>486</b>	<b>100,00%</b>

**Tabela 1** – Total de fragmentos e de Número Mínimo de Indivíduos (NMI) por categoria cerâmica e respectivas percentagens.

"Indet./Africanas"*		Nº Frag.
Indeterminadas	Bordos	2
	Bojos	34
	Fundos	23
	Peça de Jogo?	1
<b>Total</b>		<b>60</b>

**Tabela 2** – Distribuição dos fragmentos das "Indet./Africanas"\*.

\* "Indet./Africanas" – Fragmentos com acentuado rolamento e desgaste, não sendo possível fazer a distinção entre *sigillata* norte africana e cerâmica de cozinha africana.

## 6. Análise da *terra sigillata* (de tipo itálico, sudgálica, hispânica, clara A, C, D e hispânica tardia):

### 6.1. *Sigillata* de tipo itálico

#### 6.1.1. Caracterização tipológica e do fabrico

A *terra sigillata* de tipo itálico em estudo apresenta um total de nove fragmentos, correspondendo a 0,94% do total de *sigillatas* presentes no Edifício Sede do Banco de Portugal, tendo apenas cinco NMI (Gráfico 2).

A reduzida dimensão deste conjunto dificultou o estabelecimento de grupos de fabricos. Apesar disso, a existência de diferentes características nos vários fragmentos permitiu a observação de dois fabricos distintos.

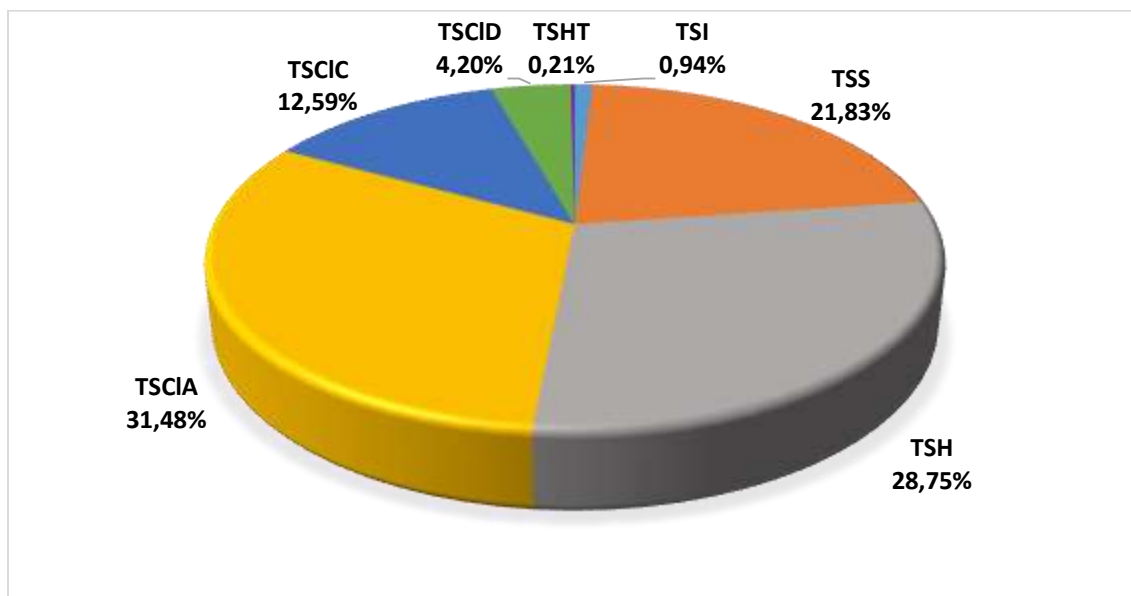
O fabrico 1, composto pela maioria dos fragmentos, é caracterizado por uma pasta clara, rosada (Munsell 7.5YR 8/4), dura, homogénea e com poucas partículas brancas de pequena dimensão. O engobe apresenta algum brilho, de cor vermelho escuro (Munsell 2.5YR 4/8) e encontra-se bem distribuído.

O fabrico 2, composto apenas por um fragmento, caracteriza-se por possuir uma pasta mais escura, acastanhada (Munsell 7.5YR 6/3), homogénea, calcites de pequena dimensão e pequenos vácuos. O engobe é mate, de cor vermelho escuro (Munsell 2.5YR 4/4) e pouco homogéneo.

Foi possível classificar quanto à sua morfologia quatro fragmentos (Tabela 3) de acordo com a tipologia utilizada, o *Conspectus Formarum Terrae Sigillatae Italico Modo Confectae* (Ettlinger *et al.*, 1990).

#### Forma Consp. 18

Corresponde a um prato de fundo plano e de bordo vertical côncavo (Ettlinger *et al.*, 1990, p. 82). No Edifício Sede do Banco de Portugal apenas se identificou um fragmento de bordo pertencente à variante Consp. 18.2 (nº 1), possuindo um diâmetro de 28 cm. Esta variante apresenta uma moldura externa no bordo, frequentemente com *guilhoché*, com uma canelura interna. Foi produzida nos principais centros de produção de *sigillata* de tipo itálico. A forma Consp. 18 situa-se cronologicamente entre a última década do século I a.C., tendo sido encontrada em pequenas quantidades em Oberaden e Dangstetten, e o reinado de Tibério, evoluindo depois para a forma Consp. 20 (Ettlinger *et al.*, 1990, p. 82). O prato Consp. 18 foi difundido por todo o domínio romano, sendo a variante



**Gráfico 2** – Distribuição das categorias de *sigillata* estudadas, em percentagem.

TSI		Nº frag.	NMI
Formas lisas	Consp. 18.2	1	1
	Consp. 22.1	1	1
	Consp. B 1.2	1	1
	Consp. B. 1.11	1	1
Formas indeterminadas		5	1
Marcas de Oleiro		[1]	[1]
<b>Total</b>		<b>9</b>	<b>5</b>

**Tabela 3** – Distribuição das formas de *terra sigillata* de tipo itálico  
(o que está entre parenteses rectos já havia sido contabilizado nas formas indeterminadas).

Consp. 18.2 a mais comum e a mais difundida.

Esta forma pertence a um conjunto de pratos de maior ou menor dimensão, no qual as formas Consp. 20 e 21 também se enquadram, assim como a taça de bordo vertical, da forma Consp. 22, que compõem o que Loeschecke denominou de serviço II de Haltern.

### **Forma Consp. 22**

A forma Consp. 22 corresponde a uma taça troncocónica com bordo vertical, côncavo e com um fino *guilhoché*, podendo o fundo apresentar-se plano ou curvo. No conjunto em estudo, apenas se identificou um fragmento de bordo desta forma, na variante Consp. 22.1 (nº 2), que apresenta um bordo moldurado interna e externamente. Esta forma foi produzida nos principais centros produtores de *sigillata* de tipo itálico e distribuída por todo o império Romano, tal como a forma Consp. 18. A forma Consp. 22 foi encontrada em Oberaden, Rödgen e Dangstetten em maiores quantidades que a forma Consp. 18, pelo que deve ter começado a ser produzida um pouco antes, em torno da segunda década do século I a.C. (Ettlinger *et al.*, 1990, p. 90). Esta taça corresponde aos pratos das formas Consp. 18, 20 e 21, do chamado serviço II de Haltern.

### **Fundos**

Foi possível classificar os dois fundos existentes no conjunto, segundo o *Conspectus Formarum Terrae Sigillatae Italico Modo Confectae* (Ettlinger *et al.*, 1990). Trata-se de fundos de pratos, pertencendo um deles à forma Consp. B 1.2. (nº 4), que poderá corresponder ao prato Consp. 1, uma das mais antigas formas de *sigillata* de tipo itálico. Esta forma é bastante frequente nos níveis mais antigos de Bolsena e de Magdalensberg datados de 40-15 a.C. O outro fundo pertence à forma Consp. B 1.11 (nº 3), podendo corresponder ao tipo Consp. 3.2, 4.6, 6, 20 e 21, datadas do período Tibério-Flávio.

### **Marcas de Oleiro**

No reduzido conjunto de *sigillatas* de tipo itálico encontra-se um pequeno fragmento com a marca de oleiro onde se pode ler TAR (nº 5). Esta marca pode ser atribuída, segundo o *Corpus Vasorum Arretinorum*, a L. TARQUITIUS, que produziu em Arezzo, entre 15 a.C. e 15 d.C. (OCK: p. 418). Apesar de incompleta, a marca em estudo é idêntica ao punção OCK 2040.15 presente no *Corpus Vasorum*, em que se observa o A e o R em nexos.



### **6.1.2. Síntese dos resultados no quadro das importações para a Lusitânia**

O conjunto de *sigillata* de tipo itálico do Banco de Portugal é composto por cinco indivíduos classificáveis. A forma mais antiga corresponde ao fundo Consp. B 1.2, que pode ter pertencido à forma Consp. 1, situada cronologicamente entre 40 e 15 a.C., enquanto a forma mais tardia do conjunto é o fundo Consp. B 1.11, que pode corresponder às formas Consp. 3.2, 4.6, 6, 20 e 21, datadas desde o período de Tibério a Flávio. Igualmente relevantes neste conjunto são os bordos das formas Consp. 18.2 e Consp. 22.1, assim como a marca de oleiro.

Apesar de a amostra ser de reduzida dimensão foi possível estabelecer comparações com outros sítios do actual território português (Fig. 10 e 11).

Na zona de Lisboa, foram realizadas diversas intervenções ao longo dos anos, contudo a maioria dos resultados continua ainda por publicar, o que gera uma grande lacuna a nível de informação. Ainda assim, através de alguns, poucos, trabalhos é possível traçar um quadro do consumo deste tipo de produtos durante a época romana nesta área, principalmente recorrendo à tese de doutoramento de R. Banha da Silva (2012), onde este elaborou uma síntese de todas as intervenções que ocorreram na Península de Lisboa, com o objectivo de estudar as marcas de oleiro, apresentando igualmente em alguns casos, uma listagem das demais *sigillatas* recuperadas nas intervenções. Assim, na Rua das Pedras Negras, n.ºs 22-28, no edifício onde se encontram as Termas dos Cássios, foram identificados 21 indivíduos datados do período tardo-augustano a Cláudio, sendo as formas mais frequentes a Consp. 22, Consp. 18.2 e a Consp. 4.4 (Silva, 2012, p.208). No jardim do Palácio dos Condes de Penafiel identificaram-se vestígios das Termas dos Cássios, assim como 521 fragmentos de *sigillata* (226 NMI), sendo as de tipo itálico pouco abundantes, com 32 exemplares. Estas estão datadas do período médio/tardo-augustano e de Tibério. As formas mais numerosas são a Consp. R. 50, Consp. 18, Consp. 24.1 e Consp. 12.2 (Silva, 2012, p. 232). Na Calçada do Correio Velho - Via Pública, as obras de remodelação de 1993, suscitaram a realização de uma escavação de emergência, onde se detectaram contextos idênticos aos do Palácio dos Condes de Penafiel, da qual foram estudados 44 exemplares de *sigillata*. As *sigillatas* de tipo itálico presentes no conjunto são a segunda categoria mais abundante, com 12



**Figura 10** – Mapa da Península Ibérica com os principais sítios mencionados. Localização aproximada. (Viegas, 2003, p. 14 – Adaptado)



**Figura 11** – Mapa da área de Lisboa com indicação dos principais sítios mencionados. Localização aproximada.

**1** – Edifício Sede do Banco de Portugal; **2** – Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros; **3** – Casa dos Bicos; **4** – Rua dos Bacalhoeiros; **5** – Rua das Pedras Negras; **6** – Calçada do Correio Velho – Via Pública; **7** – Claustros da Sé; **8** – Rua de São Mamede ao Caldas; **9** – Teatro Romano de Lisboa; **10** – Rua da Saudade; **11** – Rua São João da Praça; **12** – Rua dos Remédios; **13** – Rua Augusta **14** – Praça da Figueira; **15** – Praça D. Pedro IV – Circo; **16** – Praça do Município; **17** – Rua da Regueira; **18** – Rua dos Douradores/Rua de São Nicolau/Rua da Conceição; **19** – Fundeadouro Romano da Praça D. Luís I; **20** – Castelo de São Jorge; **21** – Rua dos Fanqueiros; **22** – Cadeia do Aljube/Rua Augusto Rosa; **23** – Palácio dos Condes de Penafiel; **24** – Antigos Armazéns Sommer;



indivíduos, apresentando uma cronologia em torno dos meados de Augusto a Tibério, com a presença das formas Consp. 18.2, 22.1, 20.4, 21.3 e 33 (Silva, 2012, p. 245). No decorrer das intervenções realizadas na Rua de São Mamede ao Caldas - Via Pública foram recolhidos 32 exemplares de *sigillata* de tipo itálico, cujas formas dominantes são a Consp. 31.1, a Consp. 22.1 e a Consp. 23.4. (Silva, 2012, p. 248). No teatro romano foram identificadas diversas peças com marca de oleiro, datadas entre meados de Augusto e o terceiro quartel do I d.C., no decorrer das campanhas de 2005-2006, na “(...) área a sul do monumento romano, onde foi detectada a enorme estrutura do *postcaenium*, destinada a suportar a fachada cénica, assim como a área da colina onde este monumento foi edificado (...)” (Sepúlveda e Fernandes, 2009, p. 139-147). No espólio recolhido durante as intervenções realizadas no Palácio dos Condes de Coculim/“Casa Sommer” apenas se atesta *sigillata* sudgálica e de tipo itálico. Entre a *sigillata* de tipo itálico identificaram-se as formas Consp. 22, 22.1.4, 12, 18.2, 20, 20.3 e um cálice hemisférico (Silva, 2012, p.299). Na Rua dos Remédios nº 1-9, onde em 2005 se identificaram restos do troço de um embasamento de muro em alvenaria, foram recolhidos 21 indivíduos de *sigillata* de tipo itálico, cujos tipos mais frequentes pertencem às formas Consp. 20 e Consp. 24.1 (Silva, 2012, p. 318). Também na Rua dos Bacalhoeiros, aquando da intervenção no núcleo de transformação piscícola encontrado no local, foram recolhidos exemplares de *sigillata* de tipo itálico, inclusive peças com marcas de oleiro, datadas na sua maioria do período de Tibério, contudo apareceram formas mais tardias, como a Consp. 20.3 datada da época de Cláudio (Fernandes *et al.* 2011, p. 251-254). Na Rua Augusta nº61-69 (na antiga “Zara”), no decorrer da intervenção realizada em 2000, foram recolhidos 86 indivíduos de *sigillata* de tipo itálico, sendo as formas mais numerosas a Consp. 22, 23.1, 27 e a 34.1, datando este conjunto até Tibério (Silva, 2012, p.357). Na Praça da Figueira, foram identificados 109 fragmentos de *sigillata* de tipo itálico, sendo os mais abundantes os que integram o serviço II de Haltern, com as formas Consp. 18, 20, 21 e 22, com uma cronologia enquadrável sobretudo na época de Tibério, mas em alguns casos, chegando ao período de Cláudio (Bolila, 2011, p. 67 e 68; Silva, 2005). Na Casa dos Bicos recolheram-se *sigillatas* de tipo itálico com marcas de oleiro, presentes em diversas formas como a Consp. 1.1, 1.1.3, 13 e a Consp. 22.4.1, dando um enquadramento cronológico em torno de meados do reinado de Augusto (Sepúlveda e Amaro, 2007, p. 5 a 7). No Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, apesar de ser um sítio com inúmeros fragmentos de *sigillata*, apenas foi recolhido um fragmento de

*sigillata* de tipo itálico, da forma Goudineau 40 (Consp. 23.2), datada de inícios do século I d.C. (Bugalhão, 2001, p. 125).

Apesar das áreas da cidade onde surgiram estas *sigillatas* serem bastante distintas entre si, existindo dados de intervenções em monumentos como o teatro, em áreas de necrópole, em áreas industriais ou ribeirinhas, notámos que a presença maioritária das formas do serviço II de Haltern na zona de Lisboa é uma constante na maioria dos sítios, existindo no entanto sítios que possuem formas de cronologia mais antigas.

Em *Conimbriga*, as *sigillatas* de tipo itálico estão datadas a partir da época de Augusto, estando relacionadas com a fundação da cidade, pelo que não se verifica a presença das formas mais antigas do conjunto do Banco de Portugal, como a Consp. 1. Contudo, o espólio itálico de *Conimbriga* é bastante diversificado, possuindo tanto formas lisas como formas decoradas. Destaca-se a forma Consp. 12 (Goudineau 15 e 17), uma das formas lisas mais abundantes e antigas encontradas neste local, a forma Consp. 18, também das mais abundantes, juntamente com as demais formas do serviço II de Haltern (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 7-38).

Em Santarém (*Scallabis*) a presença de *sigillata* de tipo itálico é mais abundante, distribuindo-se por 32 formas, tanto lisas como decoradas, sendo mais comuns as que pertencem ao serviço II de Haltern, enquadrando cronologicamente a amostra nos finais do reinado de Augusto e inícios de Tibério (Viegas, 2003, p. 43 e 44).

Também em Tróia foram identificados fragmentos pertencentes a *sigillata* de tipo itálico, no decorrer das escavações antigas realizadas entre 1956 e 1961 na oficina de salga 1 do sector industrial e entre os materiais recolhidos por mergulhadores, entre 1958 e 1974, na zona do fundeadouro. Identificou-se um fragmento com forma Consp. 22/23, com uma cronologia de princípios do século I/terceiro quartel do século I, outro com a forma Consp. 33, forma produzida desde 15 d.C. e um exemplar de Consp. 33.4.1, com uma cronologia entre 20-100 (Silva, 2010, p. 39 e 40; Fonseca, 2004, p. 431).

Em Alcácer do Sal (*Salacia*) foram recolhidos 1370 fragmentos de *terra sigillata*, no decorrer de diversas intervenções realizadas na área do Castelo e na área da necrópole de Senhor dos Mártires. Do total de fragmentos, 293 (NMI) são de *sigillata* de tipo itálico. Esta é a categoria com maior representatividade no conjunto de Alcácer do Sal. As formas mais abundantes são as pertencentes ao serviço I de Haltern (Consp. 12 e 14), apesar de também existir um elevado número de fragmentos pertencentes ao serviço II de Haltern (Consp. 18, 20, 21 e 22). Neste conjunto foram também identificadas diversas marcas de

oleiro, com diferentes origens, sendo a maioria de Arezzo (Dias, 1978, p. 146; Diogo, 1982; Sepúlveda, Faria e Ferreira; 2000; Viegas, 2014, p. 755-758).

Em Chãos Salgados (*Miróbriga*), o espólio de *sigillata* de tipo itálico é de reduzida dimensão, como acontece no nosso conjunto. É composto por 67 fragmentos, dos quais seis ostentam marca de oleiro. Nestes identificaram-se as formas Consp. 4.5, 12.1, 12.4, 20, 20.4, 22, 23.2, 27 e 28. Estes fragmentos não possuem estratigrafia, pelo que foi tido em conta pelo investigador (Quaresma, 2012, p. 81 e 84; 223) a presença de um fragmento decorado e a inexistência de marcas radiais, o que leva o investigador a propor uma cronologia em torno da fase clássica.

Em Faro (*Ossonoba*), esta categoria cerâmica aparece representada na área do Mosaico do Oceano, resultante das intervenções de 1976, e na área das sondagens realizadas no Museu de Faro, em 2001 e 2002, com 27 indivíduos e oito marcas de oleiro. A maioria dos exemplares corresponde a formas lisas, sendo que apenas um bordo corresponde à forma R 7.1.1. decorada. Das formas lisas, as que possuem maior número de exemplares são a Consp. 18.2, a 12.4 e a 22.5. A maioria das formas pertence ao serviço II de Haltern, existindo apenas dois fragmentos que correspondem ao serviço I de Haltern (Viegas, 2011, p. 131 e 132).

Na Quinta de Torre de Ares (*Balsa*), em Tavira, foram recuperados 199 fragmentos, dos quais 12 correspondem a formas decoradas, como a Consp. R 1.1.1 e a R 3.3.1, e 46 pertencem a formas lisas, destacando-se mais uma vez o serviço II de Haltern, com as formas Consp. 18.2 e 22.2. Contudo, também formas mais antigas estão presentes, como a Consp. 11 e Consp. 14.1, que marcam as primeiras importações desta cerâmica para *Balsa*. As formas mais tardias estão representadas pela forma Consp. 27, datada do reinado de Nero (Viegas, 2011, p. 290).

Em Castro Marim (*Baesuri*), no decorrer das escavações realizadas entre 1983 e 1988, foram recolhidos 280 fragmentos (100 NMI) de *sigillata* de tipo itálico. As formas lisas mais frequentes são a Consp. 8, 18, 20.4 e 22. A forma Consp. 8 é das mais antigas do conjunto, datada de 30 a.C. até à primeira década do século I. Os fragmentos decorados são de pequena dimensão e pouco frequentes (12 fragmentos), não permitindo classificações formais. O conjunto de *Baesuri* é ainda composto por oito marcas de oleiro, datadas entre 5 a.C. e 50 d.C. (Viegas, 2011, p. 437-444).

A pequena amostra encontrada no Banco de Portugal, não difere muito do que foi encontrado nos outros sítios que aqui expusemos.

A presença de um número tão reduzido de fragmentos de *sigillata* de tipo itálico marca o início da ocupação romana nesta área da cidade de Lisboa, ainda de forma pouco expressiva, num período que se situa nas últimas décadas do século I a.C.

## **6.2. *Sigillata* Sudgálica**

### **6.2.1. Caracterização tipológica e do fabrico**

A *sigillata* sudgálica do conjunto em análise é composta pelo total de 208 fragmentos (65 NMI), correspondendo a 21,83% do total da *sigillata* (Gráfico 2).

Os fragmentos apresentam características bastante uniformes, quanto ao seu fabrico, originário de La Graufesenque, notando-se por vezes, algumas pequenas alterações a nível do brilho e da cor dos engobes. Contudo os fragmentos em questão, tal como a maioria do conjunto de *sigillatas* estudado, apresentam um acentuado grau de rolamento e de desgaste do engobe, o que dificultou a sua análise, não se excluindo assim a hipótese de existirem exemplares de Montans.

O fabrico de La Graufesenque caracteriza-se por apresentar pastas beges-rosadas (Munsell 5YR 6/6), com pequenas partículas brancas, e com um engobe avermelhado (Munsell 10R 4/6) e brilhante. Esta produção integrou ainda peças marmoreadas, caracterizadas por possuírem uma cor amarelada com pequenos veios avermelhados, que se encontram também presentes no conjunto.

Foi possível classificar 55 indivíduos de acordo com as tipologias utilizadas, distribuídos por 10 formas diferentes. Foram ainda contabilizados nove fragmentos de paredes e um fundo decorados, assim como um fragmento que possui uma marca de oleiro (Tabela 4 e Gráfico 3).

#### Formas lisas

As formas lisas são compostas por 48 exemplares, correspondendo a maioria aos tipos mais comuns produzidos em La Graufesenque, como os pratos Drag. 15/17 e Drag. 18 e as taças Drag. 24/25 e Drag. 27, e já menos comuns as taças Ritt. 9, Drag. 22, Drag. 33 e a taça/prato Drag. 35/36.

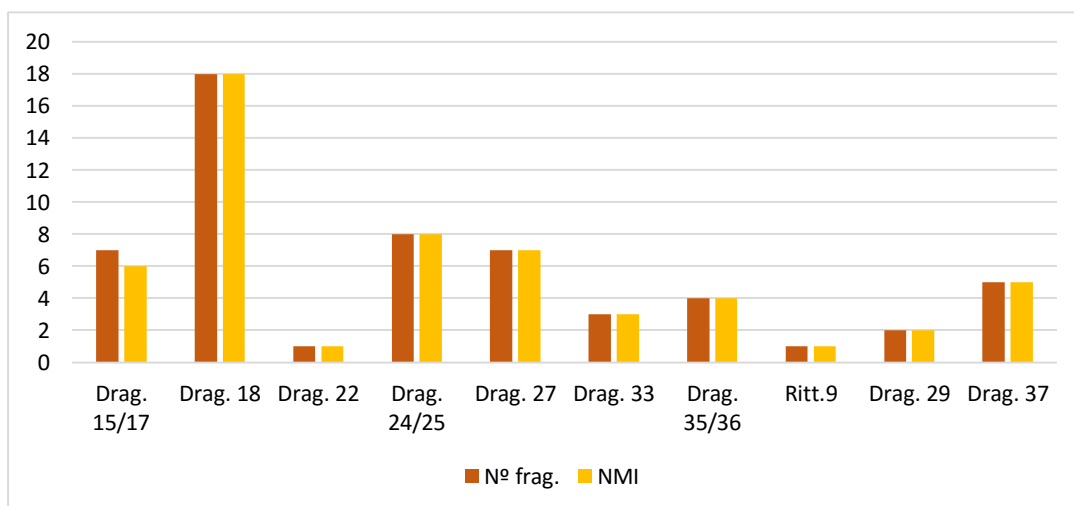
#### **Forma Drag. 15/17**

Inspirada na forma de tipo itálico Consp. 19.2, corresponde a um prato de bordo e paredes verticais, com moldura interna e externa, possuindo uma meia-cana na junção entre a parede e o fundo. No Banco de Portugal foram recolhidos seis indivíduos desta

TSS		Nº frag.	NMI
Formas Lisas	Drag. 15/17	7	6
	Drag. 18	18	18
	Drag. 22	1	1
	Drag. 24/25	8	8
	Drag. 27	7	7
	Drag. 33	3	3
	Drag. 35/36	4	4
	Ritt.9	1	1
Formas Decoradas	Drag. 29	2	2
	Drag. 37	5	5
	Indeterminadas	10	10
Formas Indeterminadas		109	–
	Pratos	10	–
	Taças	23	[1]
Marcas de Oleiro		[2]	[2]
<b>Total</b>		<b>208</b>	<b>65</b>

**Tabela 4** – Distribuição das formas de *terra sigillata* sudgálica

(o que está entre parenteses recto já havia sido contabilizado nas formas indeterminadas).



**Gráfico 3** – Distribuição das formas da *terra sigillata* sudgálica.



forma (nº 6 e 8), sendo estes de reduzida dimensão. O engobe destes fragmentos é mate e pouco homogéneo, apresentando diferentes espessuras. O começo da produção desta forma situa-se entre os inícios do século I d.C., tendo decaído a partir de 60 d.C. (Polak, 2000, p. 85 e 86).

### **Forma Drag. 18**

Corresponde a um prato de parede curva, com moldura interna na união entre a parede e o fundo, e bordo semicircular. Esta forma possui uma cronologia entre 10-120 d.C. Foi das mais vendidas na época de Cláudio, evoluindo gradualmente para a Drag. 18/31, assim denominada por Oswald e Pryce (1920 *apud* Quaresma, 2012, p. 89; Polak, 2000, p. 91). Apresenta um espessamento da parede e do bordo, entre 60 e 150 d.C., sendo que Passelac e Vernhet denominam esta evolução de Drag. 18b (1993, p. 572). Esta forma está representada no Edifício Sede do Banco de Portugal com um total de 18 exemplares (nº 7, 9, 10 e 12), sendo a mais numerosa desta categoria de *sigillata*, com 38% do total de fragmentos. Os engobes destes fragmentos são bastante idênticos entre si, sendo espessos, homogéneos, mate e de boa aderência.

### **Forma Drag. 22**

Esta forma de parede cilíndrica, com bordo arredondado, apresenta um fundo plano a terminar num pequeno pé em anel (Passelac e Vernhet, 1993, p. 572). Este tipo é raro e situa-se cronologicamente entre as décadas de 40 e 100 d.C. No sítio em análise apenas se recuperou um fragmento de fundo de reduzida dimensão, do qual não foi possível medir o diâmetro.

### **Forma Drag. 24/25**

Corresponde a uma taça hemisférica de bordo vertical, inspirada nas formas de *sigillata* de tipo itálico Consp. 33 e 34, com uma moldura externa bem assinalada, podendo apresentar *guilhoché* na sua parede superior externa. Segundo Dragendorff a distinção entre a Drag. 24 e a Drag. 25 apenas se consegue fazer através da identificação de uma pequena asa em espiral presente nesta última, o que é por norma difícil, pois os fragmentos são muito reduzidos (Polak, 2000, p. 117). Esta forma começou a ser produzida nos finais de Augusto, entrando em declínio após o ano de 60 d.C., existindo ainda exemplares datados de 120 d.C. (Passelac e Vernhet, 1993, p. 573; Polak, 2000, p. 117). No Edifício Sede do Banco de Portugal identificaram-se oito fragmentos

pertencentes a esta forma. Estes fragmentos, de reduzidas dimensões, apresentam um engobe pouco brilhante e homogéneo, tendo sempre *guilhoché* (nº 13 e 15), à excepção de um fragmento (nº 16) que possui a parede lisa.

### **Forma Drag. 27**

Corresponde a uma taça, inspirada nas formas Consp. 31 e 32 itálicas, apresentando uma pança estrangulada a meio da parede curva e bordo semicircular, podendo deter *guilhoché* na zona superior externa logo após o bordo. Começou a ser produzida nos finais de Augusto até à segunda metade do século II (Passelac e Vernhet, 1993, p. 573; Polak, 2000, p. 117).

No conjunto em estudo foram identificados sete indivíduos nesta forma (nº 17 ao 23), sendo que nenhum ostenta *guilhoché*.

### **Forma Drag. 33**

Esta taça caracteriza-se por possuir uma parede recta, com caneluras junto ao bordo quer interna quer externamente. A junção entre a parede e o fundo é marcada por um ressalto interno, apresentando por vezes uma canelura externa. Foi produzida desde a década de 20 até 120 d.C., apresentando uma ligeira evolução no espessamento das paredes e largura da peça (Passelac e Vernhet, 1993, p. 574; Polak, 2000, p. 121). No Banco de Portugal foram identificados três indivíduos desta forma (nº 11 e 14), de dimensão reduzida e com engobe pouco brilhante e homogéneo. Estes fragmentos apresentam caneluras internas e externas logo a seguir ao bordo.

### **Forma Drag. 35/36**

Estas formas correspondem a uma taça/prato de parede curva, de bordo arredondado pendente e podem possuir uma decoração de barbotina com o motivo de folha de água. Começaram a ser produzidas em época Flávia, por volta de 60 d.C., chegando a sua produção até meados do século II (Passelac e Vernhet, 1993, p. 578). No Edifício Sede do Banco de Portugal foram recolhidos quatro exemplares desta forma, tendo dois fragmentos (nº 24 e 25) decoração de barbotina. Os outros dois apresentam um bordo simples, sem barbotina, mas um deles é marmoreado (nº 28). Como são fragmentos de pequena dimensão não nos é possível fazer a distinção entre Drag. 35 e Drag. 36.

### **Forma Ritt. 9**

Corresponde a uma taça carenada, com parede inferior troncocónica e com a parte superior cilíndrica, com uma moldura bem marcada na junção entre a parte superior e a inferior das paredes. Na parede externa apresenta pequenas caneluras que fazem a divisão entre as zonas do *guilhoché*. O bordo é projectado, arredondado ou achatado. Começou a ser produzida por volta da 10 d.C., chegando até 70 d.C. (Passelac e Vernhet, 1993, p. 577; Polak 2000, p. 117). No conjunto em estudo foi identificado apenas um fundo marmoreado pertencente a esta forma (nº 26). Este ostenta uma marca de oleiro fracturada e ilegível.

### Formas indeterminadas

Na impossibilidade de se atribuírem formas a 142 fragmentos, a maioria de reduzida dimensão (dois dos quais marmoreados), sempre que foi possível, separámos os fundos entre taças (23 fragmentos) e pratos (10 fragmentos). Como se pode observar na tabela 4 verifica-se, no cômputo geral, um equilíbrio entre as duas formas.

### Formas decoradas

As formas decoradas são compostas por sete indivíduos, correspondendo às formas decoradas mais comuns produzidas em La Graufesenque, como a taça Drag. 29 e a taça Drag. 37. Contudo apesar de só ter sido possível identificar formas para estes sete fragmentos, existem mais 10 exemplares de forma indeterminada com decoração (paredes e um fundo).

### **Forma Drag. 29**

Corresponde a uma taça carenada decorada, dividindo-se em duas variantes: a A de perfil hemisférico, com bordo vertical, por norma com uma moldura a seguir ao bordo, com ou sem *guilhoché*; e a variante B com uma carena mais acentuada e com o bordo menos vertical. Esta forma começou a ser produzida por volta de 10 d.C. sendo comercializada até inícios da época Flávia (Passelac e Vernhet, 1993, p. 573; Polak, 2000, p. 124-128). No Banco de Portugal foram identificados dois fragmentos desta forma, correspondentes à variante B. O fragmento nº 27, de pequena dimensão, ostenta *guilhoché* logo a seguir ao bordo, não se tendo conservado a restante composição decorativa. Já o exemplar nº 29 apresenta um grau de rolamento muito acentuado, tendo a decoração muito desgastada,

sendo possível identificar o que seria um possível círculo acompanhado de um festão, antecidos por um friso de *guilhoché*.

### **Forma Drag. 37**

Esta forma correspondente a uma taça hemisférica com bordo semicircular com uma banda lisa entre o bordo e a decoração. Possui pé em anel baixo e de base ampla (Roca Roumens, 2005, p. 129).

No conjunto em análise identificaram-se cinco indivíduos pertencentes a esta forma. O bordo nº 30 ostenta decoração em óvulos intercalados por linguetas tripartidas. Esta decoração está associada a dois oleiros: a PONTUS, que assina uma Drag. 37 logo após a decoração, e a SEVERUS iii que assina moldes para a Drag. 30 e a Drag. 37. Este tipo de decoração, com linguetas tripartidas surge nos inícios da época Flávia (Dannell *et al.*, 1998, p. 70 e 83). Os fragmentos de parede com os nºs 31 ao 33 ostentam uma grinalda de elementos vegetais trifoliados. Por último, o exemplar nº 34, que é dos fragmentos melhor conservados de todo o conjunto em estudo, ostenta um engobe levemente brilhante, homogéneo e de boa qualidade. Apresenta uma decoração tremida, que denota uma moldagem mal conseguida, na qual é possível ver uma linha de pérolas seguida de uma figura mitológica alada, idêntica ao motivo Apolo – APO 001 (Mees, 2014), podendo este motivo ser atribuído ao oleiro SABINUS i, que laborou entre as décadas de 50 e 100 d.C. Polak propõe a existência de vários oleiros com o mesmo nome (Sabinus) a produzirem em La Graufesenque, avançando com uma divisão cronológica entre as diferentes marcas uma vez que estas são diferentes entre si. Assim, as marcas com as letras mais regulares seriam datadas entre 50-80 d.C. e as marcas mais irregulares e menos cuidadas foram atribuídas ao período entre 65-100 d.C. (Mees, 1995, p. 94; Polak, 2000, p. 313).

### Formas indeterminadas decoradas

Do espólio em análise não nos foi possível atribuir forma a 10 indivíduos com decoração: nove fragmentos de parede e um fragmento de fundo.

O fragmento de fundo, possivelmente de uma taça, apresenta decoração, mas esta encontra-se fracturada e o fragmento possui um acentuado grau de rolamento e desgaste o que impossibilita a identificação da decoração.

De entre os fragmentos indeterminados de parede, não lográmos identificar a decoração de quatro exemplares, pois esta encontra-se ilegível devido à reduzida dimensão dos fragmentos e/ou desgaste dos mesmos.

Os motivos presentes no fragmento nº 35 parecem corresponder a uma composição de cruces de Santo André intercaladas com um motivo que não foi possível identificar.

A peça nº 37, apesar de ser de pequena dimensão, apresenta uma decoração com linha de óvulos intercalados por uma lingueta a terminar em roseta de sete pétalas com um pequeno ponto no centro da roseta. Esta decoração está associada ao oleiro CALVO e é das mais comuns do século I, tendo uma grande longevidade (Dannell *et al.*, 1998, p. 81). O fragmento nº 39 ostenta a decoração de uma ave, aparentemente dentro de um elemento circular. A peça nº 38 apresenta folhas ladeadas por círculos. E por último, o fragmento nº 36 possui duas linhas peroladas, divididas por uma moldura, seguidas de motivos vegetais e de uma ave.

### **Marcas de oleiro**

Como já mencionámos acima, o exemplar da forma Ritt. 9 encontrado no decorrer das escavações ostenta uma marca de oleiro, conservando apenas um dos cantos da cartela. Esta encontra-se incompleta devido ao grau de fragmentação e rolamento que o fundo apresenta, sendo impossível de saber a que oleiro pertenceria.

Também com produção sudgálica, foi encontrada outra marca onde se pode ler OF SENOV (nº 40), que apresenta cartela retangular, sendo que a letra E se encontra retrógrada, correspondendo possivelmente a Senoviri. Segundo Polak (2000, p. 331), C. Cingius Senoviri foi dos últimos oleiros de La Graufesenque a exportar as suas peças. Em La Graufesenque, identificaram-se exemplares com a sua marca, juntamente com os desperdícios perto de um forno que foi utilizado entre 80 d.C. e 120/130 d.C. Na Lusitânia não encontrámos registo desta marca de oleiro, no entanto esta encontra-se em Vechten (Polak, 2000, p.331), não sendo por isso uma marca inédita.

### **6.2.2. Síntese dos resultados no quadro das importações para a Lusitânia**

A *sigillata* sudgálica do Edifício Sede do Banco de Portugal é composta por 65 indivíduos, não representando um conjunto muito diversificado, distribuindo-se na maioria dos casos, pelas formas mais frequentes produzidas em La Graufesenque, como a Drag. 15/17 e a Drag. 18. As formas lisas são bastante mais numerosas que as decoradas, sendo as primeiras compostas por 48 indivíduos e as segundas apenas por 17 exemplares.

Na amostra estudada obtivemos ainda quatro fragmentos marmoreados, tendo sido possível enquadrar dois destes indivíduos nas formas Drag. 35/36 e Ritt. 9. Dentre os exemplares em análise contabilizaram-se igualmente duas marcas de oleiro, uma atribuída ao oleiro Senoviri e outra fragmentada, não permitindo a identificação do oleiro. Apesar de se dispor de poucos dados publicados sobre a ocupação romana de Lisboa e sobre a importação de *sigillatas* sudgálicas para *Olisipo*, foi possível tecer algumas comparações com outros sítios da cidade de Lisboa, recorrendo-se principalmente, como já mencionámos, ao trabalho de R. Banha da Silva (2012), e a outras publicações relativas ao restante actual território português.

Assim, na Rua das Pedras Negras, nº 22-28, no edifício onde se encontram as Termas dos Cássios, recolheram-se 157 fragmentos de *sigillata* sudgálica, cujas formas dominantes do conjunto são Drag. 18, seguida da Drag. 27, sendo a maioria dos fragmentos procedentes de La Graufesenque (Silva, 2012, p. 213-214). Nas escavações do jardim do Palácio dos Condes de Penafiel recolheram-se 226 NMI, de entre os quais se encontram 154 indivíduos de sudgálicas, datados entre Tibério e inícios de Cláudio. As formas mais frequentes são a Drag. 18, a 27 e a 24/25 (Silva, 2012, p. 232). Na Calçada do Correio Velho - Via Pública, durante as obras de remodelação do edifício palatino, recolheram-se 30 fragmentos sudgálicos datados entre Tibério e os Flávios, cujas formas maioritárias são a Drag. 27, a 15/17, a 18 e a 24/25 (Silva, 2012, p. 245). No teatro romano, no espólio das intervenções de 1989-1993, registou-se a “(...) presença de 14 fragmentos de produções itálicas, 16 de sudgálicas e apenas 2 de hispânicas.” (Silva, 2012, p. 263). Quando, em 2009, se realizou uma sondagem na área envolvente do monumento, foram recolhidos alguns escassos fragmentos de *terra sigillata*, entre os quais um exemplar de Drag. 27A sudgálico (Fernandes, Sepúlveda e Antunes, 2012, p. 44-51). Na Rua de São Mamede ao Caldas, 120 fragmentos de *sigillata* foram recolhidos no decorrer das intervenções realizadas na via pública, inclusive 69 de sudgálicas, que se revelaram a categoria predominante. As formas presentes que se encontraram com mais elementos foram a Drag. 24/25 e a 27 (Silva, 2012, p. 248). Na Rua dos Remédios nº 1-9, o espólio recolhido revelou-se composto apenas por *sigillatas* de tipo itálico (21 indivíduos) e sudgálico, com 16 exemplares. Esta última categoria era formada maioritariamente por fragmentos das formas Drag. 18, 24/25 e 27 (Silva, 2012, p. 317). Na Rua dos Bacalhoeiros foram encontrados fragmentos correspondentes às formas Drag. 18 e Drag. 27, que se podem datar do período flaviano (Fernandes *et al.* 2011, p. 251-256). No circo de *Olisipo*, foram recolhidas 138 *sigillatas*, sendo a maioria de produção sudgálica.

As formas mais frequentes neste conjunto são os pratos Drag. 15/17 e 18/31 e as taças 24/25 e 27, tendo sido identificadas quatro marcas de oleiro datadas entre Cláudio e Vespasiano/Trajano (Sepúlveda *et al.*, 2002, p. 257). No Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros foram identificados fragmentos das formas Drag. 15/17, 18, 27, 29, 33 e Ritt. 12, datadas cronologicamente da segunda metade do século I d.C. (Bugalhão, 2011, p. 115-150). Na Rua Augusta nº 61-69, foram recolhidos 304 fragmentos de *sigillata*, cujas sudgálicas eram as que se apresentavam em maior quantidade, com 198 indivíduos. As formas mais comuns atestadas no conjunto são a Drag. 15/17, a 24/25, a 18 e a 27 (Silva, 2012, p. 355). Na Praça da Figueira foram identificados 560 NMI de *sigillata* sudgálica, quatro dos quais marmoreados. As formas decoradas estão representadas pela Drag. 37, 29 e 30. As formas lisas são compostas por 320 indivíduos, cujas formas dominantes são as Drag. 18 e a Drag. 27. As formas Ritt.5, Ritt.1 e a Drag. 17b comprovam uma “(...) segura importação ainda no principado de Tibério (...)” (Silva, 2012, p. 401-403).

Constatámos que nos sítios expostos acima existem duas formas comuns a todos, a Drag. 18 e a Drag. 27, sendo estas das formas mais frequentes nesses locais. Apesar de serem áreas da cidade distintas (teatro; termas; necrópole; zona ribeirinha) e tratando-se de intervenções também diferenciadas (emergência; acompanhamento; salvamento; prevenção) a presença sistemática das mesmas formas demonstra o grande sucesso em termos comerciais que estas tiveram, pois os conjuntos são muito desiguais, do ponto de vista da formação das amostras.

Em *Conimbriga*, a *sigillata* sudgálica encontra-se representada por 1585 fragmentos, compostos quer por formas lisas quer por formas decoradas. As formas lisas mais abundantes neste conjunto são a Drag. 27, Drag. 15/17, Drag. 18/31 e Drag. 24/25, sendo que muitos destes indivíduos apresentam marcas de oleiro que ajudam a precisar melhor as cronologias destas formas. Menos numerosas, encontram-se presentes no conjunto as formas Drag. 35/36, Drag. 22 e Ritt. 9. No que concerne às formas decoradas, estas são escassas, estando representadas as formas mais comuns, a Drag. 30, a Drag. 37 e a Drag. 29 (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 70-149).

Em *Scallabis* foram identificadas 18 formas de *sigillata* sudgálica sendo as formas mais representadas as formas mais comuns, como a Drag. 15/17, a 18/31 e a 27, tendo a maioria das importações ocorrido entre 30/40 e o final do século I d.C., a comprovar pela escassez de fragmentos da forma Drag. 35/36 (Viegas, 2003, p. 103).

Nas intervenções realizadas em Tróia, nas mais antigas e nas mais recentes, identificaram-se as formas Drag. 15/17, 16, 18, 24/25, 27 e 29, sendo o fabrico tipicamente de La Graufesenque. Recolheram-se também seis fragmentos marmoreados (Silva, 2010, p. 40 e 90). As *sigillatas* sudgálicas recolhidas no fundão de Tróia estão representadas por 26 exemplares cujas formas dominantes são as mesmas que as identificadas no meio terrestre, prevalecendo a produção de La Graufesenque sobre a de Montans (Fonseca, 2004, p. 432-434).

Em Alcácer do Sal foram identificados mais de 500 fragmentos de *sigillata* sudgálica, sendo a maioria nas formas Drag. 15/17, Drag. 24/25 e Drag. 18. Nas decoradas a que possui mais exemplares é a Drag. 29. Os motivos decorativos são de boa qualidade, indicando datarem-se do período Cláudio e Vespasiano. A forma Drag. 35/36 encontra-se pouco representada, o que indica um progressivo abandono das importações a partir de época Flávia. Neste conjunto apenas três fragmentos são marmoreados (Dias, 1978, p. 146; Diogo, 1982; Sepúlveda, Faria e Ferreira, 2000; Viegas, 2014, p. 758-761).

Em *Miróbriga*, a *sigillata* sudgálica está representada por 933 indivíduos, sendo a maioria constituída por formas lisas. As mais frequentes são a Drag. 15/17 e a Drag. 24/25, seguidas da Drag. 33, Drag. 36 e da Ritt. 8, nas formas lisas, e nas formas decoradas, estão representadas a Drag. 29, a Drag. 30 e Drag. 37. Neste conjunto encontram-se ainda 12 fragmentos marmoreados (Quaresma, 2012, p. 84-120; 228).

Em Faro, foram recolhidos 142 fragmentos de *sigillata* sudgálica. As formas lisas são pouco diversificadas, como nos conjuntos anteriores, sendo as mais numerosas a Drag. 15/17, a Drag. 18, a Drag. 27 e a Drag. 35/36. Os tipos decorados mais numerosos são a Drag. 29, Drag. 30 e Drag. 37, estando representadas também as formas Drag. 11 e Knorr 8, sendo estas últimas menos abundantes. No conjunto encontram-se 10 fragmentos marmoreados.

Em *Balsa*, esta categoria é composta por 393 indivíduos, tanto formas lisas como decoradas. Os exemplares lisos mais comuns são a Drag. 27 e Drag. 18, estando também representadas as formas Drag. 24/25, Drag. 15/17, Drag. 35/37, Ritt. 9, Ritt. 5 e Ritt. 8, em menor número. Quanto aos decorados, o que apresenta mais exemplares é a Drag. 37. No que corresponde às marmoreadas, estão presentes neste conjunto 27 fragmentos, tendo sido apenas possível atribuir forma a sete indivíduos. Esta amostra possui ainda 22 fragmentos com marca de oleiro (Viegas, 2011, p. 295-320).

O espólio de Castro Marim é composto por 793 fragmentos, contendo formas lisas, decoradas e 11 marcas de oleiro. As formas lisas mais antigas do conjunto correspondem



à Drag. 24/25, Drag. 15/17 e Ritt. 8, o que comprova a presença destas peças desde o período Tibério-Cláudio. As formas mais numerosas são a Drag. 27 e a Drag. 18. Já a forma decorada mais numerosa é a Drag. 37, seguida da Drag. 29 e da Drag. 30. Do total de fragmentos deste conjunto, 22 exemplares são marmoreados (Viegas, 2011, p. 445-459).

No Monte Molião, em Lagos, no estudo efectuado ao espólio depositado nos Museus (Museu Nacional de Arqueologia, Museu Municipal de Lagos e Museu Dr. Santos Rocha), proveniente muito provavelmente da necrópole, verificou-se a existência de seis fragmentos de *sigillata* sudgálica, quatro da forma Drag. 27 e dois marmoreados, nas formas Drag. 36 e Drag. 24/25 (Arruda, Sousa e Lourenço, 2009, p.267-277). Também no decorrer das campanhas de 2006 e 2007, se recolheram exemplares de *sigillata*, sendo a sudgálica a mais abundante. As formas mais frequentes são a Drag. 18, a Drag. 27 e a Drag. 35/36, estando também presentes em menor número as formas Drag. 24/25 e Drag. 15/17, assim como a forma Ritt. 14, forma até então desconhecida no território algarvio (Arruda *et al.*, 2008, p. 181).

O conjunto de *sigillata* sudgálica do Edifício Sede do Banco de Portugal não difere muito dos sítios que acabámos de expor. A supremacia das formas mais frequentes, como os pratos Drag. 18 e 15/17 e das taças Drag. 24/25 e 27 é comum na maioria dos casos, sendo as formas decoradas mais dominantes a Drag. 29 e a 37, com decorações datadas entre o período de “esplendor” e de “transição”, ou seja, entre 40 e 120 d.C., como comprovam os motivos presentes nas decorações.

As primeiras *sigillatas* sudgálicas devem ter chegado a esta zona de Lisboa (área ribeirinha, onde hoje se localiza o Banco de Portugal) em torno da primeira década do século I d.C., como comprova a existência das formas Ritt. 9, Drag. 18 e Drag. 29. A existência da forma marmoreada Drag. 35/36, permitiu constatar o que Genin (2007) afirma em relação à cronologia das formas marmoreadas, pois segundo a autora, esta cronologia não se cinge ao período entre 30/40-70, existindo peças marmoreadas com cronologias mais tardias, como o caso da Drag. 35/36, com uma cronologia até inícios do século II d.C. O estudo das formas lisas e decoradas assim como das marcas de oleiro mostrou que a importação destes materiais se distribuiu de forma relativamente regular entre os meados do século I d.C. e o primeiro quartel do século II d.C.

A presença deste conjunto de *terra sigillata* sudgálica testemunha igualmente que, embora esta área da cidade tenha começado a ser “frequentada” ainda nas últimas décadas

do século I a.C., terá sido sobretudo a partir do reinado de Tibério/Cláudio que se registou uma maior intensidade de ocupação deste local.

### **6.3. *Sigillata* Hispânica**

#### **6.3.1. Caracterização tipológica e do fabrico**

A *sigillata* hispânica do conjunto em análise é composta por 274 fragmentos (87NMI), correspondendo a 28,75% do total das *sigillatas* (Gráfico 2), sendo que um fragmento corresponde a *sigillata* hispânica do tipo Peñaflor.

A *sigillata* hispânica do tipo Peñaflor teve vários centros produtores, alguns já comprovados arqueologicamente, como o sítio de Peñaflor (antiga *Celti*), Andújar (antiga *Isturgi*), Córdoba (antiga *Colonia Patricia*), ou Cádiz (Porto de Santa Maria) (López Rosendo, 2010, p. 416 e 417; Bustamante Álvarez, 2013-2014, p. 566; Vázquez Paz e García Vargas, 2014, p. 302). A produção desta categoria cerâmica iniciou-se em torno da época tardo-republicana e pré-augustana chegando ao século V, como comprova a existência de formas que imitam as *sigillatas* norte africanas (Amores e Keay, 1999, p. 240).

Os principais centros produtores de *sigillata* hispânica correspondem a *Tritium Magallum* (La Rioja) e Andújar (Jáen).

Apesar de não termos realizado análises químicas às nossas peças, através de uma observação cuidada procurámos dividir os fragmentos nestas três produções.

A distinção entre as produções de *Tritium* e Andújar não é tarefa fácil, pois podem ser confundidas com produções sudgálicas ou mesmo confundidas entre si. Este facto, aliado aos fragmentos em estudo se encontrarem com um acentuado rolamento e com o engobe muito deteriorado, veio a dificultar ainda mais a sua distinção. Por estes motivos, optámos por não seguir a distinção entre fabricos dentro das produções de *Tritium Magallum* e de Andújar, tendo apenas procurado isolar, na produção de Andújar, as pastas que apresentavam maior ou menor inclusão de calcites amareladas e textura mais grosseira, separando-as assim em Andújar I e II. No entanto, quando possível, tentámos sempre comparar estes fabricos com os identificados por J. C. Quaresma (2012), quando estudou os materiais de *Miróbriga*.

A produção do centro de *Tritium Magallum* caracteriza-se por apresentar uma pasta cuidada de tom avermelhado (Munsell 2.5YR 5/6), com vácuos e inclusões, com verniz do rosa claro ao vermelho (Munsell 10R 4/8), compacto e brilhante. Este fabrico apresenta semelhanças com o Grupo 2 estabelecido por Quaresma (2012, p. 127).

Outra produção corresponde à do centro de Andújar. No nosso conjunto distinguimos dois fabricos distintos, que denominámos fabrico Andújar I e II, como já C. Viegas havia feito quando estudou as *sigillatas* de Santarém (2009, p. 30).

Assim, o fabrico Andújar I caracteriza-se por pastas de cor alaranjadas (Munsell 5YR 6/6), com presença de calcites brancas, e engobe também alaranjado (Munsell 2.5YR 5/6), pouco brilhante, espesso e homogêneo, e o fabrico Andújar II, possui uma pasta amarela-acastanhada (Munsell 5YR 5/6) e mais grosseira que o anterior, com partículas argilo-calcárias amareladas visíveis a olho nu. Estes fabricos são semelhantes ao grupo 4 estabelecido por Quaresma (2012, p. 137), cuja origem mais provável é em Andújar ou em *ateliers* satélites.

O conjunto de *sigillata* hispânica do Edifício Sede do Banco de Portugal possui, como já referimos, fragmentos muito rolados e com engobe muito danificado, contudo foi possível distinguir, após uma cuidada análise, 132 fragmentos pertencentes às produções de *Tritium Magallum*, 107 exemplares do fabrico Andújar I e 14 do fabrico Andújar II. Não nos foi possível identificar o fabrico de 21 fragmentos.

#### Sigillata hispânica do tipo Peñaflor

##### **Forma Martínez III**

Identificou-se um bordo (nº 90) que pertence à *sigillata* hispânica do tipo Peñaflor. Através da tipologia proposta por Martínez, revista e adaptada por Amores e Keay (1999, p. 236-237) conseguimos fazer corresponder este bordo ao tipo III de Martínez, que imita os pratos de “engobe de vermelho pompeiano”, caracterizado por ser um prato de paredes baixas, ligeiramente curvas e de fundo plano, com engobe visível em ambas as superfícies. Este bordo é de reduzida dimensão o que impossibilitou o seu enquadramento numa variante específica. Esta produção teve origem em época tardo-republicana e pré-augustana, existindo exemplares até ao século V (Amores e Keay 1999, p. 241).

#### Formas Lisas de sigillata hispânica

Do conjunto de 274 fragmentos de *sigillata* hispânica, 73 fragmentos (58 NMI) correspondem a formas lisas, sendo a maioria produções de *Tritium Magallum* e de Andújar I. Os tipos mais comuns no conjunto equivalem às formas mais frequentes nesta produção, como os pratos Drag. 15/17 e Drag. 18 e as taças Drag. 27 e Drag. 24/25. A forma Hispânica 7 também se encontra representada, assim como as formas Drag. 33 e 35/36, ambas em menor número (Tabelas 5 e Gráfico 4).

### **Forma Drag. 15/17**

Este prato caracteriza-se por apresentar uma parede tendencialmente inclinada, normalmente lisa, podendo ser moldurada nos exemplares mais antigos, exvasada, acompanhada por uma moldura interna na junção entre a parede e o fundo. O pé é, por norma, plano no interior e moldurado no exterior. Este prato inspira-se nas produções sudgálicas da mesma forma (Bustamante Álvarez, 2013, p. 82). No Edifício Sede do Banco de Portugal identificámos 20 indivíduos pertencentes a esta forma, totalizando 35% das *sigillatas* hispânicas, que procurámos inserir, sempre que possível, nas cinco variantes (de A a E) estabelecidas por Bustamante Álvarez, no estudo que desenvolveu acerca da *sigillata* hispânica de Mérida. Assim, conseguimos atribuir dois fragmentos à variante C (nº 41 e 42), caracterizada por apresentar uma parede exvasada, bordo simples arredondado do lado externo e recto no interno, deixando de ser moldurado. Esta variante surge em época Flávia, tendo uma grande difusão durante o século II d.C. Os bordos deste conjunto possuem fabrico de *Tritium Magallum* e de Andújar I. Identificámos quatro indivíduos com a variante E (nº 43 ao 45). Esta é a forma mais simples, possuindo um bordo arredondado e um ligeiro exvasamento para o exterior, que faz com que a moldura interna diminua, originando uma leve protuberância no interior. Com o aumento da parede assiste-se a uma diminuição da altura do fundo e consequentemente do pé. Esta variante possui duas fases de produção uma nos finais do século I e durante o século II e outra fase já em época tardia (Bustamante Álvarez, 2013, p. 82-87). Os exemplares do conjunto em estudo foram produzidos em *Tritium Magallum*, à excepção de dois indivíduos, que apresentam um fabrico de Andújar I.

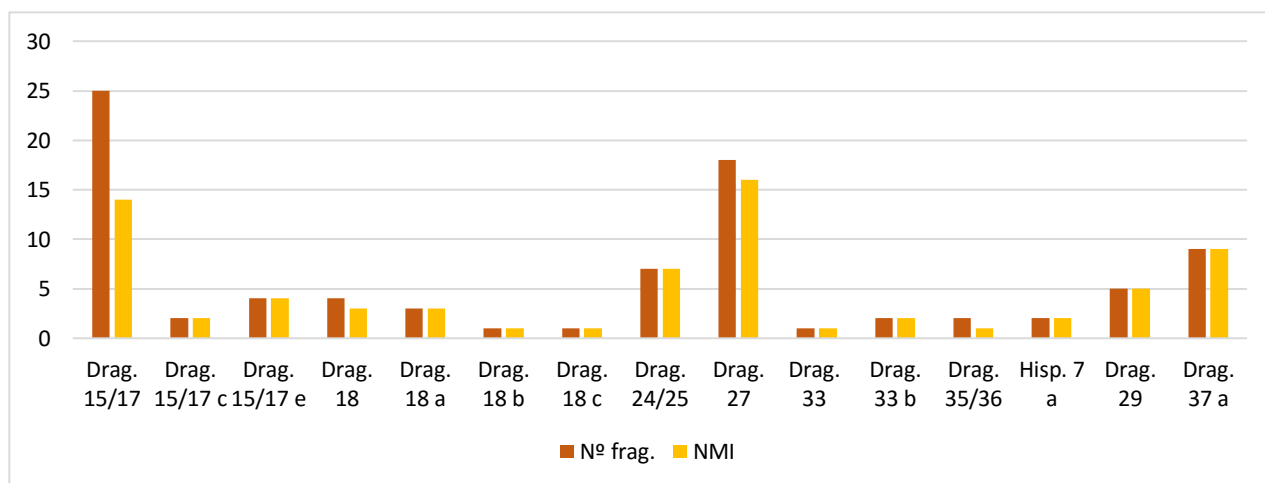
Por se tratar de fragmentos de pequena dimensão ou porque não possuem os elementos mínimos necessários à distinção entre variantes, não conseguimos integrar 14 indivíduos nessas mesmas variantes. Um fundo ostenta marca de oleiro no seu interior e um grafito na parte externa, que mencionaremos mais adiante.

### **Forma Drag. 18**

Corresponde a um prato de parede curva, com bordo semicircular e com pé alto em anel. Esta forma tem forte inspiração na forma sudgálica sendo mais uma vez as variantes estabelecidas por Bustamante Álvarez as que seguimos para a classificação dos oito exemplares presentes no conjunto em estudo. Apenas conseguimos fazê-lo para cinco

TSH		Nº frag.	NMI
Formas Lisas	Drag. 15/17	25	14
	Drag. 15/17 c	2	2
	Drag. 15/17 e	4	4
	Drag. 18	4	3
	Drag. 18 a	3	3
	Drag. 18 b	1	1
	Drag. 18 c	1	1
	Drag. 24/25	7	7
	Drag. 27	18	16
	Drag. 33	1	1
	Drag. 33 b	2	2
	Drag. 35/36	2	1
	Hisp. 7 a	2	2
Formas Decoradas	Drag. 29	5	5
	Drag. 37 a	9	9
	Indeterminadas	14	14
Formas Indeterminadas		137	–
	Pratos	18	–
	Taças	17	–
	Pote?/Jarro?	1	1
Marcas de Oleiro		[2]	[2]
Grafito		[1]	[1]
<b>Total</b>		<b>273</b>	<b>86</b>

**Tabela 5** – Distribuição das formas de *terra sigillata* hispânica  
(o que está entre parênteses recto já havia sido contabilizado).



**Gráfico 4** – Distribuição das formas da *terra sigillata* hispânica.

deles. Assim, identificámos três fragmentos com a variante A (nº 46 ao 48), situando-se cronologicamente entre 15 e 60 d.C. Os exemplares do Banco de Portugal são dois do centro produtor de *Tritium* e o outro apresenta o fabrico Andújar I. Na variante B incluimos um indivíduo com fabrico de *Tritium Magallum*, paredes mais arredondadas e o bordo moldurado pouco marcado, estando esta variante datada de 60-150 d.C. Por último, incluimos um indivíduo na variante C (nº 49), com fabrico de *Tritium*. Esta variante apresenta paredes muito curvas e o bordo não é marcado, datando de inícios do século II d.C. A forma Drag. 18 começou a ser produzida em torno da época Flávia, tendo uma grande difusão no século II, sendo os fragmentos após esta data escassos (Bustamante Álvarez, 2013, p. 87-89).

### **Forma Drag. 24/25**

Corresponde a uma taça de pequenas dimensões, de corpo hemisférico, com uma moldura externa a meio da parede. Pode apresentar *guilhoché* na parede externa. Esta forma foi produzida nos finais do século I d.C. Segundo Bustamante Álvarez (2013, p. 89-94) a existência de variações a nível do corpo da peça, do bordo e mesmo do *guilhoché* não constituem um indicador cronológico.

No conjunto em estudo identificaram-se sete exemplares pertencentes a esta forma, apresentando cinco indivíduos o fabrico de *Tritium* e dois o de Andújar I. Três indivíduos ostentam *guilhoché* (nº 52, 53 e 55), sendo três lisos (nº 54) e outro de difícil certeza, pois o fragmento (nº 51) encontra-se com um rolamento muito acentuado, o que dificulta a sua análise.

### **Forma Drag. 27**

Juntamente com o prato Drag. 15/17 é uma das formas mais comuns de *sigillatas* alto-imperiais. Esta taça caracteriza-se por possuir um bordo moldurado, parede dividida em dois quartos de círculo assentes no pé em anel. Esta forma foi manufacturada nos inícios dos Flávios (Bustamante Álvares, 2013, p. 96). No conjunto em estudo foram classificados 16 fragmentos (nº 58 ao 63), na sua variante mais antiga, ainda com reminiscências da forma sudgálica, com bordos moldurados (Bustamante Álvares, 2013, p. 97), contudo a reduzida dimensão dos fragmentos não nos permite tecer considerações quanto à evolução da parede das peças. Um dos indivíduos apresenta uma marca de oleiro incompleta (nº 57). A maioria dos fragmentos foi produzido em *Tritium* e três têm o fabrico Andújar I.

### **Forma Drag. 33**

Corresponde a uma tigela de paredes rectas formando uma carena na junção entre a parede e o fundo. Macarena Bustamante Álvarez estabeleceu três variantes para esta forma (de A a C), com base na morfologia dos bordos. No Banco de Portugal identificámos três indivíduos como pertencentes a esta forma, produzidos em *Tritium Magallum*, sendo que dois (nº 64 e 65) conseguimos enquadrar na variante B. Esta possui um bordo marcado com ranhuras simples, duplas ou triplas, sendo encontrada a partir de meados do reinado de Trajano. O outro indivíduo trata-se de um fundo (nº 66) e foi produzido com o fabrico Andújar I.

Esta forma começou a ser manufacturada em época Flávia, com período áureo nos inícios de Trajano, entrando em declínio em meados do II século d.C. (Bustamante Álvarez, 2013, p. 98-102).

### **Forma Drag. 35/36**

Corresponde à taça Drag. 35 e ao prato Drag. 36, que apresentamos sob a designação de Drag. 35/36 porque o fragmento recolhido no Banco de Portugal é de dimensão reduzida (nº 67), sendo difícil de reconhecer a distinção entre as duas. A taça Drag. 35 apresenta uma parede hemisférica, bordo curvado pendendo para o exterior e pé em anel baixo. O prato Drag. 36 caracteriza-se por ser pouco profundo, com corpo tendencialmente globular, bordo curvado para o exterior e pé em anel baixo. Estas formas podem apresentar decoração de barbotina, tal como acontece no exemplar em análise, que possui uma folha de água no bordo. Esta peça foi produzida em *Tritium Magallum*. A taça Drag. 35 foi produzida desde finais do século I até meados ou finais do II, prolongando-se a forma Drag. 36 até ao século IV (Mezquíriz, 1985, p. 154-155). Contudo, Bustamante Álvarez no estudo das cerâmicas de Mérida apresenta a evolução das formas até pelo menos metade do século V d.C. (2013, p. 102-107).

### **Forma Hisp. 7**

Esta forma apresenta paredes planas, oblíquas, com um bordo desenvolvido cuja principal funcionalidade era cobrir os recipientes, podendo contudo ter dupla função, sendo utilizada também como prato. Mais uma vez guiamo-nos pela investigação realizada por Bustamante Álvarez (2013, p. 132-136), que divide esta forma em cinco variantes (de A a E), sendo que os dois fragmentos (nº 68 e 69) recolhidos no Banco de Portugal, se inserem na variante A. Esta possui um bordo simples e perfil ligeiramente convexo,

podendo apresentar caneluras ou polimento nas paredes exteriores, enquadrando-se cronologicamente entre a época Flávia e o século II d.C. Os dois exemplares são de fabricos diferentes, um de *Tritium* e outro de Andújar II.

#### Formas indeterminadas

No conjunto da *sigillata* hispânica 173 fragmentos permaneceram indeterminados quanto ao seu enquadramento tipológico, contudo fizemos a distinção, sempre que possível, dos fundos entre pratos (18 fragmentos) e taças (17 fragmentos).

Foi recolhido um fragmento de asa que pertencerá possivelmente a um pote ou jarro, mas a sua reduzida dimensão e o seu estado de conservação não nos permitem avançar com uma hipótese de classificação formal.

A maioria dos fragmentos indeterminados foi produzido em *Tritium Magallum*, seguindo-se os fabricos Andújar I e por último Andújar II, como acontece no resto do conjunto de *sigillata* hispânica.

#### Formas Decoradas de *sigillata* hispânica

Do conjunto de 274 fragmentos de *sigillata* hispânica, 28 indivíduos correspondem a formas decoradas, sendo a maioria produções de *Tritium Magallum* e de Andújar I, contudo apenas se conseguiu atribuir forma a 14 exemplares. As formas decoradas presentes são as mais comuns desta produção: a Drag. 29, com cinco indivíduos e a Drag. 37, com nove exemplares (Tabela 5 e Gráfico 4).

#### **Forma Drag. 29**

Corresponde a uma taça de parede ligeiramente carenada, com bordo aberto e moldurado. Possui duas zonas de decoração. No Edifício Sede do Banco de Portugal foram identificados cinco indivíduos nesta forma. Trata-se de fragmentos de bordos, não se tendo conservado a parte decorada. Um dos bordos (nº 72), com fabrico Andújar I, ostenta *guilhoché* na parede externa, logo após o bordo. Outro indivíduo (nº 70), com o mesmo fabrico, apresenta um ressalto na parede interna. Os demais exemplares correspondem a produções de *Tritium Magallum*. Em Mérida, Bustamante Álvarez datou as peças mais antigas desta forma de época Vespasiana, começando a produção a decair nos finais do I d.C., chegando até aos inícios de Adriano (2013, p. 167).



### **Forma Drag. 37**

Corresponde a uma taça hemisférica, da qual se diferenciam duas variantes: a Drag. 37A ainda muito próxima da forma sudgálica, com bordo ligeiramente vertical e com lábio arredondado, datada de finais do século I e do II; a Drag. 37B que possui dimensões maiores do que a variante A, apresentando um bordo curvado para o interior, com o lábio em forma de amêndoa, situando-se cronologicamente nos últimos 30 anos do século I (Mezquíriz, 1985, p. 168-170; Morais, 2005, p. 229).

No conjunto em estudo identificaram-se nove fragmentos pertencentes à Drag. 37A (nº 73 ao 80). Trata-se de fragmentos de bordos, não se tendo conservado a parte decorada, sendo que cinco indivíduos pertencem à produção de *Tritium* e quatro ao fabrico de Andújar I.

### Formas indeterminadas decoradas

No conjunto de 28 fragmentos decorados, conseguimos atribuir forma a 14, assim na impossibilidade de enquadrar tipologicamente os restantes 14 fragmentos de parede incluímos-os nesta categoria.

Identificámos cinco exemplares com fabrico de Andújar I: o indivíduo nº 83 que ostenta decoração em faixas de círculos concêntricos (segmentados e denteados) correspondendo ao que Romero Carniceiro identificou como “motivo circular III” (1999, p. 208); o fragmento nº 86 que apresenta círculos concêntricos (simples, segmentados e dentados) com uma palmeta de seis pétalas ao centro; outro indivíduo, o nº 85, que possui faixas de círculos concêntricos simples, sendo que dois círculos apresentam parte segmentada e parte ondulada, intercalados com pequenos círculos com anéis delimitados por uma faixa simples; o fragmento nº 82 que ostenta uma linha de ângulos na diagonal seguida de um círculo concêntrico segmentado com um motivo vegetal no centro; e por último, o fragmento nº 81 que possui círculos concêntricos (segmentados e dentados) com um cálice no centro que incorpora elementos ondulantes no exterior.

Com produção de *Tritium Magallum* temos a parte inferior do fragmento nº 84, decorado com círculos concêntricos, sendo que um dos círculos é parcialmente segmentado. Estes alternam com um elemento vertical formado por aspas e outro de extremidade bífida.

Cronologicamente estes fragmentos devem situar-se em torno do século II, como podemos constatar pelas decorações que ostentam.

Identificámos ainda oito indivíduos cuja decoração é ilegível devido ao elevado grau de desgaste. Porém, dois destes fragmentos ostentam uma possível linha de óvulos.

### Marcas de oleiro e Grafito

O conjunto de hispânicas é composto por duas marcas de oleiro. Uma apresenta-se incompleta, num fundo de uma taça Drag. 27, possivelmente em cartela rectangular, contudo não conseguimos avançar com um oleiro, pois o fundo encontra-se fracturado (nº 57).

Um prato Drag. 15/17 (nº 88) ostenta uma marca no fundo interno. Esta apresenta-se em cartela rectangular e apenas conserva o N, o que não nos permite avançar com uma proposta de um determinado oleiro. Este fundo possui também o grafito XR ou XIR, no fundo exterior da peça, o que coloca igualmente algumas reservas na sua leitura.

#### 6.3.2. Síntese dos resultados no quadro das importações para a Lusitânia

Sendo a segunda maior categoria de *sigillata* do conjunto em estudo, com 274 fragmentos (86 NMI), esta mostra-se bastante coesa em termos formais. A supremacia das formas lisas sobre as decoradas é bem clara, tendo as primeiras 58 indivíduos e as segundas apenas 28 exemplares. As formas lisas dominantes no espólio em análise são o prato Drag. 15/17 e a taça Drag. 27. Já nas formas decoradas apenas se registam dois tipos a Drag. 29 e a Drag. 37. Na amostra do Banco de Portugal, regista-se ainda a presença de duas marcas de oleiro e um grafito.

A distinção entre os diferentes fabricos foi feita tendo em conta o estado das peças, através de uma análise cuidada. Assim dividimos os fragmentos em três produções: a de Peñaflor, a *Tritium Magallum* e de Andújar, tendo distinguindo a produção de Andújar, em Andújar I e II. Foi possível atestar o predomínio das produções de *Tritium Magallum* sobre as de Andújar, assim como a existência de produções tardias, das quais falaremos *infra*, e de um fragmento de *sigillata* hispânica do tipo Peñaflor.

Recorrendo às publicações existentes, tanto para Lisboa como para outras áreas do território português, conseguimos traçar um quadro da distribuição das *sigillatas* hispânicas. Assim na zona de Lisboa, a *sigillata* hispânica encontra-se presente em diversos sítios. Na Rua das Pedras Negras, nºs 22-28, no edifício onde se situam as antigas Termas dos Cássios, a existência de *sigillatas* hispânicas está atestada pela presença de 116 fragmentos, sendo as formas mais comuns a Drag. 15/17 e a Drag. 27, cujo fabrico dominante é o de *Tritium Magallum*. Também exemplares de *sigillata* hispânica do tipo Peñaflor foram identificados neste local, pertencendo às formas Martínez I e III (Silva, 2012, p. 208-234). No jardim do Palácio dos Condes de Penafiel, recolheram-se 521 fragmentos de *sigillata* (226 NMI), estando as hispânicas também representadas no

conjunto, com 40 exemplares. As formas mais frequentes são a Drag. 15/17 e a 27, predominando o fabrico de Andújar sobre o de *Tritium*. A *sigillata* hispânica do tipo Peñaflor está representada pela forma III de Martínez (Silva, 2012, p. 232-244). Na intervenção realizada na Calçada do Correio Velho - Via Pública, recolheram-se apenas dois fragmentos de *sigillata* hispânica, pertencendo um à forma Drag. 27 (Silva, 2012, p. 245-248). Na Rua de São Mamede ao Caldas – Via Pública, foram identificados apenas 16 NMI de *sigillata* hispânica, sendo as formas dominantes a Drag. 15/17, a 27 e a 37. As *sigillatas* hispânicas do tipo Peñaflor estão atestadas por um fragmento de Martínez III B (Silva, 2012, p. 248-258). Nos Claustros da Sé apenas foram estudadas as marcas de oleiro, das quais oito são hispânicas (Silva, 2012, p. 278-299). Na Casa dos Bicos, no decorrer das intervenções entre 1981 e 1982, colocou-se a descoberto quatro cetárias. No conjunto das *sigillatas* somente se estudaram as marcas de oleiro, encontrando-se exemplares com os fabricos de itálicos, sudgálicos e de Andújar (Sepúlveda e Amaro, 2007). Na Rua dos Bacalhoeiros esta categoria cerâmica encontra-se ausente, estando o conjunto datado da primeira metade do século I d.C. (Fernandes *et al.* 2011, p. 251; Silva, 2012, p. 333-341). No teatro romano, em 2009, foram recolhidos dois fragmentos de *sigillata* hispânica, um correspondente à forma Drag. 37b e outro à forma Drag. 15/17 com um grafito no fundo (Fernandes, Sepúlveda e Antunes, 2012, p. 44-51). Na Rua Augusta nº61-69 apesar da *sigillata* hispânica ser em menor número que a sudgálica e que a de tipo itálico, tendo apenas 19 indivíduos, foram identificadas as formas Drag. 27, 18 e 37 (Silva, 2012, p. 355-368). No circo de *Olisipo* recuperaram-se 138 fragmentos de *sigillata*, sendo 35% do conjunto composto por hispânicas. Contudo apenas 16 fragmentos são analisados na publicação (Sepúlveda *et al.*, 2002), sendo as formas as mais comuns dos conjuntos encontrados em Lisboa: a Drag. 15/17, Drag. 18/31 e Drag. 37. Na Praça da Figueira, foram recolhidos 3962 fragmentos (887 NMI) de *sigillata*, sendo que 210 fragmentos são hispânicos. As formas hispânicas, mais numerosas neste conjunto, são as Drag. 27 e a 15/17, estando presentes também as formas Drag. 37 e Drag. 18 (Silva, 2012, p.387-486). Por fim, ainda na área de Lisboa, no fundeadouro da Praça de D. Luís I, as formas encontradas foram a Drag. 24/25, a Drag. 27, a Drag. 33 e a Drag. 15/17 (Parreira e Macedo, 2013, p. 748).

Como vemos pelo exposto *supra*, a produção de *Tritium Magallum* predomina sobre a de Andújar na maioria dos sítios, com excepção das hispânicas recolhidas no jardim do Palácio dos Condes de Penafiel. As formas mais frequentes nestes sítios de Lisboa são as mais comuns dos conjuntos hispânicos, como a Drag. 15/17 e Drag. 27. Na *sigillata*

hispânica do tipo Peñaflor, a maior incidência recai sobre a forma III de Martínez. Apesar das *sigillatas* hispânicas aqui expostas serem provenientes de diferentes sectores da antiga cidade romana, o facto de estas possuírem as mesmas formas como sendo as mais dominantes, demonstra que a comercialização destes produtos tinha um carácter bastante abrangente.

Em *Conimbriga*, o conjunto de *sigillata* hispânica é composto maioritariamente por fragmentos lisos, cujas formas mais abundantes são a Drag. 27, Drag. 24/25, Drag. 15/17, Drag. 18 e a Drag. 35/36. Os fragmentos decorados são menos frequentes, sendo os mais comuns exemplares das formas Drag. 29, Drag. 30 e Drag. 37 (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 153-245).

Em Santarém, foram recolhidos 103 fragmentos pertencentes a *sigillata* hispânica, sendo as formas mais abundantes a Drag. 15/17, a Drag. 27 e a Drag. 37 (Viegas, 2003, p. 139). Em Tróia, o espólio composto pelas escavações antigas (1956 a 1961) e pelas recentes (2008-2009) é pouco abundante no que corresponde a esta categoria cerâmica. Ainda assim, estão representadas algumas das formas mais comuns do repertório hispânico, a Drag. 15/17, a Drag. 18, a Drag. 24/25 e a Drag. 27. No conjunto recolhido na área do fundeadouro esta *sigillata* encontra-se representada por 26 fragmentos, correspondendo às mesmas formas encontradas na área terrestre (Fonseca, 2004, p. 434 e 435).

Em Alcácer do Sal, a *sigillata* hispânica está representada com 41 NMI, sendo as formas lisas mais frequentes a Drag. 15/17, a Drag. 27, e as formas decoradas a Drag. 29 e a Drag. 37. As *sigillatas* hispânicas de tipo Peñaflor estão assinaladas pela existência das formas Martínez I B e II B (Viegas, 2014).

Em Chãos Salgados, a *sigillata* hispânica está presente com 583 NMI, prevalecendo o fabrico de *Tritium Magallum* sobre o de Andújar e as formas lisas sobre as decoradas. As formas lisas mais comuns são a Drag. 15/17, a Drag. 27 e a Drag. 18. As decoradas mais frequentes são a Drag. 30 e a Drag. 37. Das *sigillatas* hispânicas do tipo Peñaflor identificaram-se as formas Martínez II e III (Quaresma, 2012, p. 124-156; 233-237).

O espólio hispânico recuperado em Faro é composto por 39 indivíduos, sendo as formas mais comuns a Drag. 18, a Drag. 15/17 e a Drag. 27. Nos fragmentos decorados apenas foi possível identificar a forma Drag. 37. A *sigillata* hispânica do tipo Peñaflor no conjunto é bastante diversificada, composta por 18 fragmentos, estando presentes as formas I, II e III de Martínez, a mais frequente, e as formas Amores 1, 7 e 10. Na amostra foram ainda identificadas duas marcas de oleiro (Viegas, 2011, p. 148-156).

Em *Balsa*, recuperaram-se 80 fragmentos de *sigillata* hispânica. As formas lisas mais comuns são as formas Drag. 27 e Drag. 15/17, como na maioria dos outros sítios mencionados, sendo menos frequentes as formas Drag. 24/25, Drag. 18/31, Hisp. 4, Hisp. 14 e Hermet 90.5. A forma decorada mais numerosa é a Drag. 37, existindo apenas um exemplar da Drag. 29. O conjunto possui ainda três marcas de oleiro. No que corresponde à *sigillata* hispânica do tipo Peñaflor, esta é composta por 78 indivíduos, sendo a maioria na forma III de Martínez, estando também presentes a forma I e II de Martínez (Viegas, 2011, p. 320-328).

A *sigillata* hispânica de Castro Marim é composta por 50 indivíduos, sendo a forma lisa mais frequente a Drag. 27 seguida da Drag. 15/17 e da Drag. 35/36. A forma decorada mais comum é a Drag. 37, seguida da Drag. 29. No conjunto existem ainda três marcas de oleiro. A amostra de *sigillata* hispânica do tipo Peñaflor é composta por 20 exemplares, sendo a forma mais comum a II de Martínez, seguida da III e I de Martínez (Viegas, 2011, p. 460-465).

O conjunto proveniente da área da necrópole do Monte Molião, destruída quase por completo no século XIX pelo proprietário do terreno onde se inseria a mesma, foi distribuído por três museus (Museu Nacional de Arqueologia, Museu Municipal de Lagos e Museu Municipal Dr. Santos Rocha). Este espólio continha escassos fragmentos hispânicos, entre os quais se encontrava um fundo da forma Drag. 15/17, com marca de oleiro e grafito (Arruda, Sousa e Lourenço, 2009, p. 269-283). No decorrer das intervenções de 2006 e 2007, no sítio do Monte Molião, esta cerâmica também não se mostrou muito abundante (Arruda *et al.*, 2008, p. 181).

Comprovámos assim que as *sigillatas* hispânicas identificadas no Banco de Portugal não diferem, nas suas linhas gerais, dos demais sítios do território português. O espólio em estudo apresenta uma cronologia a partir dos finais do século I chegando até aos finais do século II, num momento em que a cerâmica norte africana já faria concorrência no mercado, uma vez que esta começa a ser importada nas últimas décadas do século I e sobretudo a partir de meados do século II, pelo que estariam ambas a ser comercializadas e utilizadas em simultâneo neste período.

## **6.4. *Sigillata* Clara A**

### **6.4.1. Caracterização tipológica e do fabrico**

O conjunto de *sigillata* clara A é composto por 300 fragmentos (125 NMI), correspondendo a 31,48% do total das *sigillatas* (Gráfico 2), sendo a categoria dominante da *sigillata* recolhida no Edifício Sede do Banco do Portugal.

A identificação dos fabricos da *sigillata* clara A foi dificultada pelo estado de conservação em que os materiais se encontravam, estando estes, como já mencionámos, muito rolados, com engobes mal conservados, não possibilitando assim, por vezes, a distinção entre os fabricos. Contudo, foi possível atribuir fabrico a 132 fragmentos, sendo que 30 indivíduos correspondem ao fabrico A1, 37 exemplares ao A1/2, 64 fragmentos pertencem ao fabrico A2 e apenas um indivíduo foi identificado como pertencente ao fabrico A/D.

A amostra do Edifício Sede do Banco de Portugal é bastante diversificada, tendo sido possível identificar nove formas e respectivas variantes (Tabela 6 e Gráfico 5).

### **Forma Hayes 3**

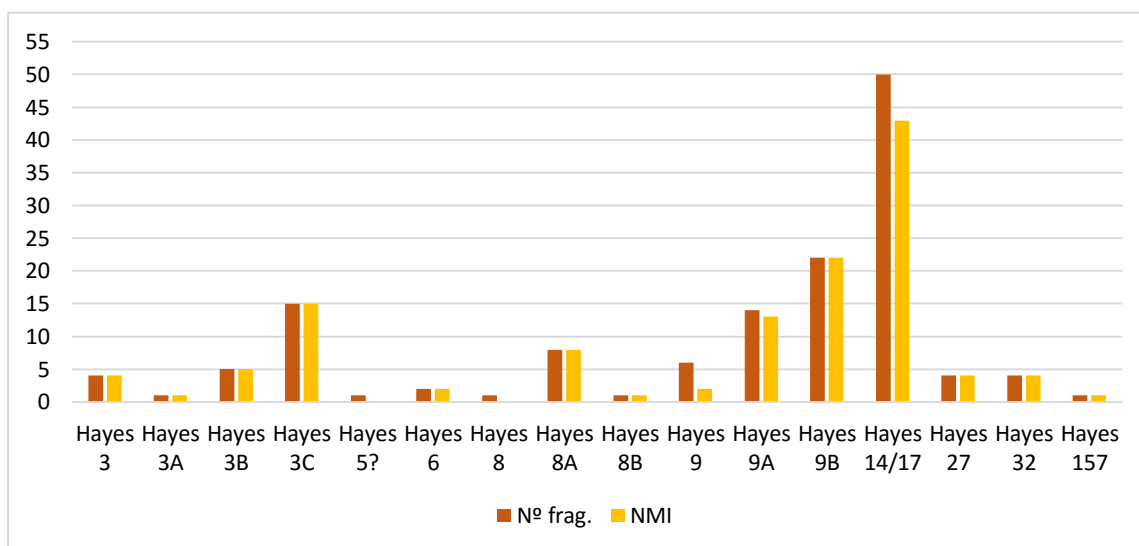
Corresponde a um prato, que imita a forma Drag. 36 das produções sudgálicas. Tem o bordo voltado para o exterior e possui diâmetros normalmente entre os 10 e os 26 cm. Conhecem-se alguns exemplares com uma ranhura junto ao bordo para acomodar uma tampa. Esta forma encontra-se produzida nos fabricos A1, A1/2 e A2.

Possui três variantes: a variante A que apresenta um bordo pendente com folha de água aplicada por barbotina, com uma canelura interna após o bordo, com cronologia entre c.60-80 d.C.; a variante B que possui igualmente um bordo pendente com aplicação de folha de água, não apresentando a canelura interna, produzida entre c.75-150 d.C.; e a variante C que é idêntica à variante B, não possuindo contudo a decoração por barbotina, sendo produzida entre os inícios/meados do século II (Hayes, 1972, p. 25).

No Edifício Sede do Banco de Portugal foram recolhidos 25 fragmentos pertencentes a esta forma, constituindo 20% da *sigillata* clara A, tendo sido possível enquadrar um indivíduo na variante A, cinco exemplares na variante B (nº 91 e 92) e 15 indivíduos na variante C (nº 93 e 94). Não conseguimos fazer corresponder a nenhuma variante quatro fragmentos. Apenas foi possível determinar o fabrico de 11 indivíduos, enquadrando-se seis no fabrico A1, dois no fabrico A1/2 e três no A2.

TSCIA	Nº frag.	NMI
Hayes 3	4	4
Hayes 3A	1	1
Hayes 3B	5	5
Hayes 3C	15	15
Hayes 5?	1	–
Hayes 6	2	2
Hayes 8	1	–
Hayes 8A	8	8
Hayes 8B	1	1
Hayes 9	6	2
Hayes 9A	14	13
Hayes 9B	22	22
Hayes 14/17	50	43
Hayes 27	4	4
Hayes 32	4	4
Hayes 157	1	1
Formas Indeterminadas	161	–
<b>Total</b>	<b>300</b>	<b>125</b>

**Tabela 6** – Distribuição das formas de *terra sigillata* clara A.



**Gráfico 5** – Distribuição das formas da *terra sigillata* clara A.

### **Forma Hayes 6**

Corresponde a um prato de bordo plano, com um sulco no bordo, com a parede curva, ligeiramente carenado e com um pequeno pé baixo. Possui uma ranhura na parte interna. Registam-se exemplares desta forma nos três fabricos (A1, A1/2 e A2). A cronologia que lhe tem sido atribuída aponta para a segunda metade do século II d.C. (Hayes, 1972, p. 30; Carandini, 1981, p. 25).

Apresenta três variantes, contudo não foi possível fazer essa distinção nos dois fragmentos que se recolheram no Banco de Portugal, devido a estes serem de muito reduzida dimensão. O fragmento nº 95 foi produzido em A2. Apresenta uma ranhura na parede interna, um pouco abaixo do bordo. Já o fragmento de fundo nº 96, que se pode igualmente integrar neste tipo, ostenta *guilhoché* no fundo interno.

### **Forma Hayes 8**

Corresponde a uma taça carenada derivada da Drag. 29 sudgálica. O bordo tem um lábio ligeiramente acentuado, seguido de uma moldura convexa, acompanhada por duas ranhuras à mesma altura da moldura, do lado interno. A parede é ligeiramente plana e inclinada, formando uma carena de ângulo vivo. O fundo é um pequeno pé baixo. Os diâmetros desta forma situam-se entre os 12 e os 30 cm (Hayes, 1972, p. 33; Carandini, 1981, p. 26).

Esta forma possui duas variantes: a variante 8A, que apresenta *guilhoché* sobre a moldura convexa e sobre o ponto de junção com a parede. Foi produzida maioritariamente no fabrico A1, existindo também exemplares manufacturados em A1/2, menos frequentes. A cronologia desta variante centra-se entre a década de 90 e os inícios do século III, contudo Hayes sugere que esta variante não excedeu a segunda metade do II século; a variante 8B, que apresenta as mesmas características da variante anterior, contudo não ostenta decoração. Cronologicamente esta variante situa-se entre a segunda metade do século II e o século III d.C. (Hayes, 1972, p. 35; Carandini, 1981, p. 26).

No Edifício Sede do Banco de Portugal recolheram-se nove exemplares pertencentes a esta forma, tendo sido possível enquadrar oito na variante A (nº 97) e um fragmento na variante B, embora esta classificação se tenha realizado com alguma dificuldade, pois este apresenta um rolamento muito acentuado.



### **Forma Hayes 9**

Esta forma corresponde a uma taça de paredes curvas e bordo arredondado simples. Tem duas ranhuras a seguir ao bordo, do lado externo e possui diâmetros entre os 12 e os 21 cm. Foi produzida nos três fabricos (A1, A1/2 e A2) e, tal como a anterior, possui duas variantes: a variante A, que ostenta *guilhoché* entre as duas ranhuras da superfície externa. Cronologicamente esta variante situa-se entre os anos 100 e 160 d.C.; e a variante B, que é idêntica à variante A, mas não possui *guilhoché*, apenas as duas ranhuras após o bordo. Cronologicamente pode situar-se entre a segunda metade do século II e o século III (Hayes, 1972, p. 37; Carandini, 1981, p. 27).

No Edifício Sede do Banco de Portugal foram recolhidos 37 fragmentos correspondentes a esta forma, dos quais 13 enquadrámos na variante A (nº 98 ao 100) e 22 fragmentos na variante B (nº 101 ao 104). Estes constituem 30% do total da *sigillata* clara A.

O desgaste e rolamento muito acentuados da maioria dos fragmentos impossibilitou a determinação do seu fabrico. Contudo foi possível determiná-lo para 19 fragmentos, sendo que cinco pertencem ao fabrico A1, sete ao fabrico A1/2 e sete ao A2.

### **Forma Hayes 14/17**

Agruparam-se as formas da 14 à 17, pois estas correspondem a tigelas de bordo indiferenciado, cuja parede pode ser vertical, ligeiramente esvertida ou voltada para o interior, podem ser carenadas ou não e possuem um fundo com pequeno pé em anel. Produzidas no fabrico A2, estas formas, por norma, apresentam diâmetros entre os 10 e os 23 cm. Situam-se cronologicamente entre meados do século II e o século III (Hayes, 1972, p. 39-47; Carandini, 1981, p. 34).

Do Edifício Sede do Banco de Portugal foram recolhidos 43 indivíduos que se enquadram neste conjunto de formas (nº 111 ao 117), contudo, devido à sua dimensão não é seguro fazer uma distinção. Esta é a forma mais frequente no conjunto em estudo, correspondendo a 34% da *sigillata* clara A. Em alguns fragmentos, as superfícies têm um aspecto rugoso e apresentam pequenas linhas finas, resultantes do polimento. Um fragmento apresenta uma ranhura na parede externa. Outro exemplar detém uma pasta de núcleo cinzento, consequência de uma cozedura mais prolongada.

### **Forma Hayes 27**

Corresponde a um prato de grandes dimensões, de paredes convexas, com bordo de secção semicircular e com um fundo de pé baixo. Tem um pequeno sulco na superfície

interna e dois sulcos finos junto ao fundo. Os diâmetros desta forma centram-se entre os 20 e os 36 cm e a sua cronologia situa-se entre meados do século II e a primeira metade do III, iniciando aqui, segundo Hayes (1972, p. 49-51) uma série de pratos de base ampla, que se irão tornar bastante comuns no século III. Esta forma ocorre nos fabricos A1, A1/2 e A2, existindo também alguns exemplares em A/D, já mais tardios (Hayes, 1972, p.40-51; Carandini, 1981, p. 31 e 52).

No conjunto em estudo identificaram-se quatro indivíduos desta forma (nº 105 ao 108), produzidos em A1/2 e em A2.

### **Forma Hayes 32**

Prato com fundo amplo e plano, parede inclinada e bordo plano e curto. O fundo é ligeiramente côncavo, terminando com um pequeno pé de grande diâmetro. Por vezes possui um sulco na junção entre o fundo e a parede. Esta forma foi produzida no fabrico A/D, mais grosseiro e de menor qualidade. Os diâmetros rondam os 23 e os 31 cm e está datada da primeira metade do século III (Hayes, 1972, p. 55; Carandini, 1981, p. 54).

No Banco de Portugal foram recolhidos quatro exemplares desta forma (nº 118 e 119), contudo o elevado grau de rolamento e o consequente desgaste dos seus engobes não nos permite afirmar com segurança o seu fabrico.

### **Forma Hayes 157**

Corresponde a uma forma fechada, a uma bilha de bordo trilobado e corpo ligeiramente bicónico, por norma com *guilhoché*, e fundo plano (Hayes, 1972, p.188; Carandini, 1981, p. 44). Esta forma rara foi maioritariamente produzida em A1, sendo que Hayes aponta para uma cronologia dos inícios do século II (1972, p. 188). Já Nolen data esta forma entre a segunda metade do século I e os inícios do II (1994, p. 98).

No conjunto em estudo recolheu-se um fragmento de asa (nº 120) que pensamos poder pertencer à Hayes 157, pois apresenta caneluras longitudinais e a mesma secção que a asa desta forma. O facto de o fragmento ser de dimensões tão reduzidas não nos permite afirmá-lo com certeza, contudo esta é a forma que melhor corresponde ao fragmento existente.

### Formas indeterminadas

Não nos foi possível determinar a forma de 161 fragmentos, sendo que quatro correspondem a bordos de pequena dimensão, com elevado grau de rolamento ou sem

elementos que nos permitam enquadrá-los numa forma específica. Também como indeterminados temos 41 fundos, que apresentam uma morfologia semelhante entre si, que permite classificá-los em diversas formas, não sendo porém uma identificação segura. Os restantes fragmentos (116) correspondem a paredes sem características diferenciadoras.

#### **6.4.2. Síntese dos resultados no quadro das importações para a Lusitânia**

A amostra de *sigillata* clara A é composta por 300 fragmentos (125 NMI), sendo a categoria dominante de *sigillata* recolhida no Edifício Sede do Banco do Portugal. O conjunto distribui-se por nove formas diferentes, sendo a mais frequente a Hayes 14/17, com 43 indivíduos, seguida da Hayes 9, com 22 exemplares na variante B e 13 na variante A.

A forma mais antiga deste conjunto é a Hayes 3 situada cronologicamente entre 60 e a metade do século II. A forma mais tardia é a Hayes 32 datada da primeira metade do século III. O grosso do conjunto apresenta cronologias entre os finais do século I e os meados do século II d.C.

Devido ao acentuado grau de rolamento dos fragmentos estudados e consequente desgaste dos engobes, não nos foi possível atribuir fabrico a 168 indivíduos, contudo, entre os exemplares em que isso foi possível, o fabrico dominante é o A2, com 64 fragmentos.

Ao tentarmos perceber a distribuição e comércio da *sigillata* clara A em Lisboa, deparámo-nos com a escassez de dados que a falta de publicações origina, pois sabe-se da existência de intervenções mas os seus resultados nem sempre são publicados de forma sistemática. Porém, foi possível estabelecer comparações com alguns sítios do actual território português, quer através da tese de R. Banha da Silva (2012), quer de alguns artigos que se encontram publicados. Contudo, em ambos os casos, por vezes não são mencionados os dados quantitativos das cerâmicas ou as formas das mesmas, existindo somente referência acerca sua existência. Considerámos, no entanto, que mesmo com essas lacunas, seria uma mais-valia sintetizar a informação existente.

Assim, na área de Lisboa, vários sítios possuem *sigillatas* norte africanas. Na Rua das Pedras Negras, a quando da escavação das Termas dos Cássios, as *sigillatas* recolhidas eram maioritariamente de produção norte africana, contudo estas continuam ainda inéditas desconhecendo-se assim as formas que se encontram representadas no conjunto (Silva, 2012, p. 212), algo que seria de grande contributo para se poder aferir dados sobre o perfil de importação, ocupação e diacronia do sítio. Na Rua da Regueira, a maioria do

espólio é composto por fragmentos de *sigillata* norte africana (Silva, 2012, p. 323), desconhecendo-se quais as formas e fabricos representados. Na Cadeia do Aljube/Rua Augusto Rosa regista-se a presença de um bordo de Hayes 9B. Na Rua da Saudade existe um fragmento da forma Hayes 3C (Silva, 2012, p. 260 e 277). No Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, no decorrer das escavações realizadas no local entre 1991 e 1995, atestou-se a supremacia das produções norte africanas. De acordo com as publicações existentes, que não incluem a totalidade do espólio, as formas mais frequentes de *sigillata* clara A são a Hayes 18, Hayes 32/58, e em menor número a Hayes 14 e a Hayes 16 (Bugalhão, 2001, p. 82-169). No fundeadouro da Praça de D. Luís I, a presença desta categoria cerâmica também se encontra comprovada por exemplares de Hayes 27 e de Hayes 32. Neste sítio existem, inclusive, imitações de *sigillata* clara A, principalmente das formas Hayes 14/17, Hayes 3B e Hayes 27, juntamente com imitações de *sigillatas* claras D e de formas de cerâmica de cozinha africana, que permitem atribuir uma cronologia em torno de meados do século II e a primeira metade do III d.C. (Parreira e Macedo, 2013, p. 749). No circo de *Olisipo*, os investigadores registam apenas um fragmento indeterminado de *sigillata* clara A (Sepúlveda *et al.*, 2002, p. 250 e 272). Como referimos anteriormente, a ausência de menção às formas norte africanas e a falta de dados quantitativos não nos permite traçar um perfil no que respeita à importação da *sigillata* clara A em Lisboa. Ainda assim, parece-nos que os conjuntos da área ribeirinha, aqui representados pelo fundeadouro da Praça D. Luís I e pelo Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros atingiram fases mais tardias, tal como acontece com o conjunto do Banco de Portugal, tendo estes sítios materiais com cronologias em torno da primeira metade do século III.

Em *Conimbriga* foram recolhidos 22 fragmentos de *sigillata* clara A, de um total de 979 fragmentos de *sigillatas*. O repertório formal é escasso, composto por formas mais tardias, tendo sido apenas possível enquadrar tipologicamente cinco fragmentos, um na forma Hayes 15, dois na Hayes 16, um na Hayes 27 e um na Hayes 18 (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 250-252).

Em Santarém foram identificados 44 fragmentos como pertencentes a *sigillata* clara A, contudo, apenas 39 foram passíveis de classificação, sendo que 29 correspondem à forma Hayes 14/17, nove à forma Hayes 27 e apenas um indivíduo à forma Hayes 7B. Estas formas inserem o conjunto de *sigillatas* claras A de Santarém entre a segunda metade do século II e a primeira metade do III (Viegas, 2003, p. 168).

Em Tróia, no espólio recuperado no decorrer das escavações antigas (1956 e 1961) foram identificados diversos exemplares de *sigillata* clara A. As formas com mais indivíduos deste conjunto correspondem à forma Hayes 14, com seis fragmentos, quatro na variante A e dois na B, e à forma Hayes 9, com seis fragmentos, um na variante A e cinco na B. Identificaram-se mais formas, com menor representatividade numérica, como a Hayes 3, a Hayes 6, a Hayes 8, a Hayes 27 e a Hayes 44. Estas foram produzidas no fabrico A1 e A2. Já os exemplares das formas Hayes 31 e Hayes 34 foram fabricados em A/D (Silva, 2010, p. 46-52). No espólio das escavações recentes (2008-2009) apenas se recuperou um indivíduo de *sigillata* clara A, na forma Hayes 31, fabricado em A/D (Silva, 2010, p. 92). Na área do fundeadouro, entre 1958 e 1974, foram recuperados 19 fragmentos de *sigillata* norte africana, sendo que apenas cinco correspondem à produção A. A maioria são formas indeterminadas, existindo dois exemplares da forma Hayes 8A (Fonseca, 2004, p. 436). Em Alcácer do Sal, a *sigillata* norte africana constitui apenas 2,5% do total do conjunto. Apenas se identificaram sete indivíduos de *sigillata* clara A, correspondentes às formas Hayes 3, Hayes 8 e Hayes 27 (Viegas, 2014, p. 762).

Nos Chãos Salgados (*Miróbriga*), a *sigillata* clara A está representada com 327 indivíduos, sendo a forma mais comum a Hayes 27. As formas Hayes 3, 6, 8, 9 e 14 também estão presentes com as suas variantes, assim como as formas Hayes 31, 44, 135 e 140. O fabrico mais frequente é o A2 (Quaresma, 2012, p. 159-170; p. 245).

O espólio de *sigillata* clara A recuperado das intervenções em Faro é composto por 37 exemplares, sendo a forma mais frequente a Hayes 14/17, seguida das formas Hayes 8A e Hayes 9A. As formas Hayes 3, 4, 6, 27 e 33 também se identificaram, mas em menor número.

Em Balsa, o conjunto de *sigillata* clara A é composto por 109 indivíduos, sendo a forma mais comum a Hayes 14/17. Encontram-se também representadas, em menor número, as formas Hayes 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 14, 17, 27, 28, 31 e 32, assim como a Salom. A 23-a. A importação desta cerâmica para Balsa começou em época Flávia (Viegas, 2011, p. 328-329).

O sítio do Castelo de Castro Marim foi abandonado nos finais do século I ou inícios do II “(...) num momento em que o sítio estava a importar quantidades apreciáveis de cerâmica em diversos mercados. Abastecia-se, sobretudo, no Sul da Gália, mas igualmente na Hispânia, na vizinha Bética, quer nas oficinas de Andújar quer nas de Peñaflor (*Celti*), ou na Tarraconense, em Tricio.” (Viegas, 2011, p. 463). Assim, a presença de *sigillata* norte africana é muito escassa. Contudo, foram identificados dois fragmentos de *sigillata* clara

A, na forma Hayes 9A, que devem corresponder a fases esporádicas de ocupação do sítio e não de uma continuidade da mesma (Viegas, 2011, p. 463).

No Monte Molião, esta cerâmica não é muito abundante. As formas Hayes 7, Hayes 8 e Hayes 9 encontram-se presentes, assim como a forma Hayes 123 (Arruda *et al.*, 2008, p. 181; Arruda, Sousa e Lourenço, 2009, p. 278).

Pelo que foi exposto *supra*, verificámos que na maioria dos sítios mencionados, esta categoria cerâmica não é abundante, sendo apenas mais representativa em *Miróbriga*, e ainda assim, de entre as *sigillatas* norte africanas recuperadas, não constitui a categoria dominante, mas sim a *sigillata* clara C. Contudo, em termos formais, a distribuição morfológica da *sigillata* clara A é relativamente homogénea, sendo a maioria dos conjuntos compostos pelas formas Hayes 3, 8, 14/17 e 27, com uma cronologia centrada entre a segunda metade do século II e a primeira metade do III. Existem porém sítios que apresentam formas mais tardias desta produção, como a Hayes 31, 34 e 44, tal como acontece no Edifício Sede do Banco de Portugal, em que registamos a presença da forma Hayes 32, que possui uma datação até finais do século III.

Tal como já se referiu a *sigillata* clara A corresponde ao fabrico mais frequente no sítio do Banco de Portugal o que parece demonstrar a intensidade de ocupação desta área da cidade num período entre os finais do século I d.C. e a primeira metade do século III. Quando a *sigillata* clara A surgiu no mercado *olisiponense*, a *sigillata* hispânica ainda abastecia de cerâmica fina de mesa dos habitantes da cidade. Posteriormente, a partir de meados do século II e durante a primeira metade do século III, com o declínio da produção hispânica e com a progressiva imposição da *sigillata* clara A, esta deverá ter adquirido preponderância no consumo.

## **6.5. *Sigillata* Clara C**

### **6.5.1. Caracterização tipológica e do fabrico**

O conjunto de *sigillata* clara C recolhido no Edifício Sede do Banco do Portugal é composto por 120 fragmentos (26 NMI), correspondendo a 12,59% do total das *sigillatas* (Gráfico 2).

Tal como acontece nas restantes categorias cerâmicas, a distinção entre os diferentes fabricos foi dificultada pelo estado de conservação dos fragmentos, que se encontram muito rolados, desgastados, por vezes já sem engobe visível. Ainda assim, foi possível identificar 31 exemplares pertencentes ao fabrico C1, 30 indivíduos correspondentes ao

C2, nove fragmentos com o fabrico C3 e três exemplares com o fabrico C4, não tendo sido possível determinar a que fabrico pertencem 47 indivíduos.

O conjunto em análise é composto por cinco formas diferentes e respectivas variantes (Tabela 7 e Gráfico 6).

### **Forma Hayes 45**

Corresponde a uma tigela de grandes dimensões, com parede hemisférica e bordo em aba. O fundo é plano, com um reduzido pé triangular. Esta forma possui três variantes: a variante A com *guilhoché* na aba e no fundo interno; a variante B com caneluras na aba e no fundo; e a variante C, semelhante à B, mas por vezes com o bordo pendente.

Esta forma situa-se cronologicamente entre inícios do III e meados do IV século, sendo as variantes A e B as que surgiram primeiro, entre 230/40 e 320, e a variante C a mais tardia, datada de meados do século IV (Hayes, 1972, p. 63-65; Carandini e Sagui, 1981, p. 63).

No conjunto em análise recolheram-se quatro indivíduos desta forma, sendo que três correspondem à variante A (nº 121) (dois bordos produzidos no fabrico C3 e C1 e um fragmento de parede/fundo (nº 124) com *guilhoché*, de fabrico indeterminado), e um fragmento de bordo (nº 123) pertencente à variante B, com fabrico C2.

### **Forma Hayes 46**

Corresponde a uma tigela de grandes dimensões com bordo curvo. Os diâmetros variam entre 21 e 40 cm. Esta forma está datada do último quartel do III século e o primeiro quartel do IV século (Hayes, 1972, p. 65).

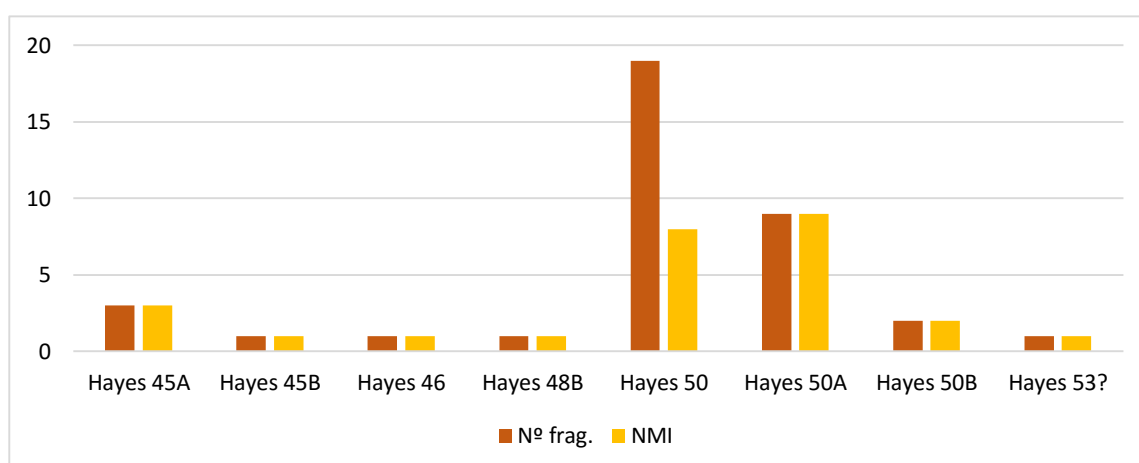
No conjunto em estudo identificou-se um fragmento (nº 125) como pertencente a esta forma, produzido no fabrico C2.

### **Forma Hayes 48**

A forma Hayes 48 corresponde a um prato de fundo amplo com bordo em aba, frequentemente com um pequeno sulco no bordo. Apresenta duas variantes: a A com um bordo ligeiramente horizontal, cujo engobe é por norma brilhante e cobre a totalidade da peça, datada de c. 220-270 d.C.; a variante B, com o bordo ligeiramente oblíquo, engobe

TSCIC	Nº frag.	NMI
Hayes 45A	3	3
Hayes 45B	1	1
Hayes 46	1	1
Hayes 48B	1	1
Hayes 50	19	8
Hayes 50A	9	9
Hayes 50B	2	2
Hayes 53?	1	1
Formas Indeterminadas	83	–
<b>Total</b>	<b>120</b>	<b>26</b>

**Tabela 7** – Distribuição das formas de *terra sigillata* clara C



**Gráfico 6** – Distribuição das formas da *terra sigillata* clara C



suave e por norma mate, apenas no interior e no bordo, produzida entre c. 260-320 d.C. Os diâmetros desta forma encontram-se entre os 17 e os 50 cm, sendo os mais comuns os diâmetros entre os 17 e os 20 cm e os diâmetros entre 25 e 36 cm (Hayes, 1972, p. 65; Carandini e Sagui, 1981, p. 60).

Apenas um fragmento (nº 126) dos recolhidos no Banco de Portugal se identificou como pertencente a esta forma, na sua variante B. Este foi produzido no fabrico C1.

### **Forma Hayes 50**

Corresponde a um prato de grandes dimensões, com fundo plano, parede recta esvasada e bordo de lábio semicircular ou ligeiramente biselado. Esta forma possui duas variantes: a A, com uma cronologia entre c. 230/240 e 360, que ostenta paredes mais inclinadas, tendo uma maior abertura do bordo; a variante B, datada de c. 300-400, podendo ir além dessa data, tem menor inclinação e menor abertura do bordo, assim como uma menor base. O diâmetro desta forma varia entre os 20 e os 40 cm. De um modo geral este prato é bastante comum nos contextos arqueológicos, sendo a forma mais difundida no fabrico C, existindo contudo também exemplares no fabrico D (Hayes, 1972, p. 69-73; Carandini e Sagui, 1981, p. 65).

No Edifício Sede do Banco de Portugal recolheram-se 19 fragmentos pertencentes a esta forma, o que corresponde a 73% do conjunto da *sigillata* clara C. Foi possível identificar nove indivíduos (nº 127 ao 130) como pertencentes à variante A. Estes enquadram-se nos fabricos C1 (dois fragmentos) e C2 (sete fragmentos). Pertencentes à variante B identificaram-se dois fragmentos (nº 131 e 133), fabricados em C3.

### **Forma Hayes 53**

Trata-se de uma tigela de paredes curvas, base e bordo planos. Possui duas caneluras na parte interna após o bordo e ao centro no fundo. Esta forma divide-se em duas variantes: a A que ostenta *guilhoché* no interior e que se encontra datada de c. 350 e 430 d.C.; e a variante B que apresenta *guilhoché* disposto de forma radial (*“feather-rouletting”*) e uma cronologia entre c. 370 e 430. Possui diâmetros entre os 17 e os 21 cm (Hayes, 1972, p. 78-82; Carandini e Sagui, 1981, p. 67).

No conjunto em estudo identificou-se um fragmento de parede/fundo (nº 132) que pensamos pertencer a esta forma fabricado em C2, contudo a sua reduzida dimensão não nos permitiu avançar esta classificação sem as devidas precauções.

### 6.5.2. Síntese dos resultados no quadro das importações para a Lusitânia

O conjunto agora estudado é pouco numeroso, sendo composto por 120 fragmentos (26 NMI), ainda assim é diversificado do ponto de vista morfológico, distribuindo-se por seis formas diferentes e respectivas variantes. A forma mais abundante é a Hayes 50, tendo 19 indivíduos, nove na variante A, dois na B e oito sem variante definida, pois tal não se mostrou possível devido à dimensão dos fragmentos. O fabrico dominante é o C1, estando contudo representados quatro dos fabricos que se conhecem para a *sigillata* clara C.

No que respeita à *sigillata* norte africana não existe muita informação disponível que nos permita traçar paralelos entre os diversos conjuntos. Ainda assim, foi possível fazê-lo para alguns sítios.

Na área de Lisboa, através do trabalho de R. Banha da Silva (2012), sabemos da existência de escassos fragmentos *sigillata* clara C na Rua de São Mamede ao Caldas, na Rua da Saudade nº 2, na Rua dos Douradores/Rua de S. Nicolau/Rua da Conceição - Via Pública e na Praça do Município - Via Pública, contudo, tal como já mencionámos anteriormente, não são referidas as quantidades nem as formas existentes, pois não era esse o objectivo do trabalho. Apenas sabemos que na Praça do Município, sítio próximo ao nosso caso de estudo, foram recolhidos exemplares de Hayes 50A e de Hayes 61A (Silva, 2012, p. 248-370). Ainda na zona de Lisboa, mais concretamente no teatro onde, em 2009, foi realizada uma sondagem com o intuito de se entender como foi feita a consolidação do edifício em época romana, foi recolhido um fragmento de Hayes 50, de reduzidas dimensões não sendo possível determinar a sua variante (Fernandes, Sepúlveda e Antunes, 2012, p. 44-51). No Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, verificámos que a maioria dos fragmentos encontrados no decorrer das intervenções realizadas no local são de origem norte africana, existindo um fragmento de Hayes 53B e três de Hayes 50, um dos quais na variante B (Bugalhão, 2001, p. 82-169). Também no fundeadouro da Praça D. Luís I se registaram formas de *sigillata* clara C, com um fragmento de Hayes 45A (Parreira e Macedo, 2013, p. 749). Na Rua dos Fanqueiros, durante a intervenção de emergência realizada em 1993 numa área de transformação de preparados piscícolas, foi recolhido um fragmento de *sigillata* clara C, da forma Hayes 52B, com “(...) um felino aplicado em alto relevo no dorso da aba, datável de 280/300 a finais do século IV/inícios do V (...)” (Diogo e Trindade, 2000, p. 184).

Neste caso, não conseguimos tirar grandes elacções de como se processou a difusão da *sigillata* clara C na área de Lisboa. Constatámos que, quando os dados são mencionados

(forma e número de fragmentos), a Hayes 50 é uma constante, pelo que podemos supor que esta seja uma das formas mais frequentes desses conjuntos, o que não é de estranhar, pois é o que sucede igualmente nos restantes sítios.

Em *Conimbriga*, a *sigillata* clara C está documentada por 273 fragmentos, sendo a forma com mais exemplares a Hayes 45. As formas Hayes 50, 52B, 50A, 71 e 73 também se encontram representadas (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 253-260).

Em Santarém, o conjunto das *sigillatas* claras C é o menos numeroso das *sigillatas* norte africanas. Ainda assim, no decorrer das intervenções foram recolhidos cinco fragmentos de Hayes 45A e dez de Hayes 50 (Viegas, 2003, p. 172).

Em Tróia, no espólio recolhido no decorrer das escavações realizadas entre 1959 e 1961, foram identificados inúmeros fragmentos de *sigillata* clara C, de entre os quais, oito fragmentos da forma Hayes 45 (A e B), 40 indivíduos da Hayes 50, sendo esta a forma mais representada, três da Hayes 52, três da Hayes 53, um fragmento da forma Hayes 54, três exemplares da forma Hayes 58, dois na variante A, seis indivíduos na forma Hayes 71 e cinco da forma Hayes 73, três na variante A e dois na variante B. Já nas escavações realizadas em 2008 e 2009, o espólio recolhido desta categoria cerâmica foi mais escasso, contabilizando cinco indivíduos da forma Hayes 50, um da Hayes 52, três da Hayes 58 e um fragmento que possivelmente se insere na forma Hayes 91 (Silva, 2010, p. 52-60; 92-93). Na área do fundeadouro foram identificados três fragmentos desta *sigillata*, correspondendo um à forma Hayes 52B, outro à Hayes 59B e um sem identificação formal possível (Fonseca, 2004, p. 436).

Em *Mirobriga* (Chãos Salgados) a *sigillata* norte africana mais abundante é a *sigillata* clara C, com 370 NMI. Neste conjunto a forma maioritária é a Hayes 50A, com 193 indivíduos. Esta forma ainda se encontra presente na sua variante B e com variante indeterminada. No conjunto integram-se também as formas Delgado, 1968, tav. III nº 1, Hayes 44, 45 (A, B e C), 48 (A e B), 52A, 53A, 57, 68, 72A e Hayes 73, estas com menos exemplares (Quaresma, 2012, p. 171-187; 245-248).

Em Faro, a *sigillata* clara C encontra-se representada apenas por 34 indivíduos, sendo a *sigillata* norte africana menos numerosa. A forma mais abundante é a Hayes 50, com 16 indivíduos, estando também presentes a Hayes 58, com cinco exemplares, e as formas Hayes 44, 45A, 46, 52, 61A, 67, 71A e 53 em menor quantidade (Viegas, 2011, p. 160 e 161).

Em *Balsa*, esta categoria possui 93 indivíduos, sendo a forma Hayes 50 a mais abundante, tal como acontece em Faro. Além desta forma, encontram-se representadas neste conjunto

as formas Hayes 32, 34, 40, 42, 45, 46, 48, 52 e 61A mas de modo menos frequente (Viegas, 2011, p. 331).

Em Castro Marim, esta cerâmica é bastante escassa, senão quase inexistente, registando-se apenas um fragmento de forma indeterminada. Isto deve-se ao facto de este sítio ter sido abandonado nos finais do século I ou inícios do II e estas cerâmicas datarem já do século III (Viegas, 2011, p. 463).

Na maioria dos sítios mencionados, esta *sigillata* norte africana não é a maioritária, à excepção de *Mirobriga*. As formas mais abundantes nos locais expostos, incluindo no Banco de Portugal, são a Hayes 50 e a Hayes 45.

As primeiras formas de *sigillata* clara C terão chegado à zona ribeirinha de Lisboa em torno dos inícios do século III, perdurando esta produção até meados do século IV d.C. A julgar pela relativamente menor quantidade desta cerâmica, podemos ser levados a supor existir nesta fase uma certa quebra da actividade desta área da cidade. Será interessante verificar qual o comportamento que as outras categorias cerâmicas mostram, como por exemplo as ânforas (ainda em estudo). Contudo esta realidade entra, de certa forma em contradição, com os dados disponíveis sobre os sítios escavados nas imediações e sobretudo com a intensa actividade industrial que esta área ribeirinha terá conhecido neste período.

## **6.6. *Sigillata* Clara D**

### **6.6.1. Caracterização tipológica e do fabrico**

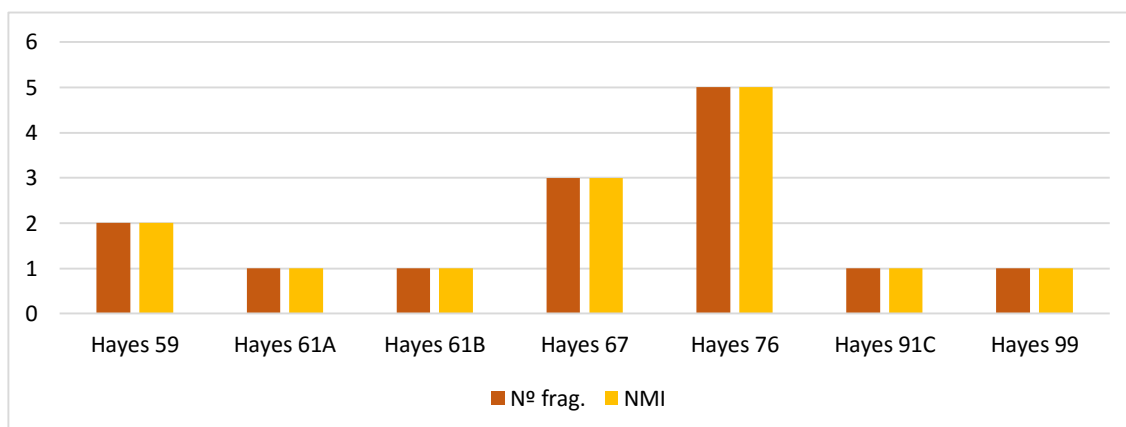
O conjunto de *sigillata* clara D do Edifício Sede do Banco de Portugal é composto por 40 fragmentos (15 NMI), correspondendo a 4,20% do total das *sigillatas* estudadas (Gráfico 2).

A *sigillata* clara D possui dois fabricos (D1 e D2) que se subdividem em fases, às quais correspondem diferentes cronologias e características de pastas e engobes, como já referimos *supra*. O estado de acentuado rolamento da maioria dos fragmentos estudados não permitiu em muitos casos a distinção das fases dentro dos fabricos, pelo que optámos apenas por assinalar o fabrico ao qual pertencem (D1 ou D2). Assim, com o fabrico D1 identificámos 26 fragmentos e com o D2 identificámos sete indivíduos, não tendo sido possível determinar o fabrico de sete exemplares.

O conjunto em análise é composto por seis formas diferentes e respectivas variantes (Tabela 8 e Gráfico 7).

TSCID	Nº frag.	NMI
Hayes 59	2	2
Hayes 61A	1	1
Hayes 61B	1	1
Hayes 67	3	3
Hayes 76	5	5
Hayes 91C	1	1
Hayes 99	1	1
Frag. Decorado	1	1
Formas Indeterminadas	25	0
<b>Total</b>	<b>40</b>	<b>15</b>

**Tabela 8** – Distribuição das formas de *terra sigillata* clara D



**Gráfico 7** – Distribuição das formas da *terra sigillata* clara D

### **Forma Hayes 59**

Corresponde a um prato de paredes curvas, baixas, com bordo de aba larga, ligeiramente horizontal. Pode ter caneluras na aba. O fundo é plano ou ligeiramente côncavo. Ostenta frequentemente decoração impressa. Esta forma divide-se em duas variantes: a variante A, situada cronologicamente entre c. 320-380/400, possui pequenos entalhes verticais na parede exterior; a variante B apresenta parede lisa, possuindo uma cronologia entre c. 320-420. Os diâmetros desta forma variam entre os 21 e os 42 cm. (Hayes, 1972, p. 96-100; Carandini e Tortorella, 1981, p. 82).

No espólio em análise identificaram-se dois fragmentos (nº 136) desta forma, fabricados em D1.

### **Forma Hayes 61**

Corresponde a um prato de parede curva e baixa. O bordo é triangular, voltado para o interior ou aplanado no exterior. O fundo é amplo e plano, com decoração impressa. Possui duas variantes: a A com bordos mais encurvados ou verticais, com uma aresta na ligação entre o bordo e a parede, cuja cronologia se situa entre c. 350-400/420 d.C.; a variante B, datada entre c. 400-450, possui um bordo vertical, com tendência a esverter para o exterior, com paredes mais altas que a variante A. Esta forma possui diâmetros entre os 22 e os 41 cm (Hayes, 1972, p. 100-107; Carandini e Tortorella, 1981, p. 83).

No Edifício Sede do Banco de Portugal identificámos dois exemplares pertencentes a esta forma, um correspondente à variante A (nº 134), produzidos no fabrico D2, e outro à variante B (nº 135), com o fabrico D1.

### **Forma Hayes 67**

Esta forma corresponde a uma tigela de grandes dimensões, de paredes curvas, fundo amplo e plano com caneluras. O bordo é largo, elevado, podendo ser achatado, em gancho ou enrolado no lábio. Possui diâmetros entre os 20 e os 45 cm e situa-se cronologicamente entre 360 e 470 d.C. (Hayes, 1972, p. 112-117; Carandini e Tortorella, 1981, p. 88).

No conjunto de *sigillatas* em estudo identificaram-se três fragmentos pertencentes a esta forma. Um dos fragmentos (nº 139) apresenta o engobe muito uniforme e bem polido, correspondendo à segunda fase do fabrico D2. Os outros dois fragmentos (nº 137 e 138) são de pequena dimensão e não nos permitem afirmar com certeza se pertencem a esta forma, sendo contudo com esta que melhor se identificam.

### **Forma Hayes 76**

Trata-se de um prato de grandes dimensões de parede baixa e curva, de bordo plano e amplo, por vezes com pequenos entalhes, como vemos na forma Hayes 73. O fundo é baixo com caneluras internas. O diâmetro desta forma varia entre 25 e 36 cm. Foi produzida entre c. 425 e 475 d.C. (Hayes, 1972, p. 124-125; Carandini e Tortorella, 1981, p. 67).

No espólio em estudo recolheram-se cinco fragmentos desta forma (nº 140 a 142), fabricados em D1.

### **Forma Hayes 91**

Corresponde a um almofariz de paredes hemisféricas com bordo semicircular. Imediatamente após o bordo possui uma aba larga horizontal. O fundo é baixo, ostentando *guilhoché* (“*feather-rouletting*”) no interior. Esta forma apresenta quatro variantes, que correspondem a distintas fases da sua evolução. A variante A, com início de produção em meados do século V, caracteriza-se por ser uma forma muito aberta, com lábio ligeiramente pendente, de perfil angular, com duas caneluras a meio da parede; a variante B é semelhante à anterior mas mais funda e sem as caneluras, com cronologia entre c. 450-530; a variante C possui uma aba mais curta e o bordo mais alto arredondado, sendo produzida entre c. 520-600; e a variante D, uma versão mais pequena da anterior, cuja cronologia se situa entre c. 600-650 d.C. (Hayes, 1972, p.140-144). Alguns investigadores propõem a junção das variantes A e B numa só, pois a distinção feita por Hayes é difícil, senão impossível, de se concretizar em fragmentos de reduzidas dimensões (Viegas, 2003, p. 185). Esta forma situa-se cronologicamente entre meados do século IV e os inícios do VII d.C.

No conjunto estudado identificámos um fragmento de bordo (nº 143) pertencente a esta forma, possivelmente na sua variante C, como nos leva a crer o perfil do lábio. Contudo a aba encontra-se fragmentada o que não nos permite afirmá-lo sem uma ligeira dúvida. Este possui 12 cm de diâmetro e foi produzido na primeira fase do fabrico D1.

### **Forma Hayes 99**

Esta forma corresponde a uma tigela hemisférica com bordo arredondado e espessado e fundo baixo e possui três variantes: a A com fundo de altura média, com bordo largo; a variante B com fundo mais pequeno, ligeiramente triangular; variante C de dimensões mais reduzidas que as variantes anteriores. Apresenta diâmetros entre os 14,5 e os 21 cm

e encontra-se datada dos inícios do século VI até às primeiras décadas do século VII (Hayes, 1972, p. 152-155; Carandini e Tortorella, 1981, p. 109), podendo corresponder, segundo Bonifay (2004, p. 47) a uma produção de Oudhna (Tunísia).

No Edifício Sede do Banco de Portugal identificámos um fundo (nº 144) pertencente a esta forma, contudo devido à sua dimensão, não foi possível identificar a sua variante, com grau de fiabilidade elevado, no entanto a sua integração na variante A poderá ser defendida.

### **Fragmentos decoradas**

Dos 15 indivíduos de *sigillata* clara D recolhidos no Banco de Portugal, um corresponde a um fragmento de parede/fundo (nº 145) cuja forma não conseguimos determinar, porém este ostenta uma decoração composta por rosetas impressas, correspondentes ao estilo A (ii) datado do segundo/terceiro quartel do século IV. As rosetas encontram-se ladeadas por dois sulcos superiores e dois sulcos inferiores que as enquadram. Estes motivos de rosetas ocorrem com frequência juntamente com motivos de folhas de palma. Surgem habitualmente em recipientes das formas Hayes 59, 61A e 67 (Hayes, 1972, p. 239).

#### **6.6.2. Síntese dos resultados no quadro das importações para a Lusitânia**

O conjunto de *sigillata* clara D é composto por 40 fragmentos (15 NMI), sendo o menos numeroso entre as *sigillatas* norte africanas. Apesar de não ser uma amostra muito vasta do ponto de vista quantitativo, é bastante diversificada, possuindo seis formas diferentes. A forma mais frequente é a Hayes 76, com cinco indivíduos, seguida da Hayes 67, com três exemplares. O fabrico dominante é o D1. Como já referimos anteriormente, o acentuado rolamento dos fragmentos nem sempre permitiu a distinção das fases de fabrico dentro do D1 e D2, tendo esta sido feita quando possível.

Tal como acontece com a *sigillata* clara C, também para a *sigillata* clara D possuímos pouca informação sobre os conjuntos existentes.

Para a área de Lisboa, a maioria da informação foi-nos disponibilizada, mais uma vez, através da tese de doutoramento de R. Banha da Silva (2012). No jardim do Palácio dos Condes de Penafiel, na Rua da Regueira - Via Pública, na Praça do Município e na Rua dos Douradores/Rua de São Nicolau existem fragmentos, pouco abundantes, de *sigillata* clara D (Silva, 2012, p. 232-370), não sendo referido, contudo a quantidade e as formas representadas. Na Rua dos Bacalhoeiros, no decurso da escavação dos tanques de



preparados piscícolas foram recolhidos alguns fragmentos de *sigillata* clara D, sendo a forma mais comum a 61A (Fernandes *et al.*, 2011, p. 257). No Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros foram identificados diversos fragmentos de *sigillata* clara D, sendo seis da forma Hayes 67, cinco da Hayes 61, um na variante A, quatro na forma Hayes 73 e um nas formas Hayes 60, 81 e 91D. Foi também identificado um fragmento como imitação da forma Hayes 61 (Bugalhão, 2001, p. 82-169). No fundeadouro da Praça D. Luís I assinalou-se a presença de imitações de *sigillata* clara D nas formas de Hayes 91, 58A, 59, 67 e 61A (Parreira e Macedo, 2013, p. 749). Ainda na Rua dos Fanqueiros, durante a intervenção de emergência numa cetária, em 1993, foram recolhidos seis fragmentos de *sigillata* clara D. Estes correspondem às formas Hayes 91, 61A, 76 e 57, todos com um indivíduo, e à forma Hayes 96, com dois exemplares (Diogo e Trindade, 2000, p. 184).

Constatámos que os espólios de *sigillata* clara D recolhidos na área de Lisboa, publicados até ao momento, são bastante reduzidos numericamente, mas diversificados, apresentando cronologias coincidentes com as do nosso objecto de estudo, ou seja, com uma produção que se estendeu deste o primeiro quartel do IV até aos finais do século V/meados do VI d.C.

Em *Conimbriga*, a *sigillata* clara D é a que apresenta maior variedade formal, no que diz respeito às *sigillatas* norte africanas, sendo também a que apresenta mais fragmentos. Assim as formas mais frequentes são a Hayes 61, 58, 59, e 67, estando também presentes as formas Hayes 60, 66 e 63 em menor quantidade (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 261-284).

Em Santarém, no decorrer das intervenções recolheram-se inúmeros fragmentos de *sigillata* norte africana, sendo a maioria *sigillata* clara D. Esta categoria encontra-se representada por 17 exemplares da forma Hayes 61, 13 na Hayes 76, 12 indivíduos da Hayes 59, 10 fragmentos da Hayes 58, oito na Hayes 67, três na Hayes 91B, dois na Hayes 71 e um fragmento nas formas Hayes 63, 87, 99, 110, Atlante XLVI,7 e Waagé 1948 (Viegas, 2003, p. 174).

Em Tróia foram recolhidos inúmeros fragmentos de *sigillata* clara D, sendo a forma mais frequente a Hayes 61 com 134 indivíduos. Neste conjunto estão também presentes as formas Hayes 59 com 130 fragmentos, Hayes 67 com 122 exemplares, as formas Hayes 52, 58, 60, 62A, 63, 71, 73, 76 e 91 com menor número de indivíduos (Silva, 2010, p. 61-81; 94-100). Também provenientes de Tróia se inventariaram, entre 1988 e 1990, 2672 fragmentos de *sigillata*, dos quais 1429 pertenciam a *sigillata* clara D. A forma mais

representada é a Hayes 67 com 285 exemplares, seguida das formas Hayes 61 com 266 indivíduos, da Hayes 59 com 260 fragmentos e da Hayes 58 com 129 fragmentos (Étienne, Makaroun e Mayet, 1994, p. 24-46). No fundeadouro de Tróia foram recuperados sete fragmentos desta *sigillata*, correspondendo três à forma Hayes 58B, um à Hayes 61A, dois à forma Hayes 67 e um à Hayes 91B (Fonseca, 2004, p. 436).

Em Alcácer do Sal apenas um fragmento foi identificado como pertencendo à *sigillata* clara D. Este corresponde à forma Hayes 59B, estando decorado com círculos concêntricos e *chevrons*, no estilo Hayes A (ii), situando-se cronologicamente nos inícios do século V d.C. (Viegas, 2014, p. 762).

Em Chãos Salgados a amostra de *sigillata* clara D é a menos representada entre a *sigillata* norte africana, sendo composta por apenas 149 NMI. A forma maioritária neste conjunto é a Hayes 58B com 30 indivíduos, seguida da Hayes 59B com 23 exemplares. A variante A da Hayes 59 encontra-se representada apenas com dois fragmentos. Este espólio integra também as formas Lamb. 52C, Hayes 32/58, 61, 64, 67 (A e C), 73, 79, 80A, 87, 91A e Guéry, 1970, fig. 69 (Quaresma, 2012, p. 187-210; 245-248).

Em *Ossonoba* esta cerâmica é a mais abundante das *sigillatas* norte africanas, com 109 indivíduos. As formas mais numerosas são a Hayes 67, 61, 59 e 58. Encontram-se também representadas, em menor número, as formas Hayes 56, 60, 63, 64, 76, 91, 99, 103 e 104 (Viegas, 2011, p. 163 e 164).

Em *Balsa*, o conjunto de *sigillata* clara D é composto por 135 indivíduos, sendo a forma mais antiga a Hayes 58, datada de inícios do século IV, e as mais tardias são as formas Hayes 104, 105 e 109, datadas dos finais do VI/inícios do VII. As formas mais abundantes são a Hayes 67, Hayes 76 e Hayes 99. No conjunto encontram-se identificadas também as formas Hayes 32, 59, 60, 61, 81A, 84, 87, 91 e 94A em menor número. Possui ainda fragmentos que ostentam decoração, os quais não foi possível enquadrar em nenhuma forma (Viegas, 2011, p. 333-338).

Em *Baesuri* esta cerâmica está somente presente com um fragmento indeterminado, isto porque a área do Castelo de Castro Marim foi abandonada nos finais do século I ou inícios do século II (Viegas, 2011, p. 463).

O conjunto de *sigillata* clara D do Edifício do Banco de Portugal situa-se, do ponto de vista cronológico, entre os inícios do século IV e meados do século VI d.C., portanto a fraca expressão percentual ainda é mais relevante quanto distribuída por um período tão longo. Este dado indicia uma menor intensidade de actividade nesta área da cidade durante este período. No entanto, e como houve oportunidade de referir a respeito da

*sigillata* clara C, esta menor actividade durante o Baixo Império é algo contraditória com o faseamento admitido para as actividades de produção de preparados piscícolas que, nesta área ribeirinha conheceram um desenvolvimento significativo neste período.

## **6.7. *Sigillata* Hispânica tardia**

### **6.7.1. Caracterização tipológica e do fabrico**

A *sigillata* hispânica tardia do conjunto em análise é composta apenas por dois fragmentos (1 NMI), correspondendo a 0,21% do total das *sigillatas* (Gráfico 2).

As hispânicas tardias, das quais nos ocupámos neste estudo, surgem por volta de 330, chegando a sua produção até inícios do século VI. As peças desta fase caracterizam-se por pastas de menor qualidade, feitas com argilas mais pobres, cozidas a temperaturas mais baixas, de cor rosa-alaranjadas, com vernizes laranjas, porosos, pouco aderentes e opacos, apresentando grandes influências das produções norte africanas (Paz Peralta, 2008, p. 506 e 507; Mezquíz, 1985, p. 109). Os fragmentos do conjunto em estudo apresentam uma pasta de cor alaranjada (Munsell 2.5YR 6/8), com pequenos vácuos e abundantes partículas de micas de pequena dimensão. O verniz possui uma tonalidade acastanhada (Munsell 5YR 5/8), não sendo muito espesso.

Como já referimos, apenas conseguimos caracterizar tipologicamente um fragmento, uma forma lisa.

#### **Forma 8.11 (= Palol 2)**

Corresponde a um prato fundo, produzido em torno a 480, que imita a forma de *sigillata* norte africana Hayes 84, manufacturada entre 440 e 500 d.C.

No Edifício Sede do Banco de Portugal identificámos um fragmento pertencente a esta forma (nº 89). Este apresenta uma pasta de cor alaranjada, com pequenos vácuos e abundantes partículas de micas de reduzida dimensão. O engobe possui uma tonalidade acastanhada, não sendo muito espesso. Assemelha-se às produções das oficinas de *Tritium Magallum* e do vale do Ebro, mais precisamente ao Conjunto A, Grupo 1 de Paz Peralta (2008, p.498), conjunto estabelecido com base nos materiais encontrados na província de Saragoça. O grupo 1 apresenta uma cronologia entre o século III e a primeira metade do IV e caracteriza-se pela pasta ser de “(...) color marrón rojo-claro o naranja claro. La cantidad de carbonato de calcio (CaCO<sub>3</sub>) que contiene recuerda a las producciones del Alto Imperio. En su composición hay cuarzo, mica y feldespato. La pasta es de aspecto granuloso.” (Paz Peralta, 2008, p. 498).

### 6.7.2. Síntese dos resultados no quadro das importações para a Lusitânia

A *sigillata* hispânica tardia encontra-se representada no Banco de Portugal apenas por um indivíduo. Tal como aqui acontece, esta produção não se encontra bem representada nos outros sítios da área de Lisboa que utilizámos para tecer comparações com o nosso caso de estudo, ou não está ainda devidamente estudada. Assim, regista-se um fragmento da forma Drag. 37 no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Bugalhão, 2011, p. 95) e outro exemplar da mesma forma no local onde se identificou o circo (Sepúlveda *et al.*, 2002, p. 255). Na Praça da Figueira, registou-se a presença de 21 fragmentos desta produção, sendo possível enquadrar sete exemplares formalmente nos tipos Drag. 15/17, Drag. 27, Drag. 37t e Ludowici tb tardia (Ribeiro, 2010, p. 74).

Em *Conimbriga*, esta produção também se encontra representada, tendo sido denominada de *terra sigillata* tardia regional, e sendo os fragmentos encontrados inspirados em formas da *sigillata* clara e na Drag. 37 (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 317-335).

Em Santarém, foram identificados 16 exemplares de hispânica tardia, sendo que 11 correspondem às formas Drag. 15/17, Hisp. 5 e 73 e Drag. 37t, existindo ainda fragmentos decorados aos quais não foi possível atribuir forma (Viegas, 2003, p. 195).

Em Tróia recolheram-se dois fragmentos de fabrico tardio, um na forma Drag. 37 e outro na forma Paz 83 (Silva, 2010).

Nas diversas intervenções realizadas na área do Castelo de Alcácer do Sal e na área da necrópole de Senhor dos Mártires foi identificado apenas um exemplar da forma Drag. 37 (Viegas, 2014, p. 762).

Em Chãos Salgados, a *sigillata* hispânica tardia está assinalada pela presença de uma parede que poderá corresponder à forma Drag. 37t ou Drag. 42 (Quaresma, 2012, p. 124-156; 233-237).

Como podemos constatar pelo que acima referimos, esta produção encontra-se mal representada nos conjuntos da área de Lisboa e em alguns sítios do sul da Lusitânia, sendo praticamente ausente nos sítios algarvios, não existindo exemplares em Faro, Balsa, Castro Marim e no Monte Molião. Esta *sigillata* tardia “concorre” com as *sigillatas* norte africanas, tendo esta uma maior incidência nos sítios que mencionámos.

## 7. Análise da cerâmica de cozinha africana:

### 7.1. Caracterização tipológica e do fabrico

O conjunto de cerâmica de cozinha africana do Banco de Portugal é composto por 231 fragmentos (162 NMI).

Esta categoria cerâmica caracteriza-se por possuir uma pasta de cor vermelha-alaranjada, muito porosa e com pequenos elementos de quartzo (Tortorella, 1981, p. 208). As formas desta cerâmica têm uma utilização sobretudo no âmbito doméstico e culinário, constituindo-se essencialmente por tachos, caçoilas e pratos/tampas.

Apresenta três grandes grupos de fabrico: o A, o B e o fabrico C, que se subdivide em fabrico C/A e C/B. Apesar do estado de conservação dos fragmentos foi possível diferenciar o fabrico de 185 exemplares, sendo que 47 indivíduos correspondem ao fabrico A, 15 fragmentos se inserem no fabrico B, seis exemplares no C e 117 indivíduos no fabrico C/A.

Esta cerâmica começou a ser produzida a partir do século I d.C., sendo a sua fase de apogeu em meados do século II d.C., quando surgiram novas formas que serviriam para conter líquidos, como jarras, púcaros e potes, assim como novas variantes das formas já existentes (Aquilué, 1995, p. 71).

O conjunto em estudo possui nove formas diferentes, com as suas respectivas variantes (Tabela 9 e Gráfico 8).

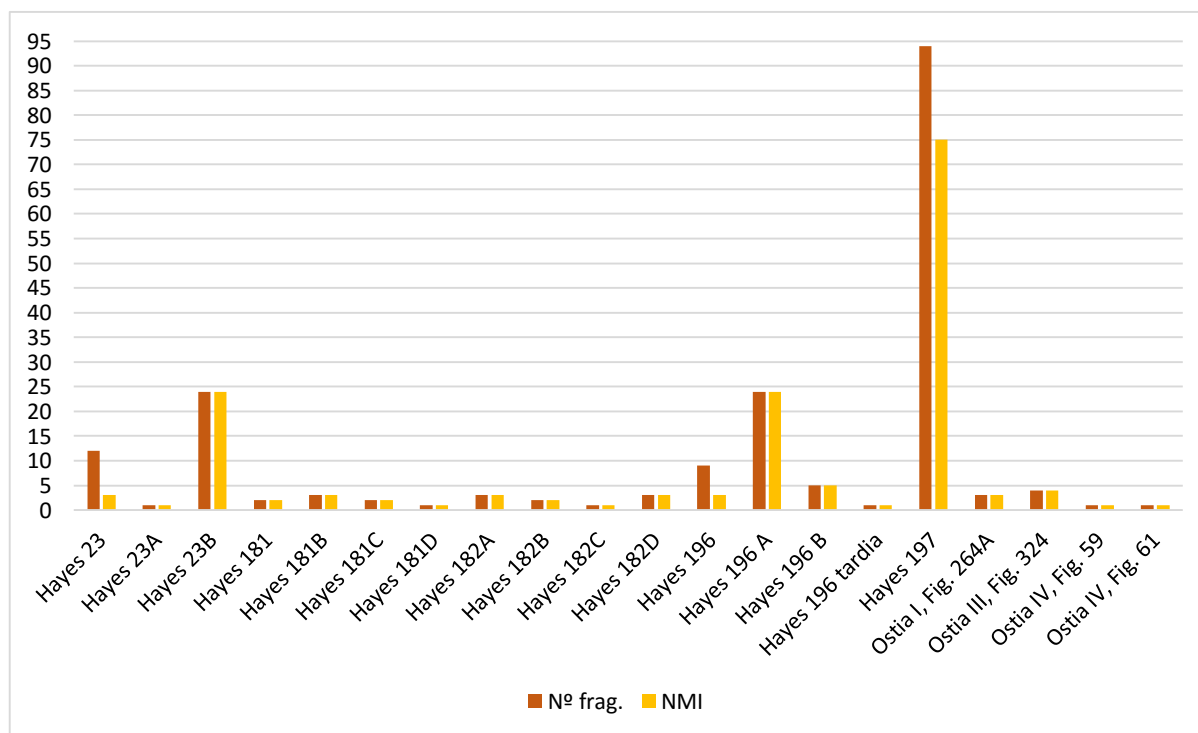
### **Forma Hayes 23**

Corresponde a uma caçoila, de bordo voltado para o interior e fundo convexo e estriado no exterior. Possui duas variantes: a A de menor dimensão e bordo simples, com diâmetros entre os 14 e os 18 cm; e a B de maior dimensão, com bordo de lábio espessado no interior, com diâmetros entre os 20 e os 30 cm. Por vezes estas peças apresentam patine cinzenta na parede exterior do bordo. Esta forma foi produzida no fabrico A, possui engobe interno por norma de tom vermelho-alaranjado, lembrando a *sigillata* clara A. A variante A, foi manufacturada desde os finais do século I aos finais do IV/inícios do V, e a variante B desde a primeira metade do século II d.C. aos finais do IV (Hayes, 1972, p. 45-48; Bonifay, 2004, p. 211).

No Edifício Sede do Banco de Portugal foram recolhidos 28 fragmentos desta forma, sendo que um pertence à variante A (nº 150) e 24 foram identificados com a variante B (nº 151 ao 157). Alguns dos fragmentos ostentam marcas de polimento em bandas no exterior, assim como bandas de patine acinzentada. Dois fragmentos de fundos

CCA	Nº frag.	NMI
Hayes 23	12	3
Hayes 23A	1	1
Hayes 23B	24	24
Hayes 181	2	2
Hayes 181B	3	3
Hayes 181C	2	2
Hayes 181D	1	1
Hayes 182A	3	3
Hayes 182B	2	2
Hayes 182C	1	1
Hayes 182D	3	3
Hayes 196	9	3
Hayes 196 A	24	24
Hayes 196 B	5	5
Hayes 196 tardia	1	1
Hayes 197	94	75
Ostia I, Fig. 264A	3	3
Ostia III, Fig. 324	4	4
Ostia IV, Fig. 59	1	1
Ostia IV, Fig. 61	1	1
Formas Indeterminadas	35	–
<b>Total</b>	<b>231</b>	<b>162</b>

**Tabela 9** – Distribuição das formas de Cerâmica de Cozinha Africana



**Gráfico 8** – Distribuição das formas da Cerâmica de Cozinha Africana

apresentam marcas de utilização ao fogo, o que é comum nestes recipientes, pois seriam utilizados para a preparação de alimentos a quente.

### **Forma Hayes 181**

Esta caçoila possui uma base plana e paredes curvas, com o bordo voltado para o interior. Encontra-se produzida quer no fabrico A, em menor quantidade, quer no B. A produção do fabrico A apresenta engobe tipo “casca de laranja” idêntico ao da *sigillata* clara A e contém três variantes: a variante A, precoce, datada de inícios/meados do século II, possui o bordo espessado e reentrante, com fundo plano; a variante B, a mais comum, encontra-se datada entre os finais do século II e III e possui uma pança mais vertical e por vezes uma carena na junção entre a parede e o fundo; e a variante C, a mais tardia, com uma cronologia entre finais do século IV e a metade do V, que apresenta paredes altas, ligeiramente verticais, com carena por vezes na base e parede externa enegrecida, possuindo engobe no interior (Bonifay, 2004, p. 211-213).

As peças produzidas no fabrico B possuem verniz lustroso com “*politura a strisce*” (Tortorella, 1981, p. 215) e contém quatro variantes: a variante A com o bordo espessado e reentrante, de fundo convexo, situando-se cronologicamente entre os finais do século I (?) e a primeira metade do II; a variante B, de bordo ligeiramente espessado, com fundo plano e amplo, com um pequeno ressalto interior, situando-se cronologicamente entre a primeira metade do século III (?); variante C, com o bordo arredondado, parede bastante curva, fundo plano e amplo, com ressalto no interior na junção com a parede, situando-se cronologicamente entre os finais do século II e o III; e por último, a variante D, de bordo arredondado, parede alta e vertical, fundo amplo e plano, cujo ressalto interno tende a desaparecer, situando-se cronologicamente entre a segunda metade do século IV e a primeira metade do V.

Esta forma possui diâmetros entre os 21 e os 36 cm (Bonifay, 2004, p. 213 e 214; Hayes, 1972, p. 200).

No Edifício Sede do Banco de Portugal foram identificados oito indivíduos como pertencentes a esta forma, sendo que três se enquadram na variante B (nº 160 e 161), dois na variante C (nº 162 e 163), um na variante D (nº 164) e dois fragmentos não nos foi possível determinar a variante. Estes exemplares pertencem todos ao fabrico B, excepto um fragmento da variante B que pertence ao fabrico A.

### **Forma Hayes 182**

Corresponde a um prato/tampa de paredes ligeiramente encurvadas, bordo pendente e voltado para o exterior. Apresenta por vezes uma canelura a meio da parede e polimento em bandas. Possui quatro variantes que se distinguem, em linhas gerais, pela evolução do bordo, que é de lábio pendente na variante A, datada da metade do século II, tornando-se na variante B (datada dos finais do século II/inícios do III) levemente triangular, sendo mais achatado na variante C, com cronologia dos finais do século II e arredondado na variante D, datada do século IV. Foi produzida no fabrico B, tendo diâmetros entre os 22 e 33 cm. Esta forma tem o mesmo padrão de distribuição que a forma Hayes 181, pelo que os investigadores supõem que esta tampa poderá ter servido para tapar as caçoilas (Hayes, 1972, p. 202; Bonifay, 2004, p. 216 e 217).

No conjunto em estudo foram identificados nove fragmentos desta forma, sendo três da variante A (nº 165 e 166), dois da variante B (nº 167), um da variante C (nº 168) e ainda três da variante D (nº 169 a 171).

### **Forma Hayes 196**

Corresponde a um prato/tampa de bordo espessado, ligeiramente convexo. A evolução desta forma verifica-se através do espessamento das paredes e do bordo. Assim, a variante mais antiga denominada como precoce, detém paredes mais finas e bordo menos espessado, e a variante mais recente, denominada de variante tardia, apresenta o bordo bastante mais espesso. As fases intermédias foram designadas como forma clássica A e B, correspondendo às variantes A e B de Hayes, com e sem pé, respectivamente. Esta forma foi manufacturada no fabrico C/A, proveniente do norte da Tunísia. Os diâmetros variam entre os 22.5 e os 36 cm. Cronologicamente situa-se entre meados do século II e os meados do século III d.C. (Hayes, 1972, p. 208 e 209; Bonifay, 2004, p. 225).

No conjunto em análise recolheram-se 33 fragmentos pertencentes a esta forma, sendo enquadrados 24 na variante clássica A (nº 172 e 173), tendo dois indivíduos que ostentam caneluras internas, cinco na variante B (nº 174 e 175), e um na variante tardia (nº 176).

Não conseguimos estabelecer variantes para seis fragmentos.

### **Forma Hayes 197**

Corresponde a um tacho de bordo arredondado com um sulco para encaixe da tampa, paredes ligeiramente verticais, com caneluras internas, e com carena na junção com o fundo côncavo. Este possui caneluras no exterior. Este tipo apresenta três variantes: a



variante precoce, datada dos finais do século II, de menores dimensões e de bordo mais arredondado; a variante clássica, com cronologia dos finais do século II e o século III, mais profunda e de maiores dimensões; e a variante tardia, datada dos finais do século III e inícios do IV, em que o bordo se apresenta mais alto, possuindo um sulco mais diferenciado que as anteriores variantes. Esta forma foi produzida no fabrico C/A. Os seus diâmetros variam entre os 14 e 25 cm (Hayes, 1972, p. 211; Bonifay, 2004, p. 225).

No Edifício do Banco de Portugal foram recolhidos 75 fragmentos desta forma, sendo a forma maioritária no conjunto das cerâmicas de cozinha africana. Assim, 18 fragmentos pertencem à variante precoce (nº 177 ao 180), 15 fragmentos à variante clássica (nº 181 ao 184) e 14 à variante tardia (nº 185 ao 188), sendo que os restantes não nos foi possível enquadrar nas variantes ou por se encontrarem muito rolados ou por não possuírem as partes que permitem a distinção entre ambas. Alguns fragmentos apresentam marcas de utilização ao fogo, o que não é estranho, pois este seria um recipiente utilizado para a confecção de alimentos.

#### **Forma Ostia I, fig. 264A**

Trata-se de um prato/tampa com bordo voltado para o exterior. O bordo apresenta polimento em bandas, tendo sido produzida no fabrico B. Os diâmetros desta forma variam entre os 17 e os 38 cm. Esta forma foi produzida entre os finais do século II até ao século IV (Tortorella, 1981, p. 214; Aguardo Otal, 1991, p. 256). Aguardo Otal dividiu esta forma em duas variantes: a variante A que apresenta um bordo mais recto do que a variante B, sendo que o bordo desta encurva ligeiramente.

No conjunto do Banco de Portugal identificaram-se três indivíduos pertencentes a esta forma, na variante A (nº 192 ao 194).

#### **Forma Ostia III, fig. 324**

Corresponde a uma caçoila pouco profunda, com bordo ligeiramente destacado da parede, por vezes com polimento em bandas no interior. Possui diâmetros entre os 14,4 e os 24 cm e uma cronologia de finais da época Flávia à metade do século II d.C. (Tortorella, 1981, p. 219).

No conjunto em estudo identificaram-se quatro exemplares pertencentes a esta forma (nº 195 ao 197), cujo fabrico não conseguimos determinar.

### **Forma Ostia IV, fig. 59**

Corresponde a um prato/tampa com bordo bastante espessado, recurvado para o exterior e ligeiramente pendente. A parede externa pode possuir caneluras e por norma ostenta polimento em bandas, sendo produzida no fabrico B. Possui diâmetros entre os 22 e os 41 cm e encontra-se datada de finais do século IV e inícios do V d.C. (Tortorella, 1981, p. 213).

No conjunto em estudo identificou-se um fragmento desta forma que ostenta uma banda cinzenta escura na zona externa do bordo (nº 198).

### **Forma Ostia IV, fig. 61**

Trata-se de um prato/tampa de bordo ligeiramente espesso e indiferenciado a partir da parede. Fundo de pé em anel. Por vezes possui ranhuras na parede externa após o bordo, assim como caneluras internas. Os diâmetros desta forma variam entre os 39 e os 39,6 cm. Foi produzida entre os finais do século IV e os inícios do V d.C. (Tortorella, 1981, p. 212).

No Edifício Sede do Banco de Portugal identificou-se um fragmento como pertencente a esta forma (nº 191), produzido no fabrico B.

## **7.2. Síntese dos resultados no quadro das importações para a Lusitânia**

O conjunto de cerâmica de cozinha africana do Banco de Portugal é composto por 162 indivíduos, tendo sido identificadas nove formas. A forma mais numerosa é a Hayes 197, com 75 exemplares, seguida da forma Hayes 196, com 33 indivíduos, e da caçoila Hayes 23, com 28 fragmentos (a maioria da variante B). A forma mais antiga do conjunto é a Ostia III, fig. 324, com uma cronologia entre os finais do século I a.C. e o II d.C., e as formas mais tardias do conjunto são as formas Ostia IV, fig. 59 e Ostia IV, fig. 61, datadas dos finais do século IV e os inícios do V d.C.

Para a cidade de Lisboa, as publicações existentes não nos permitem tecer comentários e comparações sobre esta cerâmica. É previsível que a cidade tenha conhecido uma grande presença de cerâmica de cozinha africana, pois seria um importante porto comercial na época, ao qual chegariam estas peças. Conseguimos apenas comprovar a existência de cerâmica de cozinha africana no teatro, com um fragmento de panela e um fragmento de Hayes 181 (Fernandes, Sepúlveda, Antunes, 2012, p. 51), na Rua dos Fanqueiros, com um fragmento de Hayes 23B (Diogo e Trindade, 2000, p. 186) e no fundeadouro da Praça D. Luís I, onde se recolheram escassos exemplares destas peças, nas formas Hayes 23 e

Hayes 197. Neste local surgiram ainda imitações destas cerâmicas, nas formas já mencionadas, assim como na Hayes 181 e na Hayes 196 (Parreira e Macedo, 2013, p. 749).

Na investigação produzida para o sítio de Tróia, foi possível encontrar referências a esta cerâmica, onde foram identificados 149 indivíduos, sendo a forma mais comum a Hayes 197, seguindo-se a Hayes 196, ambas no fabrico C/A. As formas Hayes 23 (A e B) e 181 (B, C e D) estão ambas presentes, no fabrico A. Com o fabrico B encontram-se as formas Hayes 181, 182 e 185, distribuídas nas suas variantes (Magalhães, Brum e Pinto, 2014, p. 701-705).

Em Chãos Salgados esta cerâmica encontra-se representada por 74 fragmentos, sendo a forma mais abundante a Hayes 23, sobretudo na variante B. Estão presentes também as formas Hayes 181 (B, C e D), Hayes 196 e Hayes 197 (Quaresma, 2012, p. 213-220; p. 249 e 250).

Em Faro, esta cerâmica possui 54 fragmentos, sendo as formas mais frequentes a Hayes 196, Hayes 23B e a Hayes 197. Em menor número encontram-se as formas Hayes 181, Hayes 182, Hayes 183 e Ostia II, fig. 306 (Viegas, 2007, p. 74-82).

Em *Balsa*, o conjunto de cerâmica de cozinha africana é composto por 850 fragmentos, cuja forma mais abundante é a Hayes 196. As formas Hayes 23B, Hayes 197, Hayes 183, Hayes 185, Hayes 181, Hayes 182, Ostia II, fig. 311 e Ostia II, fig. 306 encontram-se presentes também na amostra (Viegas, 2007, p. 74 e 75; 83).

No Monte Molião, a cerâmica de cozinha africana encontra-se representada por 1667 fragmentos, sendo a forma mais abundante a Hayes 196 com 628 indivíduos, seguida da Hayes 197 com 473 exemplares. As formas Hayes 23A, a Sidi Jdidi 3, a Hayes 199 e a Ostia II, fig. 306 são as menos numerosas, com quatro exemplares as duas primeiras, com três indivíduos a última e com apenas um fragmento a Hayes 199. Neste conjunto estão presentes também as formas Hayes 23B, 181, 182 e 184 (Viegas e Arruda, 2014, p. 249-253).

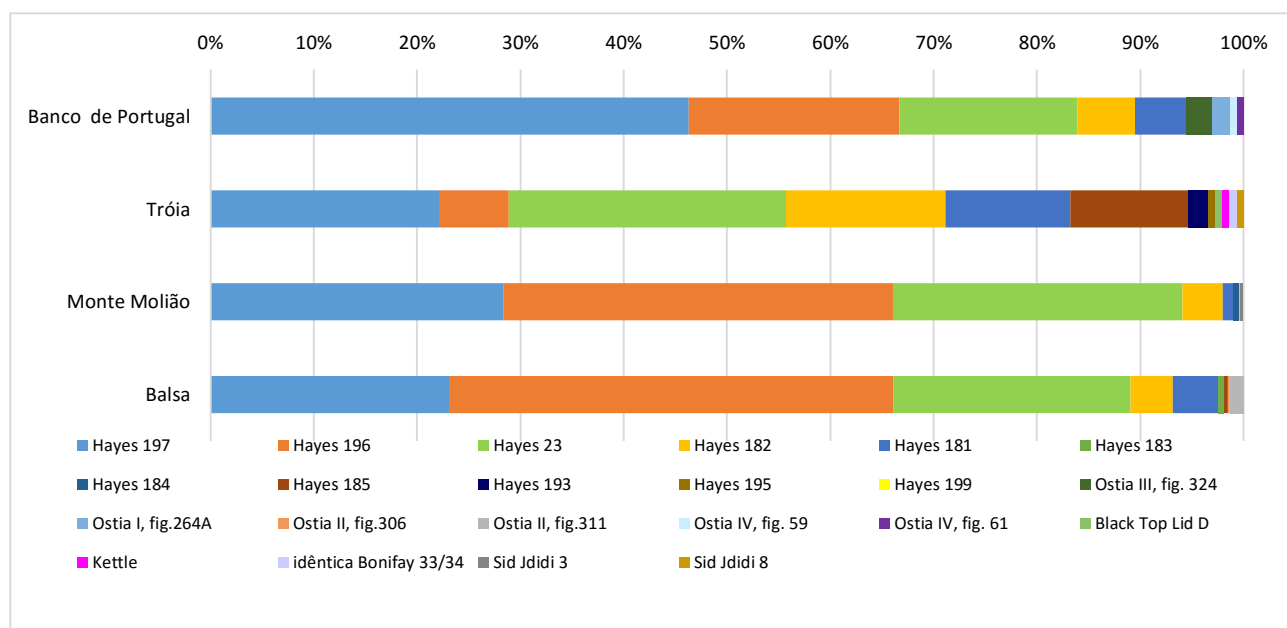
Como já se referiu, esta cerâmica não se encontra ainda devidamente analisada nos estudos realizados na área de Lisboa. Se isso se deve à sua escassez ou inexistência nos contextos estudados, ou meramente a uma opção da investigação, não podemos afirmá-lo, no entanto a sua presença na área do teatro romano, na Rua dos Fanqueiros e no fundeadouro da Praça D. Luís I, leva-nos a inclinar mais para a segunda opção, sendo normalmente dada preferência ao estudo das cerâmicas finas e de armazenamento e

transporte de alimentos, em detrimento das cerâmicas comuns, onde na maioria das vezes esta cerâmica é inserida no decorrer das intervenções.

No restante território português verificámos que no sul existe uma maior abundância desta cerâmica, tendo o Monte Molião 1667 exemplares e *Balsa* 850 indivíduos. Os sítios do sul terão começado a receber estas cerâmicas em torno de meados do século I/primeira metade do século II d.C., com excepção de Castro Marim, que já se encontrava abandonado, sendo os fragmentos de cerâmica de cozinha africana encontrados neste local casos isolados e não indício de uma continuidade da ocupação, como podemos também comprovar pela escassez de *sigillata* norte africana. A importação de cerâmica de cozinha africana para o sul da Lusitânia terá ocorrido até os finais do século IV/inícios do V.

As formas mais frequentes nos sítios que mencionámos acima variam, sendo na maioria dos casos a Hayes 196 (como sucede em Faro, *Balsa* e Monte Molião), o que não se verifica em *Mirobriga* e em Tróia, onde a forma mais comum é a Hayes 23B, seguida da Hayes 196, no primeiro caso, ou da Hayes 197, no caso de Tróia. Como constatámos, no caso do Banco de Portugal, a forma mais frequente é a Hayes 197, seguida da Hayes 196 (Tabela 10 e Gráfico 11). Em termos gerais estas formas têm uma cronologia que se situa entre a primeira metade do século II e os meados do século V.

A abundância do tacho Hayes 197 no Banco de Portugal poderá dever-se ao carácter tardio do conjunto, uma vez que esta forma é bastante comum a partir do século II em diante, quando a actividade industrial e comercial da área em estudo se encontra com maior intensidade. Assim, os dados que obtivemos com o estudo da cerâmica de cozinha africana são compatíveis com o que se observou para a *sigillata*. Efectivamente, estes dados vêm reforçar o peso do consumo neste período, sobretudo durante os séculos II e III, aspecto que a forte presença de *sigillata* clara A já tinha testemunhado.



**Gráfico 11** – Distribuição do número de fragmentos das formas de Cerâmica de Cozinha Africana do Banco de Portugal comparativamente com o Tróia, Monte Molião e Balsa (sítios com mais de 100 indivíduos).

	Banco de Portugal	Tróia	Monte Molião	Balsa
Hayes 197	75	33	473	197
Hayes 196	33	10	628	365
Hayes 23	28	40	467	195
Hayes 182	9	23	66	35
Hayes 181	8	18	17	38
Hayes 183	–	–	–	4
Hayes 184	–	–	8	–
Hayes 185	–	17	–	3
Hayes 193	–	3	–	–
Hayes 195	–	1	–	–
Hayes 199	–	–	1	–
Ostia III, fig. 324	4	–	–	–
Ostia I, fig. 264A	3	–	–	–
Ostia II, fig. 306	–	–	3	2
Ostia II, fig. 311	–	–	–	11
Ostia IV, fig. 59	1	–	–	–
Ostia IV, fig. 61	1	–	–	–
Black Top Lid D	–	1	–	–
Kettle	–	1	–	–
idêntica Bonifay 33/34	–	1	–	–
Sid Jdidi 3	–	–	4	–
Sid Jdidi 8	–	1	–	–
<b>Totais</b>	<b>162</b>	<b>149</b>	<b>1667</b>	<b>850</b>

**Tabela 10** – Distribuição do número de fragmentos das formas de Cerâmica de Cozinha Africana do Banco de Portugal comparativamente com o Tróia, Monte Molião e Balsa (sítios com mais de 100 indivíduos).

## **8. A *terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa e no quadro do comércio para o ocidente peninsular.**

Como tivemos oportunidade de mencionar no decurso deste trabalho, o conjunto de *sigillata* e de cerâmica de cozinha africana recolhido no Edifício Sede do Banco de Portugal apresenta, em linhas gerais, as mesmas características dos demais sítios da Lusitânia. Existem, porém, alguns dados que devem ser destacados, que permitem conhecer melhor a diacronia da ocupação da área ribeirinha de Lisboa e a evolução do consumo destas cerâmicas em *Olisipo*.

É necessário relembrar que os conjuntos cerâmicos e dados com que comparámos a nossa amostra, quer no cálculo da estimativa média anual de importação, quer os dados utilizados para traçar distinções relativamente a outros conjuntos, provêm de sítios com ocupações e funcionalidades distintas, não só os que se localizam em diferentes sítios da área de Lisboa mas também com outros núcleos urbanos da Lusitânia. Trata-se de materiais que resultam de diferentes tipos de intervenções arqueológicas (acompanhamento; investigação; prevenção; salvamento) e que se encontram já estudados, quer em publicações quer em trabalhos de âmbito académico. Não nos podemos esquecer também, ao analisar os dados no Banco de Portugal, que as peças provêm de uma zona de aluviões sem estruturas de época romana que lhes pudessem ser associadas. As diferentes proveniências destes conjuntos originam necessariamente uma significativa disparidade em termos qualitativos e quantitativos, o que nos leva a ser cautelosos no seu tratamento.

No que se refere à *sigillata* de tipo itálico esta é pouco expressiva no conjunto do Banco de Portugal, representando apenas 0,94% do total de fragmentos de *sigillata*, constituindo assim, uma das categorias menos abundantes do espólio por nós estudado. Ora, esta categoria de *sigillata* começou a ser comercializada em *Olisipo* nos finais do século I a.C., durante o principado de Augusto. A fraca representatividade da *sigillata* de tipo itálico nesta amostra, assim como a ausência de cerâmica campaniense, deve-se ao facto de este sítio ter uma ocupação situada sobretudo entre os finais do século I d.C. e inícios do II perdurando até aos finais do século V/meados do VI d.C. Verificou-se igualmente que quer no nosso conjunto quer nos restantes que analisámos o grosso das *sigillatas* de tipo itálico que foi recolhido nestes locais pertence ao serviço II de Haltern.

Tal como sucede no Banco de Portugal, também em Tróia e em *Mirobriga* (Chãos Salgados) a *sigillata* de tipo itálico se encontra escassamente representada. Já em Alcácer do Sal (*Salacia*) e em Santarém (*Scallabis*), este quadro altera-se, e a *sigillata* de tipo

itálico constitui a categoria mais numerosa, sugerindo-se que *Scallabis* terá sido um centro redistribuidor desta cerâmica (Viegas, 2003, p. 294). Nos sítios Algarvios, *Ossonoba* (Faro), *Balsa* (Torre de Ares) e *Baesuri* (Castro Marim), a presença desta categoria cerâmica é idêntica em termos formais, sendo mais abundante em Castro Marim, onde possui cronologias um pouco mais antigas do que em Faro e Torre de Ares. Tal como em Lisboa, as formas mais abundantes pertencem ao serviço II de Haltern, com excepção de Alcácer do Sal, onde a maioria das formas pertence ao serviço I de Haltern. Relativamente à *sigillata* sudgálica do Banco de Portugal, verificámos que o conjunto é bastante homogêneo, correspondendo a 21,83% do total das *sigillatas*, não apresentando uma grande variedade formal, sendo as formas lisas mais frequentes o prato Drag. 18 e a taça Drag. 24/25, e as decoradas mais comuns a Drag. 29 e a Drag. 37, com decorações centradas no período de “esplendor” e de “transição”. Os conjuntos dos sítios que utilizámos como comparação do actual território português possuem semelhanças no que se refere às formas mais comuns, os pratos Drag. 15/17 e Drag. 18 e as taças Drag. 24/25 e Drag. 27, assim como as taças decoradas Drag. 29 e Drag. 37, podendo isso indicar que estas eram as que chegavam a *Olisipo* em maior quantidade e que eram depois encaminhadas para os demais sítios, quer por via marítima, quer por via terrestre. No conjunto do Banco de Portugal recolhemos uma marca do oleiro Senoviri, que laborou em La Graufesenque, não tendo sido identificados outros centros produtores no nosso conjunto. Identificámos ainda dois exemplares de *sigillata* marmoreada, nas formas Ritt. 9 e Drag. 35/36, o que vai ao encontro do que M. Genin afirmou sobre a cronologia desta produção. A autora defendeu que a produção de *sigillatas* marmoreadas decorreu durante um período cronológico mais extenso, surgindo com grande frequência peças marmoreadas na forma Drag. 35/36, já fora da baliza cronológica proposta anteriormente pelos demais investigadores, permitindo assim corroborar esta proposta.

Constatámos também que as primeiras *sigillatas* sudgálicas terão chegado à área ribeirinha em torno da primeira década do século I d.C. e que o grosso das importações ocorreu na época dos Flávios, chegando ainda, embora em menor escala, até ao primeiro quartel do século II.

Relativamente à *sigillata* hispânica, verificámos uma certa uniformidade e monotonia. Esta é a segunda categoria mais abundante, com 28,75% do total do conjunto de *sigillatas*, cujas formas mais comuns representadas são a Drag. 27 e a Drag. 15/17, sendo de assinalar a prevalência do fabrico de *Tritium Magallum* sobre os de Andújar. O padrão de consumo do Banco de Portugal assemelha-se ao que foi observado na maioria dos sítios

que expusemos da área de Lisboa e restante território português, à excepção do espólio recolhido no jardim do Palácio dos Condes de Penafiel, onde o fabrico de Andújar é maioritário. Também nestes sítios, tal como no nosso caso de estudo, existem *sigillatas* hispânicas do tipo Peñaflor, das formas Martínez I, II e III, na maioria dos casos, e *sigillatas* hispânicas tardias, em menor ou maior grau de presenças.

A *sigillata* hispânica, produzida na província da Bética e Tarraconense, terá sido distribuída para Lisboa maioritariamente por via marítima e fluvial, pois a cidade tinha uma posição privilegiada, situada junto ao estuário do rio Tejo e ao principal porto. O mesmo aconteceu, segundo C. Viegas, em Santarém, onde a investigadora comparou o seu caso de estudo com os modelos de importação de *Baelo Claudia* e de *Conimbriga*. Assim constatou que Santarém se aproximaria mais do modelo de importação de *Baelo Claudia*, o “modelo meridional e marítimo”, por oposição ao modelo de *Conimbriga*, o modelo “setentrional e continental”, com uma distribuição maioritariamente terrestre (Viegas, 2003, p. 297).

A cerâmica oriunda do norte de África começou a ser distribuída nos mercados lusitanos nos finais do século I d.C. No Banco de Portugal, a percentagem de *sigillata* clara A é de 31,48%, sendo a categoria mais abundante do espólio estudado. Estes dados não são fáceis de interpretar no quadro do que se conhece para a cidade, mas podem corresponder ao momento de maior intensidade da actividade comercial e industrial nesta área de *Olisipo*. Esta elevada percentagem mostra que foi entre os finais do século I d.C. e a primeira metade do século III que esta área da cidade recebeu a maior parte deste tipo de cerâmica de mesa importada. Isto não sucede nos restantes sítios por nós abordados, onde a *sigillata* clara A, por norma, não ultrapassa os valores da *sigillata* hispânica.

No que respeita à *sigillata* clara A, as formas não se mostram muito variadas no conjunto do Banco de Portugal, sendo a mais frequente a Hayes 14/17. Nos restantes sítios por vezes foi-nos difícil conseguir obter dados quantitativos e formais. Ainda assim, foi possível assinalar a existência desta produção em mais sítios da área de Lisboa, sendo as formas mais comuns a Hayes 3, Hayes 9 e a Hayes 14.

Em Santarém, Alcácer do Sal, *Mirobriga* e Tróia esta produção não é a mais frequente, não tendo substituído de imediato os fabricos hispânicos. Nos sítios algarvios, em *Balsa* e Faro, nos finais do século I esta cerâmica já se encontrava a ser importada, vindo substituir a *sigillata* sudgálica, ainda com grande domínio no comércio desses dois sítios, e a *sigillata* hispânica. Em Castro Marim esta é escassa, pois há indícios do sítio ter sido abandonado nos finais do século I ou inícios do II d.C.



A *sigillata* clara C constitui apenas 12,59% do espólio de *sigillata* recolhido no Banco de Portugal, apresentando apenas seis formas, sendo a mais abundante a Hayes 50 A.

Não possuímos muita informação sobre a presença deste tipo de cerâmica na área de Lisboa, sendo possível determinar que as formas mais frequentes nos sítios são a Hayes 50, não representando conjuntos de grandes dimensões, tal como acontece em Santarém, Tróia, Faro e *Balsa*. Apenas em *Mirobriga* esta é a produção norte africana mais abundante.

A *sigillata* clara D é a menos frequente das *sigillatas* norte africanas encontradas no Banco de Portugal, com 4,20% do conjunto, sendo a forma mais representada a Hayes 76. Nos outros sítios esta produção norte africana é a maioritária.

Na área de Lisboa as formas mais comuns variam de sítio para sítio, sendo frequentes a Hayes 50, Hayes 61, Hayes 73 e Hayes 67, podendo isto indicar uma menor actividade comercial e industrial, assim como um menor consumo desta área da cidade a partir do século III até meados do século VI d.C. No entanto, estes dados parecem contradizer a informação conhecida sobre os ritmos de desenvolvimento da actividade de transformação de preparados piscícolas conhecida nesta área ribeirinha de Lisboa, pelo que estes dados devem ser lidos com prudência.

Através do cálculo da estimativa das quantidades médias anuais, uma metodologia que surgiu inicialmente na numismática e que F. Mayet e A. Bourgeois adaptaram para o estudo das *sigillatas* de *Baelo Claudia*, torna-se possível verificar a média de importação de *sigillata* para os diversos sítios. Este cálculo baseia-se na divisão do número de peças (NMI) de cada categoria pelo número de anos em que decorreu a sua importação. Assim, para a *sigillata* de tipo itálico considerou-se um período de importação de 30 anos, para a *sigillata* sudgálica um período de 50 anos e para a *sigillata* hispânica de 100 anos (Lopes, 1994, p. 95).

Apenas nos foi possível comparar o conjunto em estudo com os conjuntos do Alto Império da área de Lisboa, pois somente para esses possuímos dados concretos para o fazer (Silva, 2012).

Assim, de acordo com o cálculo da estimativa das quantidades médias anuais de importação de *sigillata* (Tabelas 11 e 12 e Gráficos 9 e 10), a *sigillata* de tipo itálico é predominante no conjunto da Praça da Figueira, seguindo-se o conjunto da Rua Augusta, sendo a sua representatividade no Banco de Portugal bastante escassa. Isto relaciona-se com a diferente cronologia dos sítios: a Praça da Figueira ocupada ainda no século I a.C., a Rua Augusta sem elementos anteriores à segunda década do século I a.C. (Silva, 2012,

p. 357), e o Banco de Portugal uma zona de ocupação mais tardia. Nos restantes sítios apresentados esta cerâmica encontra-se representada, mas em menor escala, sendo contudo no Banco de Portugal que se encontra menos abundante.

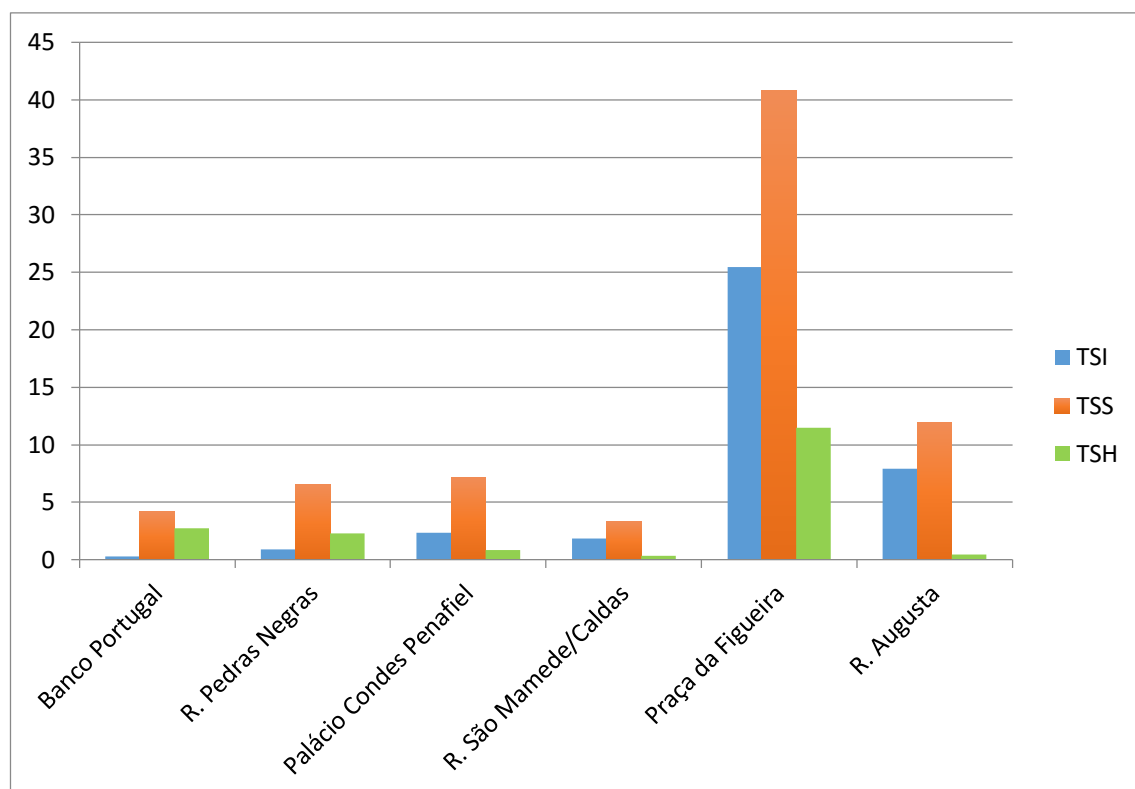
No que diz respeito às estimativas das quantidades médias anuais de importação da *sigillata* sudgálica esta mostra-se bastante homogénea nos conjuntos estudados, sendo novamente os sítios da Praça da Figueira e da Rua Augusta nos quais a representatividade desta categoria é maior. O mesmo já não acontece com a *sigillata* hispânica que, apesar de continuar a ter representação significativa na Praça da Figueira, na Rua Augusta isto já não se verifica, sendo bastante maior a incidência de *sigillata* hispânica no Banco de Portugal.

Não nos foi possível, como já mencionámos, calcular as estimativas de importação médias anuais para as *sigillatas* norte africanas, uma vez que apenas possuímos dados para as *sigillatas* alto imperiais, contudo, sabemos através da amostra de dados publicados do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Bugalhão, 2001) que a existência de *sigillatas* norte africanas é maioritária. Também no fundeadouro da Praça de D. Luís I (Parreira e Macedo, 2013, p. 749), se encontra esta realidade, existindo inclusive imitações de *sigillata* norte africana.

No nosso conjunto não identificámos *sigillata* foceense, ainda assim, a sua ausência não surpreende, uma vez que a amostra de *sigillata* clara D é também ela escassa.

Sabemos então que o auge das importações que atingiram a esta área da cidade ocorreu entre finais do século I d.C. e o século III, quando chegaram as *sigillatas* claras A, podendo corresponder este período ao momento de maior actividade comercial e industrial desta zona de Lisboa.

A cerâmica de cozinha africana levanta-nos alguns problemas de interpretação, isto é, sendo *Olisipo* um sítio privilegiado do ponto de vista comercial e existindo um conjunto considerável desta cerâmica recolhido do Banco de Portugal (162 NMI) é difícil de aceitar que exista uma informação tão limitada para os sítios que utilizámos para comparação na área de Lisboa, apenas existindo dados no teatro romano, na Rua dos Fanqueiros e no fundeadouro da Praça D. Luís I. Este facto deve ter ficado a dever-se não tanto à ausência deste tipo de material nos sítios referidos, mas ao facto de não ter merecido ainda a devida atenção por parte da investigação.



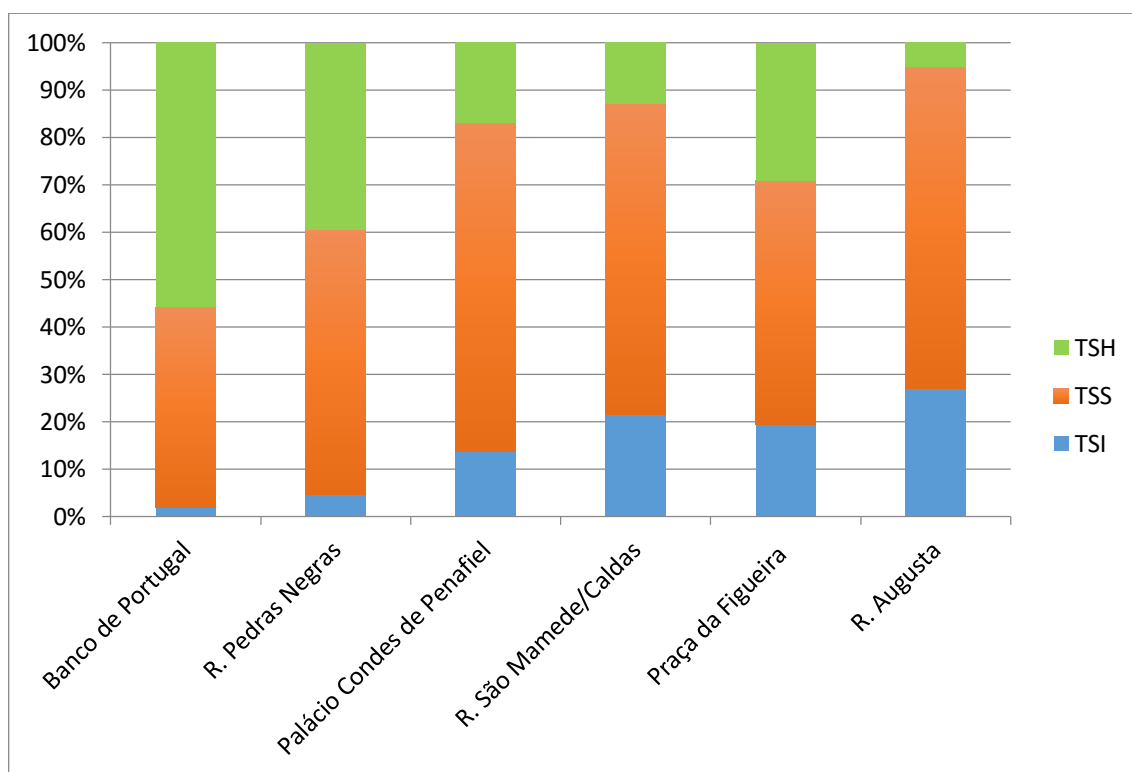
**Gráfico 9** – Estimativa das quantidades médias anuais das diferentes categorias de *terra sigillata* recebida na área de Lisboa.

	TSI	TSS	TSH	Totais
Banco de Portugal	9	208	274	491
R. Pedras Negras	27	326	230	583
Palácio Condes de Penafiel	71	357	87	515
R. São Mamede/Caldas	55	167	33	255
Praça da Figueira	763	2042	1149	3954
R. Augusta	237	597	45	879

**Tabela 11** – Total dos fragmentos das diferentes categorias de *terra sigillata* dos sítios da área de Lisboa.

	TSI	TSS	TSH
Banco Portugal	0,3	4,16	2,74
R. Pedras Negras	0,9	6,52	2,3
Palácio Condes Penafiel	2,37	7,14	0,87
R. São Mamede/Caldas	1,83	3,34	0,33
Praça da Figueira	25,43	40,84	11,49
R. Augusta	7,9	11,94	0,45

**Tabela 12** – Resultados dos cálculos da estimativa das quantidades médias anuais importadas das diferentes categorias de *terra sigillata* nos diferentes sítios da área de Lisboa.



**Gráfico 10** – Distribuição percentual das diferentes categorias de *sigillata* nos sítios da área de Lisboa.

A cidade romana de Lisboa teve certamente um importante papel no fornecimento e distribuição da *sigillata* e da cerâmica de cozinha africana. Sabemos que *Olisipo* possuía vias terrestres que ligavam a cidade a outros pontos importantes do Império Romano, como a via *Olisipo-Augusta Emerita* (Mérida), por exemplo. *Olisipo* teria também um ou mais portos que abasteceriam não só a própria cidade, mas que também serviriam de ligação à rede viária.

Por fim, gostaríamos ainda de discutir algumas das principais características do contexto arqueológico que nos ocupou. Sendo interpretado como uma área da cidade de interface com a zona ribeirinha, ou mesmo como uma área fazendo parte do leito do rio, não podemos deixar de colocar a hipótese de que este sítio possa ter correspondido a um dos portos da cidade de Lisboa, ou de se encontrar nas suas proximidades. Tal como Bernal Casasola sugere a propósito do complexo portuário de Cádiz, as estruturas portuárias podem não estar configuradas no registo arqueológico, uma vez que, na maioria dos casos, estas eram feitas de madeira, material bastante perecível, sendo por vezes reutilizadas ânforas para criar plataformas de drenagem (2010, p. 69-82). O autor refere a existência de uma rede de pequenos portos junto às áreas industriais, já em zona peri-urbana, para o comércio das mercadorias, usando como exemplo o sítio de Los Cargaderos, em Caño de Santi Petri, onde foi identificado um porto construído no período Flávio, com essas características (ânforas reutilizadas para plataformas de drenagem, reforçadas por estacas de madeira) (Bernal Casasola, 2010, p. 70). No fundeadouro da Praça de D. Luís I, também se encontraram cerâmicas de época romana, nomeadamente ânforas e cerâmicas comuns e finas, estando estas espalhadas por uma “(...) grande e concentrada mancha, distribuída por área de cerca de 254 m<sup>2</sup> (...)” (Parreira e Macedo, 2013, p. 747). Para além das cerâmicas foram identificadas pinhas, possivelmente relacionadas com as ânforas, e toros de madeira e barrotes. No decorrer de obras quer junto ao edifício da Marinha, quer no novo edifício Sede da EDP, surgiram contextos que, apesar de anteriores aos encontrados no fundeadouro, levantam a hipótese de esta ser uma realidade que se prolonga pela área ribeirinha (Parreira e Macedo, 2013, p. 748-750). No fundeadouro de Tróia também não existem indícios de estruturas, sendo que o conjunto de *sigillatas* é idêntico ao encontrado no Banco de Portugal. C. Fonseca avança com duas interpretações para a área do fundão: esta ser formada por “(...) restos de uma ocupação de um espaço, onde as embarcações lançavam âncora e permaneciam, mais ou menos tempo, com tripulantes que deitavam os detritos do seu quotidiano directamente para o rio ou que perdiam acidentalmente os materiais.” ou pela “(...) migração para meio

aquático de conjuntos materiais e áreas arqueologicamente importantes, nomeadamente devido à subida do nível médio das águas do mar e ao subsequente rolamento para zonas mais baixas.” (Fonseca, 2004, p. 442).

Assim sendo, a ausência de estruturas no sítio do Banco de Portugal não constitui uma justificação para a não existência de um porto nesse local, sendo que o sítio se encontrava em época romana, debaixo de água, tendo as peças por nós estudadas sido encontradas, como já mencionámos, em níveis de aluvião, e junto ao esteiro do rio e das indústrias, o que facilitaria a entrada de mercadorias para as mesmas.

O estado de conservação das peças, a existência de peças utilizadas ao fogo e a inexistência de peças inteiras levou-nos a supor que os fragmentos estudados terão sido arrastados das áreas industriais e das habitações existentes mais a norte. De facto, em casos de naufrágios seria expectável a existência de peças inteiras o que não acontece no repertório cerâmico recolhido no Banco de Portugal, onde à excepção de escassos fragmentos que ofereceram colagens e originaram assim peças inteiras, nenhuma foi encontrada inteira *in situ*.

É admitido entre os investigadores que as *sigillatas* constituíam cargas subsidiárias das embarcações vindas do Mediterrâneo, isto é, a carga primária seria composta por matérias-primas e bens alimentares transportados em ânforas. Sabemos que juntamente com o conjunto por nós estudado, foram encontrados 2022 fragmentos de ânforas, com várias produções, sendo maioritária a produção Lusitana da zona do Tejo/Sado, seguida da produção do vale do Guadalquivir e da Baía Gaditana. Menos expressivas são as produções Itálicas, Africanas, Gaulesas e do Mediterrâneo Oriental (Rocha *et al.*, 2013, p. 1012).

A pouca expressão das ânforas Africanas, quando comparadas com a abundância de cerâmicas norte africanas, quer de *sigillata* quer de cerâmica de cozinha, parece cada vez mais constituir um padrão na importação dos produtos africanos para a Lusitânia. Recorrendo ao exemplo do naufrágio de Trincere (Tarquinia, Itália), datado dos finais do século II e inícios do III d.C., podemos constatar que 75,96% da sua carga era composta por cerâmica de cozinha africana enquanto tinha apenas 12,5% da carga ocupada por ânforas africanas (Pontacolone e Incitti, 1991, *apud* Viegas, 2011, p. 566). Este naufrágio mostra-nos que a comercialização das cerâmicas norte africanas não era feita de forma secundária num carregamento de bens alimentares.

Em suma, *Olisipo* teria uma intensa actividade mercantil, sendo ponto de chegada, troca e distribuição de produtos alimentares e cerâmicas para diferentes partes da Península

Ibérica, quer por via terrestre quer por via marítima, ou mesmo para os acampamentos militares do *limes germânico* e para a *Britannia*, por via atlântica (Fabião, 1994, p. 240). Os fragmentos estudados forneceram-nos alguns elementos que poderão contribuir para o conhecimento da antiga *Olisipo*, dos seus ritmos de consumo e importação, assim como para o entendimento das suas rotas comerciais.

### **Referências Bibliográficas:**

AGUAROD OTAL, C. (1991) – Cerámica romana importada de cocina en la tarraconense. Zaragoza: Institución Fernando el Católico, p. 256

AMARO, C. (2002) - Percurso Arqueológico através da Casa dos Bicos. *De Olisipo a Lisboa: a Casa dos Bicos*. Lisboa: Comissão nacional para as comemorações dos descobrimentos portugueses. p. 12-27

AMORES, F. e KEAY, S. J. (1999) – Las *sigillatas* de imitación tipo Peñaflor o una serie de hispánicas precoces. In ROCA ROUMENS, M. e FERNÁNDEZ GARCÍA, M. (eds.) – *Terra Sigillata Hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales. Homenaje a M<sup>a</sup> Ángeles Mezquíriz*. Jaén/Málaga: Universidad de Jaén/Universidad de Málaga, p. 235-258.

AQUILUÉ, X. (1995) – La cerámica común Africana. In ROCA ROUMENS, M. e AQUILUÉ, X. (coords.) - *Cerámica comuna romana d'època altoimperial a la Península Ibèrica. Estat de la qüestió*. Empuriès: Museu d'Arqueologia de Catalunya (Monografies Emporitanes; VIII), p. 61-72

ARCELIN, P.; TUFFREAU-LIBRE, M. (dir.) (1998): La quantification des céramiques. Conditions et protocole. *Actes de la table ronde du Centre Archéologique Européen du Mont Beuvray* (Glux-en-Glenne, 7-9 avril 1998). Glux-en-Glenne: Centre Archéologique Européen du Mont Beuvray, Collection Bibracte, 2, 144p.

ARRUDA, A. M. (2002) - Los Fenícios en Portugal. Fenícios e mundo indígena en el centro e sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.). *Cuadernos de Arqueologia Mediterránea*. Barcelona. 5-6, p. 113-224

ARRUDA, A. M.; FREITAS, V. T.; VALLEJO SÁNCHEZ, J. (2000) - As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 3:2, Lisboa. p. 25-59



ARRUDA, A. M.; SOUSA, E.; BARGÃO, P.; LOURENÇO, P. (2008) - Monte Molião (Lagos) – Resultados de um projecto em curso. *XELB*, 8 – Actas do 5º encontro de Arqueologia do Algarve: Silves. p. 161-192

ARRUDA, A. M.; SOUSA, E.; LOURENÇO, P. (2009) – A necrópole romana de Monte Molião (Lagos). *Xelb*, 10 – Actas do 7º encontro de Arqueologia do Algarve: Silves. p. 267-283

BELTRÁN LLORIS, M. (1990) – *Guía de la cerámica romana*. Libros Pórtico. Zaragoza

BERNAL CASASOLA, D. (2010) - Arqueología de los puertos romanos del Fretum Gaditanum: nuevos datos, nuevas perspectivas In XVII International Congress of Classical Archaeology, Session: Portus, Ostia and the Ports of the Roman Mediterranean. Contributions from Archaeology and History. *Bollettino di Archeologia online*. (Roma 22-26 Sept. 2008) Vol I. Volume special, p. 69-82

BERGAMINI, M. (ed. cient.) (2014) - Scoppieto IV - Materiali: terra sigillata decorata a rilievo, Testi di Cristina Troso e Valentina Dezza, con il contributo di Massimo Oddone. Vol. 1. Roma

BOLILA, C. (2011) - *A Terra Sigillata de tipo itálico da Praça da Figueira (Lisboa)*. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa para a obtenção do grau de Mestre. Fotocopiada ou policopiada

BONIFAY, M. (2004) - *Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique*. Oxford: BAR Int. series 1301.

BUGALHÃO, J. (2001) - A indústria romana de transformação e conserva de peixe, em *Olisipo*: o Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros - a intervenção arqueológica. *Trabalhos de Arqueologia*, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 15, 186 p.

BUGALHÃO, J.; ARRUDA, A. M.; SOUSA, E. e DUARTE, C. (2013) - Uma necrópole na praia: o cemitério romano do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Lisboa).

*Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. 16, p. 243–275

BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M.; HUGUET ENGUITA, E. (2008) – Las cerámicas “Tipo Peñaflor”. In BERNAL CASASOLA, D.; RIBERA I LACOMBA, A; (eds.) – *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*. XXVI Congreso Internacional de la Asociación Rei Cretariae Romanae Fautores. Cádiz: Universidad de Cádiz, p.297-306.

BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M. (2013) – *La terra sigillata hispánica en Augusta Emérita. Estudio tipocronológico a partir de los vertederos del subúrbio norte*. Anejos de AEspA LXV. Instituto arqueologia de Mérida.

BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M. (2013-2014) – *La Terra Sigillata Gálica e Hispánica. Evidencias de algo más que una relación comercial*. *Romula*. Sevilha: Revista del Seminario de Arqueología de la Universidad Pablo de Olavide de Sevilla. 12-13, p.561-581

CALADO, M. (2008) – *Olisipo pré-romana. Um ponto da situação*. Lisboa: Apenas. 48 p.

CARANDINI, A. (coords.) (1981) - *Atlante delle forme ceramiche I – Cerâmica fine romana nel Bacino Mediterrâneo. Enciclopedia dell’Arte antica e orientale*. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana

CARANDINI, A. e SAGUI, L. (1981) – Ceramica Africana – Produzione C. In *Atlante delle forme ceramiche I – Cerâmica fine romana nel Bacino Mediterrâneo. Enciclopedia dell’Arte antica e orientale*. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana. p. 58-77

CARANDINI, A. e TORTORELLA, S. (1981) – Ceramica Africana – Produzione D. In *Atlante delle forme ceramiche I – Cerâmica fine romana nel Bacino Mediterrâneo. Enciclopedia dell’Arte antica e orientale*. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana. p. 78-116

DANNELL, G.; DICKINSON, B. e VERNHET, A. (1998) – Ovolos on Dragendorff form 30 from the collections of Frédéric Hermet and Dieudonné Rey. In BIRD, J. – *Form and Fabric. Studies in Rome's material past in honour of B. R. Hartley*. Oxbow Monograph: Oxford. 80. p. 60-109

DELGADO, M.; MAYET, F.; ALARCÃO, A. M. (1975) - Les sigillées. In ALARCÃO, J.; ÉTIENNE, R. (dir.) - *Fouilles de Conimbriga*. 4. Paris: Diffusion E. De Boccard.

DIAS, L. F. (1978) – As marcas de *Terra Sigillata* do Castelo de Alcácer do Sal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. IV. p. 145-154

DIOGO, A. M. (1982) – Mais algumas marcas de terra sigillata itálica de Alcácer do Sal. *Arqueologia*. Porto. 6, p. 82-86.

DIOGO, A. M.; TRINDADE, L. (2000) – Vestígios de uma unidade de transformação do pescado descobertos na Rua dos Fanqueiros, em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 3:1, p. 181-196

ÉTIENNE, R.; MAKAROUN, Y.; MAYET, F. (1994) – *Un grand complexe industriel a Tróia (Portugal)*. Paris: Diff. E. de Boccard. 189 p.

ETTLINGER, E.; HEDINGER, B.; HOFFMANN, B.; KENRICK, P.; PUCCI, G.; ROTH-RUBI, K.; SCHNEIDER, G.; SCHNURBEIN, S. V.; WELLS, C. M.; ZABEHLICKY -SCHEFFENEGGER, S. (1990) – *Conspectus Formarum Terrae Sigillatae Italico Modo Confectae*. Bonn: Dr. Rudolf Habelt GmbH. (Materialen zur romisch- germanischen Keramik 10).

FABIÃO, C. (1992) - A romanização do actual território português. In MATTOSO, J., ed. - *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores. Vol. I, p. 202-299.

FABIÃO, C. (1994) - O Azeite da Bética na Lusitânia. *Conimbriga*. Coimbra. 32-33, p. 219-245.

FABIÃO, C. (2009) - Modelos Forenses nas Cidades da *Lusitania*: Balanço e Perspectiva. In NOGALES BASARRATE, T. (ed.) - Ciudad y foro en Lusitania Romana, Cidade e foro na Lusitânia Romana, *Studia Lusitana*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano. 4, p. 343-359

FABIÃO, C. (2014) – Por este rio acima: a bacia hidrográfica do Tejo na conquista e implantação romana no ocidente da Península Ibérica. *CIRA-Arqueológica*. 3. Atas congresso conquista e romanização do vale do Tejo. Vila Franca de Xira. p. 9-24

FARIA, A. M. (1999) - Colonização e municipalização nas províncias hispano-romanas: reanálise de alguns casos polémicos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 2:2, p. 29-50.

FERNANDES, L. (2007) - Teatro romano de Lisboa: os caminhos da descoberta e os percursos de investigação arqueológica. *Al-madan*. Almada. 2:15, p. 28-39

FERNANDES, L. (2009) - Capitel das *Thermae Cassiorum* de *Olisipo* (Rua das Pedras Negras, Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 12:2, p. 191-207

FERNANDES, L.; MARQUES, A.; FILIPE, V. e CALADO, M. (2011) – A transformação de produtos piscícolas durante a Época Romana em *Olisipo*: o núcleo da Rua dos Bacalhoeiros (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia 14. p. 239-261

FERNANDES, L.; SEPÚLVEDA, E; ANTUNES; M. (2012) – Teatro romano de Lisboa: sondagem arqueológica a sul do monumento e o urbanismo de *Olisipo*. *Al-madan*. Almada. 2:17, p. 44-55

FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I. e RUIZ MONTES, P. (2005) – *Sigillata* Hispânico de origem Bético. In ROCA ROUMENS, M. e FERNÁNDEZ GARCÍA, M.I. (coords.) – *Introducción al estudio de la cerámica romana. Una breve guía de referencia*. Universidade de Málaga. Monografia nº1 de CVDAS revista de Arqueologia e Historia. p. 139-181

FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I. e ROCA ROUMENS, M. (2008) - Producciones de *Terra Sigillata* Hispánica In BERNAL CASASOLA, D.; RIBERA I LACOMBA, A. (eds.) – *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*. XXVI Congreso Internacional de la Asociación Rei Cretariae Romanae Fautores. Cádiz: Universidad de Cádiz. p. 307-332

FILIPE, I. e FABIÃO, C. (2007) – Uma unidade de produção de preparados de peixe de época romana na Casa do Governador da Torre de Belém (Lisboa): uma primeira apresentação. *Arqueologia e História*. Lisboa. 58/59 (2006-2007). p. 103-118.

FILIPE, I. (2011) – *Casa do Governador da Torre de Belém: o caso de uma unidade de produção de preparados de peixe no âmbito da economia romana*. Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa para a obtenção do grau de Mestre. Fotocopiada ou policopiada

FILIPE, V.; CALADO, M. (2007) - Ocupação Romana no Beco do Marquês de Angeja, Alfama evidências de estruturas termais junto da porta Nascente de *Olisipo*. *Al-madan*. Almada. 2:15, p. 5-6 (Adenda electrónica)

FILIPE, V. (2008) - *As ânforas do teatro romano de Lisboa*. Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa para a obtenção do grau de Mestre. Fotocopiada ou policopiada

FONSECA, C. (2004) - A *terra sigillata* do fundeadouro de Tróia. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 7:1; p. 421-449

GENIN, M. (2007) – La sigillée marbrée. In *La Graufesenque (Millau, Aveyron). Sigillées lisses et autres productions*. Études d'Archéologie urbaine. Éditions de la Federation Aquitania: Aquitania. 2. p. 155-161

HAYES, J. W. (1972) - *Late Roman pottery*. The British School at Rome. Londres.

LOPES, M. C. (1994) – A sigillata de Represas (Colecção F. Nunes Ribeiro). Tratamento informático. Coimbra: Instituto de Arqueologia.

LÓPEZ ROSENDO, E. (2010) – Los talleres alfareros del Jardín de Cano (El Puerto de Santa María, Cádiz). La producción cerámica de Gades en torno al cambio de era. In *Rei Cretariae Romanae Fautorum*. Acta 43. Bonn. p.411-419

MAGALHÃES, A. P.; BRUM, P.; VAZ PINTO, I. (2014) – The significance of African Cooking Ware in Lusitania: The Case of Tróia (Portugal). In *Rei Cretariae Romanae Fautorum*. Acta 43. Bonn. p. 701-708

MARTIN, T. (1986) – Montans. In BÉMONT, C. e JACOB, J-P (eds.) – *La terra sigillée gallo-romaine. Lieux de production du Haut-Empire: implantaciones, produits, relations*. Documents d'Archéologie Française nº6. Paris: Edition de la Maison des Sciences de l'Homme. p. 58-77

MARTIN, T. (2005) – Périphe Aquitain, commerce transpyrénéen et diffusion atlantique des céramiques sigillées de Montans en direction des marchés du Nord et du Nord-Ouest de la Péninsule Ibérique. In NIETO, X.; ROCA ROUMES, M.; VERNHET, A. E SCIAU, P. (eds.) – *La difusió de la Terra Sigillata Sudgállica al nord d'Hispania*. Monografies 6. Barcelona: Museu d' Arqueologia de Catalunya. p.21-62

MAYET, F. (1984) - *Les céramiques sigillées Hispaniques: contribution à l'histoire économique de la Péninsule Iberique sous l'Empire Romain*. (Coll. de la Maison des Pays Ibériques; 21). Bordeaux.

MEES, A. W. (1995) – Modellsignierte Dekorationen auf südgallischer *Terra Sigillata*. Allard W. Mees. Landesdenkmalamt Baden-Württemberg. Stuttgart: Theiss.

MEES, A. W. (2014) – Punzen gestempelter südgallischer Reliefsigillata aus den Werkstätten von La Graufesenque / Teil 1. Menschen – Götter – mythologische Figuren. Römisch-Germanisches Zentralmuseum Forschungsinstitut für Archäologie.

MEZQUÍRIZ, M. A. (1961) – *Terra Sigillata Hispánica*. In *Monografías sobre cerámica hispánica*. The William L. Bryant Foundation. Valencia.

MEZQUÍRIZ, M. A. (1985) – *Terra sigillata ispanica*. In *Atlante delle forme ceramiche II – Cerámica fine romana nel Bacino Mediterráneo (Tardo Ellenismo e Primo Impero)*. *Enciclopedia dell'Arte antica e orientale*. Roma.

MORAIS, R. (2005) – *Autarcia e comércio em Bracara Augusta. Contributo para o estudo económico da cidade no período Alto-Imperial*. Bracara Augusta. Escavações arqueológicas, 2. Braga

Munsell Soil Color Charts (1994) – Revised Edition

NOLEN, J. (1994) – *Cerâmicas e Vidros de Torre de Ares, Balsa, incluindo o espólio ósseo e medieval*. Lisboa: SEC, MNA, IPM.

OXÉ, A.; COMFORT, H.; KENRICK, P. (2000) – *Corpus Vasorum Arretinorum* (2ª Edição), Bonn: Dr. Rudolf Habelt GmbH.

PAIS, J.; MONIZ, C.; CABRAL, J.; CARDOSO, J.; LEGOINHA, P.; MACHADO, S.; MORAIS, M. A.; LOURENÇO, C.; RIBEIRO, M. L.; HENRIQUES, P. & FALÉ, P. (2006) - Notícia Explicativa da Carta geológica 1:50.000, nº 34-D, Lisboa. Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação. 74 p.

PARREIRA, J. e MACEDO, M. (2013) - O fundeadouro romano da Praça D. Luís I. *Congresso de 150 Anos Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 747-754.

PASSELAC, M. e VERNHET, A. (1993) - *Céramique sigillée sud-gauloise*. In *Lattara. 6, Dicocer : dictionnaire des céramiques antiques (VIIème s. av. n. è. - VIIème s. de n. è.) en Méditerranée nord-occidentale (Provence, Languedoc, Ampurdan)*. Lattes (France): Edition de l'Association pour la recherche archéologique en Languedoc oriental. p. 569-580

PAZ PERALTA, J. A. (2008) - Las producciones de *terra sigillata* intermedia y media. In BERNAL CASASOLA, D.; RIBERA I LACOMBA, A. (eds.) – *Cerámicas*

*hispanorromanas. Un estado de la cuestión.* XXVI Congreso Internacional de la Asociación Rei Cretariae Romanae Fautores. Cádiz: Universidad de Cádiz. p. 495-539

PIMENTA, J. (2004) - As Ânforas Romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa). *Trabalhos de Arqueologia*, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 41, 163 p.

PIMENTA, J.; CALADO, M.; LEITÃO, M. (2005) - Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, p.313-334

PIMENTA, J.; GASPARGAS, A.; GOMES, A.; MOTA, N. e MIRANDA, P. (2014) - O estabelecimento romano republicano de *Olisipo*: estrutura e contextos do Beco do Forno do Castelo, Lote 40 (n. 16-20) - Lisboa. *CIRA-Arqueológica*. 3. Atas congresso conquista e romanização do vale do Tejo. Vila Franca de Xira. p. 122-148

POLAK, M. (2000) – South Gaulish *Terra sigillata* with potter's stamps from Vechten. *Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta – Supplementum* 9. Nijmegen.

PUCCI, G. (1985) – *Terra Sigillata Italica*. In *Atlante delle forme ceramiche II – Cerâmica fine romana nel Bacino Mediterrâneo (Tardo Ellenismo e Primo Impero)*. *Enciclopedia dell'Arte antica e orientale*. Roma. p. 268-406

PY, M.; ADROHER AUROUX, A. e RAYNAUD, C. (1993) - *Lattara. 6, Dicocer: dictionnaire des céramiques antiques (VIIème s. av. n. è. - VIIème s. de n. è.) en Méditerranée nord-occidentale (Provence, Languedoc, Ampurdan)*. Lattes (France): Edition de l'Association pour la recherche archéologique en Languedoc oriental

QUARESMA, J. C. (2003) – *Terra sigillata* sudgálica num centro de consumo: Chãos Salgados, Santiago do Cacém (*Mirobriga?*). *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 30. 292 p.

QUARESMA, J. C. (2012) - *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Mirobriga?)*. Lisboa: Uniarq (Col. *Estudos e Memórias*, n.º 4).



RIBEIRO, J. C. (1994) – Felicitas Iulia *Olisipo*, algumas considerações em torno do catálogo Lisboa Subterrânea. *Al-madan*. Almada. 2:3, p. 75-95

RIBEIRO, I. (2010) - *A Terra Sigillata Hispânica da Praça da Figueira (Lisboa)*. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa para a obtenção do grau de Mestre. Fotocopiada ou policopiada.

ROCA ROUMENS, M. (2005) – *Terra Sigillata Itálica in* ROCA ROUMENS, M. e FERNÁNDEZ GARCÍA, M.I. (coords.) – *Introducción al estudio de la cerámica romana. Una breve guía de referencia*. Universidade de Málaga. Monografia nº1 de CVDAS revista de Arqueologia e Historia. p. 81-113.

ROCA ROUMENS, M. (2005) – *Terra Sigillata Sudgálica in* ROCA ROUMENS, M. e FERNÁNDEZ GARCÍA, M.I. (coords.) – *Introducción al estudio de la cerámica romana. Una breve guía de referencia*. Universidade de Málaga. Monografia nº1 de CVDAS revista de Arqueologia e Historia. p. 115-137

ROCHA, A. (2013) - A sede do Banco de Portugal: um caso de arqueologia urbana em Lisboa. *Revista Património*. Lisboa. 1. p. 134-141

ROCHA, A.; REPREZAS, J.; MIGUEZ, J.; INOCÊNCIO, J. (2013) - Edifício sede do banco de Portugal em Lisboa. Um primeiro balanço dos trabalhos arqueológicos. *Congresso de 150 Anos Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1011 à 1018

ROMERO CARNICERO, M. V. (1999) – El taller de las Palmetas. In ROCA ROUMENS, M. e FERNÁNDEZ GARCÍA, M. (eds.) – *Terra Sigillata Hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales. Homenaje a M<sup>a</sup> Ángeles Mezquíriz*, Jaén/Málaga: Universidad de Jaén/Universidad de Málaga, p. 169-208

ROMERO CARNICERO, M. V. e RUIZ MONTES, P. (2005) – T.S.H. en la zona Septentrional de la Península Ibérica. In ROCA ROUMENS, M. e FERNÁNDEZ GARCÍA, M.I. (coords.) – *Introducción al estudio de la cerámica romana. Una breve*

*guía de referencia*. Universidade de Málaga. Monografia nº1 de CVDAS revista de Arqueologia e Historia. p. 184 - 223

SÁNCHEZ, M. A. (1995) – Producciones importadas en la vajilla culinaria romana del Bajo Guadalquivir. In ROCA ROUMENS, M. e AQUILUÉ, X. (coords.) - *Ceràmica comuna romana d'època altoimperial a la Península Ibèrica. Estat de la qüestió*. Empuriès: Museu d'Arqueologia de Catalunya (Monografies Emporitanes; VIII), p. 251-280.

SANTOS, C. (2011) - *As cerâmicas de produção local do centro oleiro romano da Quinta do Rouxinol*. Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa para a obtenção do grau de Mestre. Fotocopiada ou policopiada Lisboa. Policopiado.

SEPÚLVEDA, E.; FARIA, J. C.; FERREIRA, M. (2000) – Cerâmicas Romanas do lado Ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 1: a Terra Sigillata. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 3:2, Lisboa, p. 119-152.

SEPÚLVEDA, E.; AMARO, C. (2007) – Casa dos Bicos 25 anos depois – Marcas de oleiro em *terra sigillata*. *Al-madan*. Almada. 2:15, pp. VIII- 1 a 9 (adenda electrónica).

SEPÚLVEDA, E.; FERNANDES, L. (2009) – As marcas de *Terra Sigillata* de tipo itálico do Teatro Romano de Lisboa (campanhas 2005/2006). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12:1. p. 139-168.

SEPÚLVEDA, E.; VALE, A.; SOUSA, V. e GUERREIRO, N. (2002) - A cronologia do circo de *Olisipo*: a *Terra Sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:2, p. 245-275.

SERRANO RAMOS, E. (1999) – Producciones hispánicas precoces. In ROCA ROUMENS, M. e FERNÁNDEZ GARCÍA, M. (eds.) – *Terra Sigillata Hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales. Homenaje a M<sup>a</sup> Ángeles Mezquíriz*, Jaén/Málaga: Universidad de Jaén/Universidad de Málaga, p. 231-233

SILVA, P. (2010) - *A terra sigillata da oficina de salga 1 de Tróia: contextos de escavações antigas (1956-1961) e recentes (2008-2009)*. Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa para a obtenção do grau de Mestre. Fotocopiada ou policopiada

SILVA, R. B. (2005) – *As “marcas de oleiro” em terra sigillata da Praça da Figueira: uma contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc. I a.C. – séc. II d.C.)*. Dissertação apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho para a obtenção do grau de Mestre. Fotocopiada ou policopiada

SILVA, R. B., (2012) - *As marcas de oleiro na terra sigillata e a circulação dos vasos na Península de Lisboa*. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa para a obtenção do grau de Doutor. Fotocopiada ou policopiada

SOTOMAYOR MURO; ROCA ROUMENS, M. e FERNÁNDEZ GARCÍA, M. (1999) – Centro de producción de los Villares, Andújar (Jaén). In ROCA ROUMENS, M. e FERNÁNDEZ GARCÍA, M. (eds.) – *Terra Sigillata Hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales. Homenaje a M<sup>a</sup> Ángeles Mezquíriz*, Jaén/Málaga: Universidad de Jaén/Universidad de Málaga. p. 18-60

SOUSA, E. (2011) - *A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo durante a segunda metade do 1º milénio a.C.* Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa para a obtenção do grau de Doutor. Fotocopiada ou policopiada

TORTORELLA, S. (1981) – Ceramica de cucina, ceramica africana. In *Atlante delle forme ceramiche I – Ceramiche fine romana nel Bacino Mediterraneo. Enciclopedia dell'Arte antica e orientale*. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana p. 208-288

VÁZQUEZ PAZ, J. e GARCÍA VARGAS, E. (2014) - Imitaciones Béticas de *sigillata*: contextos del s. I a.c.-II d. c. en la Plaza de la Encarnación y el Patio de Banderas del Real Alcázar de Sevilla. In GARCÍA FERNÁNDEZ, F. J. e GARCÍA VARGAS, E. (eds.) - *Comer a la moda: Imitaciones de vajilla de mesa en Turdetania y la Bética Occidental*

*durante la antigüedad (s. VI a.C. – VI d.C.). Collecció Instrumenta. 46. Barcelona: Universitat de Barcelona. p. 301-321*

VERNHET, A. (1986) - Centre de production de Millau. Atelier de La Graufesenque. In BÉMONT, C., JACOB, J.P, dir. - *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du Haut Empire: Implantations, produits, relations*. Paris: Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 96-103.

VIEGAS, C. (2003) – *Terra sigillata* da Alcáçova de Santarém – Economia, comércio e cerâmica. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 26.

VIEGAS, C. (2007) – Les céramiques tardives dans les sites du sud-ouest de la Péninsule Ibérique (Algarve – Portugal). In BONIFAY, M. e TRÉGLIA, J.- C., eds. – *LRCW2 Late Roman Coarse wares, cooking wares and amphorae in the Mediterranean*. Archaeology and Archaeometry, vol. I. Oxford: Archaeopress. (BAR Int. series 1662.1), p. 71- 83.

VIEGAS, C. (2011) - *A ocupação romana do Algarve, Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Lisboa: Uniarq (Col. *Estudos e Memórias*, n.º 3).

VIEGAS, C. (2014) – *Terra Sigillata Imports in Salacia* (Alcácer do Sal, Portugal). *Rei Cretariae Romanae Fautorum*. Acta 43. Bonn. p.755-764

VIEGAS C.; ARRUDA, A. M. (2014) – A cerâmica de cozinha africana e as suas imitações em Monte Molião (Lagos, Portugal). In MORAIS, R.; FERNÁNDEZ, A.; SOUSA, M.J. (ed. cient.) – *Monografias Ex Officina Hispana II*. Actas do II Congresso Internacional da SECAH (Braga 2013). Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua en Hispânia: Madrid. p. 247-260

#### Cartografia:

CARTA MILITAR DE PORTUGAL: FOLHA 431 [material cartográfico]/Serviços Cartográficos do Exército – Escala 1: 25000. Lisboa: S. C. E., 1993, 5ª Edição

CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: FOLHA 34-D [material cartográfico]/Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos – Escala 1:50000. Lisboa. 2005, 2ª Edição

Relatório:

ROCHA, A. (2011) – Edifício Sede do Banco de Portugal – Lisboa. Relatório dos trabalhos arqueológicos de 2010 e 2011. Vol. IA – Edifícios Correntes. Lisboa. Relatório policopiado disponível na Biblioteca da DGPC